



Universidade Estadual de Maringá - UEM
Programa de Pós-Graduação em História – PPH

IVANA APARECIDA DA CUNHA MARQUES

EVA PERÓN E A MODA NA POLÍTICA: REVISTA *MUNDO PERONISTA* (1951-1952)



Maringá,
2020

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

IVANA APARECIDA DA CUNHA MARQUES

**EVA PERÓN E A MODA NA POLÍTICA: REVISTA *MUNDO PERONISTA*
(1951- 1952)**

Maringá, 2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

IVANA APARECIDA DA CUNHA MARQUES

EVA PERÓN E A MODA NA POLÍTICA: REVISTA *MUNDO PERONISTA*
(1951- 1952)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre em História.

Área de concentração: *História, cultura e política*. Linha de pesquisa: *História, cultura e narrativas*.

Orientadora: Dr^a Ivana Guilherme Simili

Coorientadora: Dr^a Tania Fátima Calvi Tait

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

M357e

Marques, Ivana Aparecida da Cunha

Eva Perón e a moda na política : revista Mundo Peronista (1951-1952) / Ivana Aparecida da Cunha Marques. -- Maringá, PR, 2020.
119 f.: il. color., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Ivana Guilherme Simili.

Coorientadora: Profa. Dra. Tânia Fátima Calvi Tait.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2020.

1. Perón, Eva, 1919-1952 - Moda - Política. 2. História das mulheres. 3. Argentina - História - Política. 4. América Latina - História política. I. Simili, Ivana Guilherme, orient. II. Tait, Tânia Fátima Calvi, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

CDD 23.ed. 982.062

Elaine Cristina Soares Lira - CRB-9/1202

IVANA APARECIDA DA CUNHA MARQUES

EVA PERÓN E A MODA NA POLÍTICA:
Revista Mundo Peronista (1951-1952)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre em História.

Maringá, 27 de outubro de 2020

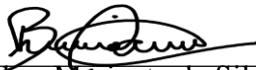
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Ivana Guilherme Simili (orientador)
Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Prof.^a. Dr.^a. Tania Fátima Calvi Tait (coorientadora)
Universidade Estadual de Maringá – UEM - (professora aposentada)



Prof.^o. Dr.^o. Bruno Sanches Marriante da Silva (examinador interno)
Universidade Estadual de Maringá (UEM)



Prof.^a. Dr.^a Isabela Candeloro Campoi (examinador externo)
Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Prof.^o. Dr.^o. Christian Fausto Moraes dos Santos (suplente interno)
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Prof.^o. Dr.^o. Ricardo Tadeu Caires Silva (Suplente externo)
Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

AGRADECIMENTOS

Como sujeitos histórico-sociais, somos um amontoado de experiências com outros indivíduos que, na maioria das vezes, nos marcam, nos ensinam e nos inspiram. Os seguintes agradecimentos são para essas pessoas e encontros.

Agradeço à minha força espiritual, que me move e me encoraja a seguir persistente nos caminhos que eu decido trilhar;

À minha família, que sempre me ensinou sobre beleza e bondade, mas também exerceu as árduas missões de me preparar para enfrentar a truculência do mundo, e me mostrar que o conhecimento rompe estruturas e é um poderoso artifício contra a barbárie e a desigualdade;

Ao meu namorado, por me mostrar que a vida pode ser ainda mais cheia de vida;

À minha orientadora, Ivana Guilherme Simili, por toda a paciência em esperar o meu tempo, pela confiança no meu trabalho e pela dedicação e disponibilidade em me direcionar aos melhores caminhos possíveis na pesquisa;

À Isabela Candeloro Campoi, ex-orientadora, por me abraçar com tanto carinho dentro e fora dos muros da universidade, me impulsionando, entendendo meus limites e apontando minhas qualidades;

Aos meus amigos, donos de ouvidos atentos, conselhos frutíferos e construtivos, e mãos que nunca mediram esforços para me ajudar. Minha gratidão especial ao amigo Gabriel Beltrame Ruzzon, por ter me aberto as portas de sua casa para me receber durante o primeiro ano do mestrado;

À educação pública e de qualidade e à todos os professores que passaram pela minha vida, principalmente os da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e Universidade Estadual de Maringá (UEM), por, além de me auxiliarem no meu crescimento profissional e acadêmico, colaborarem na minha formação humana;

Aos membros da banca de qualificação e defesa por aceitarem ler meu trabalho e o fazerem com tanto carinho, empenho e competência;

À Capes, pela concessão da bolsa de estudos, a qual me permitiu dispensar maior tempo e dedicação à construção desse trabalho.

Obrigada!

Tudo, absolutamente tudo, neste mundo contemporâneo foi feito à medida do homem. Nós, mulheres, estamos ausentes nos governos. Estamos ausentes nos parlamentos, nas organizações internacionais. Não estamos nem no Vaticano nem no Kremlin. Nem nos Estados maiores dos Imperialismos. Nem nas comissões de energia atômica. Nem nos grandes consórcios. Nem na maçonaria. Nem nas sociedades secretas. E, contudo, estivemos sempre na hora da agonia e em todas as horas amargas da humanidade. É como se a nossa vocação não fosse substancialmente a de criar, mas a do sacrifício.

Eva Perón

RESUMO

Maria Eva Duarte de Perón (1919-1952) se configurou como uma figura emblemática na história da América Latina do século XX. Seu protagonismo no populismo argentino possibilitou o desenho de contornos muito específicos e singulares para esse projeto político, o que explica, de certa forma, o grande número de interpretações históricas e historiográficas a seu respeito. Evita, mulher de passado humilde e com uma carreira artística traçada sem sucesso, ascendeu ao poder como primeira-dama em 1946 e foi recebida com aversão pelos grupos da elite argentina. Ganhou popularidade, principalmente devido a sua presença direta na política, desenvolvendo ações em prol dos chamados *descamisados*, e atribuindo rosto e beleza a esse governo. Paulatinamente, foi sendo apropriada – e se deixou apropriar – como símbolo *oficial* pelo Estado peronista, em que se utilizou da imprensa e propaganda, como é o caso da revista *Mundo Peronista* (1951-1955), para, entre outras coisas, propagar a sua imagem. Buscando entender a construção da figura política de Eva Perón, o presente trabalho se pautou em pressupostos da moda, ou seja, na sua visualidade, gestualidade e indumentária, apresentadas pelo periódico supracitado por meio de fotografias e textos supostamente escritos por ela. Se realizou uma análise acerca da sua trajetória de vida antes de casar com Perón e chegar ao cenário político, assim como, uma pesquisa sobre o papel desempenhado pela imprensa sob o peronismo. A partir disso, foi possível estudar elementos centrais na construção da representação política de Eva no periódico, como, por exemplo, seu cabelo, suas roupas e joias, seus aspectos gestuais, etc., tudo isso vinculado ao protagonismo de uma indústria cultural e da moda que exercia grande influência na composição da imagem político- social dessa primeira-dama.

Palavras-chave: Eva Perón; *Mundo Peronista*; Moda.

ABSTRACT

Maria Eva Duarte de Perón became a figure head of Latin American history during the 20th century. Her protagonism in Argentine populism made it possible to outline specific areas for this political Project, which explains, in a way, the huge number of historical interpretations and historiographies about her. Evita, a woman of humble beginnings and an unsuccessful artistic career, came to power as First Lady in 1946 and was not well-received by the Argentine elite. She gained popularity, mainly due to her direct presence in politics, acting in favour of the so-called shirtless, and giving face and beauty to this government. Gradually, it was appropriated - and let herself be appropriated - as official symbol by Peronist State, which used the press and propaganda, as is the case of *Peronist World* magazine (1951-1955), for, among other things, to propagate her image. Seeking to understand the development of the Eva Perón political figure, the present study seeks to corroborate the design of political figure of Eva Perón. That being said, the purpose of this study is to examine of the political image of Evita - embodied by Peronism -, based on assumptions of fashion—in other words, her visibility, gestures, and outfits, presented by the previously cited periodical through photographs and texts supposedly written by her. For that purpose, was carried out an analyze about her career before she got married with Perón and entrance into the political scene, as well as a review of the role of the press in Peronism. This way, it was possible to study the key elements of Eva's political representation design in this period such as her hair, her clothes and jewelry, her gestural aspects, and etc., all of which entailed with a cultural industry and the trends which exercised a strong influence in the composition of first lady political-social image.

Keywords: Eva Perón; *Peronist World*; Trend.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Eva no filme <i>La cabalgata del circo</i>	25
Figura 2: Eva e Pedro Alcaraz.....	26
Figura 3: Eva recebe e lê cartas entregues por pessoas humildes.....	34
Figura 4: Já à noite, Eva deixa seu escritório.....	36
Figura 5: Eva Perón antes de seu falecimento.....	49
Figura 6: Pedro Ara e o cadáver de Eva Perón.....	50
Figura 7: Imagens das capas da revista <i>Mundo Peronista</i>	68
Figura 8: Eva é fotografada sorrindo.....	71
Figura 9: Eva, em sua cama hospitalar, vota pela primeira vez.....	72
Figura 10: Evita discursa ao povo argentino.....	73
Figura 11: Eva no Teatro Colón, em 1949.....	81
Figura 12: Eva é condecorada com a Ordem do Cruzeiro do Sul.....	82
Figura 13: Eva posa para foto na residência presidencial.....	83
Figura 14: Christian Dior era seu estilista favorito. Aqui um dos vestidos mais emblemáticos desenhados por ele.....	84
Figura 15: Eva discursa para visitantes estrangeiros.....	85
Figura 16: Em destaque, Eva Perón e Carmen Polo.....	86
Figura 17: Eva participa de um jantar em Barcelona.....	87
Figura 18: Na Argentina, Eva complementa seu <i>look</i> com um chapéu.....	88
Figura 19: Eva discursando aos <i>descamisados</i>	90
Figura 20: Eva com cabelos soltos, fotografa ao lado de Perón.....	92
Figura 21: O coque trançado de Eva Perón.....	94
Figura 22: Greta Garbo.....	95
Figura 23: Zully Moreno.....	96
Figura 24: Veronica Lake.....	97
Figura 25: A assinatura de Eva Perón.....	103
Figura 26: <i>Seção da revista Mundo Peronista</i>	105
Figura 27: O povo argentino exige informações sobre Eva Perón.....	106
Figura 28: Eva Perón desfila pelas ruas de Buenos Aires – 1952.....	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Sistematização das capas da revista <i>Mundo Peronista</i>	67
---	----

LISTA DE ABREVIACÕES

CGT – Confederação Geral do Trabalho

ESP – Escola Superior Peronista

FEP – Fundação Eva Perón

GOU – Grupo de Oficiales Unidos

MP – Mundo Peronista

PJ – Partido Justicialista

PL – Partido Laborista

PPF – Partido Peronista Feminino

SIP – Secretaria de Informação Peronista

UBA – Universidade de Buenos Aires

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
AS VÁRIAS FACES DE EVA: PARA ALÉM DAS DICOTOMIAS	19
1.1 O fenômeno populista argentino: o peronismo e as mulheres.....	20
1.2 Eva Perón e os antecedentes de sua vida política: um resumo.....	23
1.3 O compartilhamento de uma causa pública: o sufrágio feminino e a liderança de Eva Perón.....	29
1.4 “Voltarei e serei milhões”: as releituras acerca da figura de Evita.....	44
1.5 A mitificação da Madona de los descamisados.....	49
CAPÍTULO II	
EVA PERÓN NA REVISTA <i>MUNDO PERONISTA</i> (1951-1955): A IMPRENSA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO	55
2.1 A imprensa argentina sob o primeiro governo peronista (1946-1955).....	56
2.2 De um peronista à outro: a história e origem da revista <i>Mundo Peronista</i>	60
2.3 Eva Perón e a linguagem midiática.....	63
2.4 Evita para as argentinas.....	70
CAPÍTULO III	
APARÊNCIAS FABRICADAS: UM DIÁLOGO ENTRE A MODA E A POLÍTICA	79
3.1 O corpo e a moda.....	79
3.2 Cabelo como expressão de beleza e poder político.....	91
3.3 As operárias.....	98
3.4 As palavras de Eva Perón.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

Nessa dissertação se realizou a análise da figura de Eva Perón no projeto político do peronismo por intermédio do exame de seu percurso visual e narrativo, embasado, em grande parte, nas contribuições dos estudos da moda. Compreendeu-se a *moda* como um processo historicizado, ou seja, localizado socio-historicamente, que possui meandros e valores, e que produz impactos diretos e significativos na vida social a partir das transformações das aparências (LIPOVETSKY, 2009).

O conteúdo desse trabalho é composto, em termos gerais, por uma análise acerca de como a transformação do corpo e das gestualidades da primeira-dama Eva Perón (1919- 1952) não pode ser desvinculada das ideologias políticas que perpassaram a sua história, as quais foram empregadas pelo Estado peronista por meio de sua imprensa e da revista *Mundo Peronista* (1951-1955), em específico.

Eva Perón foi uma primeira-dama argentina que ascendeu à tal cargo em 04 de julho de 1946, quando seu esposo, Juan Perón, venceu as eleições para a presidência do país. Dentre outras coisas, ela é reconhecida pelo seu protagonismo e centralidade política no peronismo, especialmente no que concerne as suas ações de ajuda social e sua liderança na conquista do voto feminino na Argentina, direito assegurado já em 1947.

Em novembro de 1946, Perón criou o Partido Justicialista (PJ), que emprestou seu nome para a doutrina desse projeto político. Fundamentalmente, o Justicialismo assumiu uma posição intermediária entre o capitalismo que, segundo esse preceito, seria um sistema voltado ao individualismo extremo, que não permitiria o atendimento de demandas coletivas; e o comunismo, que, por estar muito preocupado com o coletivo, sufocaria qualquer possibilidade de atenção ao individual.

Assim, a doutrina justicialista, a qual se firmou nos princípios teóricos de independência econômica, soberania nacional e justiça social, se impôs como um equilíbrio entre a liberdade individual excessiva do capitalismo e o coletivismo absoluto do comunismo, se apresentando como uma política feita pelo povo e para o povo (MUNDO PERONISTA, 1951-1952).

Nessa perspectiva, se considerou a trajetória dessa primeira-dama nas alterações das visualidades, e como as mudanças em seus percursos pessoais e políticos foram acompanhadas por modificações nas aparências, as quais contribuíram para sua projeção social, política e cultural. Tal reconhecimento ocorreu de forma tão marcante, que foi responsável pelo surgimento de produções literárias, musicais e filmáticas sobre sua figura, como é o caso do premiado filme *Evita* (1996), obra dirigida por Alan Parker, inspirada em obra homônima de

Tim Rice e estrelada pela cantora Madonna.

Dessa forma, tal pesquisa se centrou no estudo da construção da figura de Evita Perón em vinte e cinco edições da revista *Mundo Peronista* (MP), publicadas entre julho de 1951 e julho 1952 (da edição 01 à 25), recorte realizado considerando o início da publicação e circulação da revista e a morte prematura de Eva no mês da última edição examinada.

Apesar disso, no primeiro capítulo, a análise se estenderá para anos posteriores à esse período, de modo a considerar os desdobramentos do processo de mitificação da figura de Evita, e as utilizações de sua imagem em alguns governos sucedentes.

Tal periódico, que trata de temas diversos (das naturezas políticas, econômicas e ideológicas do peronismo) e que serviu de fonte para essa pesquisa, tem seu acervo disponível no sítio *Ruinas Digitales: arqueologia comunicacional*, projeto idealizado por estudantes de Ciência Política da Universidade de Buenos Aires (www.ruinasdigitales.com). Ali estão hospedadas as noventa e uma edições da revista, das quais vinte e cinco serão utilizadas para a produção desse trabalho.

As ações de Eva Perón construíram ideias e imagens para sua personagem como uma mulher elegante, de modo que ela se utilizou de seus atributos de beleza e requinte para criar representações favoráveis a si e à política peronista. Dessa forma, a moda participou da construção da personagem política de Evita, difundindo valores e comportamentos acerca dos papéis das mulheres, ampliando as perspectivas delas na vida pública e inserindo mudanças nas trajetórias femininas. Eva era uma personagem da moda e, por essa razão, transformou a política em princípios e concepções no que tange às mulheres e às feminilidades. Apesar da MP não se configurar como uma revista de moda, fundamentou-se no pressuposto de que, considerando que a moda permeia a vida cotidiana dos indivíduos, em qualquer periódico (de naturezas diversas) é possível fazer uma abordagem sobre ela.

As pessoas se vestem, se portam e se adaptam às situações diversas, forjando e reproduzindo imagens e engendrando um discurso visual, que se pauta no mostrado para além do falado e/ou escrito. Assim, considerando a visualidade como uma manifestação cultural que possui signos e linguagens próprias, se compreendeu o vestuário como um texto não verbal - que possui o mesmo poder da comunicação verbal -, o qual, no corpo de uma personalidade política (Evita Perón), se converteu numa expressão política.

Além da MP, demais obras foram utilizadas como fonte para a composição desse trabalho. É o caso da autobiografia de Eva Perón, *La razón de mi vida* (2016) - A razão de minha vida -, livro publicado em 1951, em Buenos Aires, que combinou um conjunto de textos - e algumas fotos - da primeira-dama, nos quais ela apresentou suas percepções acerca da

doutrina do justicialismo, as ideologias, feitos e oposições do peronismo, e a relação dela mesma com os *descamisados*¹.

Outro material de relevância que foi confrontado com a MP, consiste na segunda edição da biografia *Eva Perón: a madona dos descamisados*, livro de autoria da jornalista Dujovne Ortiz, publicado em 1997. A obra trata, em termos gerais, dos meandros da vida de Evita, sua infância, trajetória política, sua aparência e um pouco do contexto do seu *post mortem*.

Com base na leitura dos discursos e das imagens de Eva Perón, de sua aparência, gestualidade e indumentária, partiu-se da hipótese da existência de vínculos entre a construção de sua figura política e as concepções da moda disseminadas nesse período.

Portanto, no sentido metodológico, o cruzamento de informações provenientes da propaganda peronista com as biografias, deu o tom da análise no que se refere a abertura de possibilidades de captação das transformações no percurso dessa personagem. A imprensa foi utilizada como uma forma dinâmica de alargar as abordagens da pesquisa sobre Evita, e proporcionou a compreensão do papel feminino num espaço-tempo definido (LUCA, 2005). Ou ainda, usada como um documento que propiciou o estudo da moda sobre a figura de Eva Perón na primeira metade do século XX.

No primeiro capítulo, pretendeu-se realizar um estudo acerca de algumas interpretações históricas e historiográficas produzidas sobre Evita. Para isso, buscou-se contextualizar e conceituar o peronismo entre os fenômenos populistas *clássicos* na América Latina do século XX, de modo a compreender quais os aspectos *sui generis* desse projeto político que o diferenciou de outras manifestações de mesma natureza.

A partir disso, a ideia foi de compreender como se desenrolou a história de vida de Maria Eva Duarte antes do casamento com Juan Perón e da sua ascensão ao cenário político como *primeira-dama* (SIMILI, 2014). Entende-se as primeiras-damas como personagens que, historicamente e em razão dos laços de casamento com homens públicos e políticos, passaram a ocupar um lugar de destaque no sistema republicano e nas representações (CHARTIER, 1995).

Assim, pela posição que detinha, Eva Perón envolveu-se com a política e tornou-se reconhecida pela história e historiografia. Entre outras coisas, ela é conhecida por organizar e liderar as mulheres argentinas para o movimento em prol da conquista do voto feminino na Argentina, de maneira que sua centralidade nesse processo foi analisada no capítulo em questão (SOIHET, 2000).

¹ Vale ressaltar que, para essa pesquisa, utilizou-se a versão traduzida - para o português - da obra.

Ela vem sendo interpretada de diversas formas ao longo da história - gerando debates acalorados, consonantes a sua figura ativa, entusiasta e contundente -, inclusive pela própria imprensa do peronismo, a qual, com a aquiescência de Eva, se apropriou de sua figura como um símbolo *oficial*, icônico, identitário e representante da Pátria (DÍAZ, 2005; SILVA, 2004; SARLO, 2005; AVELINO, 2014; RODRIGUES, 2017; TEIXEIRA, 2013; SEBRELI, 2000; SILVA, 2014; GORZA, 2016).

Essas interpretações oferecem indicadores acerca de como a sua inserção no universo político por intermédio do casamento, foi decisivo para as alterações nos aspectos visuais de sua figura, os quais a acompanharam até a morte; e como a representação de sua figura ocorreu simultânea à difusão de sua imagem como influência da moda.

Assim, no segundo capítulo, estabeleceu-se uma análise acerca da imprensa peronista (PANELLA, 2010; MORALES, 2017; SILVA, HASHIGUITI, 2013), a qual, entre outras coisas, buscou propagar ideologias e valores morais, obter adeptos e apoiadores do regime, mitigar a oposição e criar um certo consenso social, apresentar a doutrina Justicialista (como eram conhecidos os princípios do peronismo) - e suas realizações -, cujo fundamento era, principalmente, alcançar os ideais de liberdade, justiça, desenvolvimento e soberania nacional.

Em meio a construção desse discurso *oficial* peronista, concebido como textos, enunciados e comunicações transcritas do e pelo Estado justicialista, destaca-se a revista MP que buscava disseminar as noções de inclusão social, industrialização e independência nacional. Para isso, ela utilizou-se das figuras de Eva e Juan Perón como ingredientes mobilizadores das massas e como estandartes legitimadores desse projeto.

Para esse trabalho de análise de imagens, considerou-se que os conceitos de beleza, feiura, saúde e adoecimento devem ser historicizados, já que ganham novas compreensões e contornos de acordo com o espaço-tempo (BURKE, 2004). Além disso, essas fontes foram percebidas como veículos de comunicação humana repletos de mensagens e significados tácitos ou explícitos, os quais podem ser observados em sua dimensão visual (PESAVENTO, 2004; TORNAY, 2009).

Evita desempenhou nessa revista e em sua biografia e autobiografia (SCHIMDT, 2017; ZIMMERMANN, MEDEIROS, 2004; SOIHET, 2003) um papel de centralidade política, principalmente por sua presença recorrente no cenário público e por suas realizações voltadas à ajuda social e à favor da conquista de direitos para mulheres, crianças, idosos e para os trabalhadores em geral, os quais eram concentrados na designação *descamisados* (DUARTE DE PERÓN, 2016).

Com base nisso, o objetivo do terceiro capítulo foi o de compreender como a MP, por

meio da visualidade das imagens e da força dos discursos de Eva, dotou de significados a sua figura.

No cenário do pós Segunda Guerra Mundial, essa primeira-dama transformou e acrescentou novas tendências à estética do bem-vestir, especialmente quando passou a adotar o uso de conjuntos de *tailleurs*, de joias e sapatos faustosos, e trocou os cabelos pretos soltos pelos loiros presos em formato de coque baixo na nuca. Esse é o período que marcou visualmente a sua conversão em figura política, a qual balizou também o seu status social.

Em 1947, o estilista Christian Dior (1905-1957) lançou em Paris a coleção *New Look* e, a partir de então, Eva também passou a apostar em modelos de luxo que marcavam sua cintura e a diminuía em relação a abundância de pano que cobria desde abaixo da cintura até os seus pés. Nesse mesmo ano, Evita viajou para a Europa e, por meio de suas roupas, acessórios e cabelo, notabilizou internacionalmente o peronismo, inspirando o sucesso desse projeto político e imprimindo tons e imagens muito particulares à ele (MENDO, 2017).

Dessa forma, nesse terceiro capítulo, foram analisadas questões significantes como, por exemplo, a forma com que seus cabelos se tornaram referencial de moda num contexto em que as atrizes do cinema, principalmente o hollywoodiano, eram modelos a serem seguidos pelas mulheres *comuns*.

Além disso, ao imprimir rosto, requinte e beleza ao peronismo, Eva foi sendo considerada um padrão de estilo e triunfo para as mulheres que trabalhavam nas fábricas têxteis e sofriam com estereotipações, já que, nesse contexto, a mulher que ocupava o espaço público se tornava, aos olhos da sociedade, uma desertora em relação aos ideais de feminilidade. Então, também se estabelecerá um debate em torno da industrialização e do crescimento do consumo na Argentina do século XX, da utilização da força laboral feminina nas fábricas, assim como, da identificação dessas mulheres com a primeira-dama (ROCCHI, 1998; ALDONATE, 2013; WEINSTEIN, 2010; LORENZO, REY, TOSSOUNIAN, 2005).

Essa conexão entre Evita e as trabalhadoras argentinas era potencializada por seus discursos e textos em que ela se dirigia ao povo despossuído da nação, grupo no qual essa mulheres se enquadravam. Assim, tornou-se importante, ainda no capítulo três, perceber de que maneira Eva Perón se direcionava aos *descamisados* e como essa narrativa era construída nas páginas da revista MP.

Tal narrativa foi produzida tanto verbalmente quanto visualmente, já que a forma com que essa primeira-dama se vestia, se penteava, se portava frente ao microfone e se expressava por gestos, além de inspirar tendências, era um instrumento de comunicação com a população argentina. Por isso, a tese desse trabalho é a de que o corpo de Eva Perón pode ser compreendido

como um veículo de comunicação emissor de mensagens políticas (GUEDES E TEIXEIRA, 2010).

O trabalho é finalizado com considerações acerca da excepcionalidade de Eva, a qual foi fundamentada não por sua reafirmação a papéis de gênero (apesar dela fazer isso em muitos casos), mas por sua inserção no espaço público e de decisões, e sua conversão numa imagem política transformada em estandarte do peronismo, que ditou moda e influenciou comportamentos, subjetividades e aparências.

CAPÍTULO I

AS VÁRIAS FACES DE EVA: PARA ALÉM DAS DICOTOMIAS

A produção historiográfica que busca colocar as mulheres como sujeitos sociais e políticos nas análises históricas² vem sendo construída paulatinamente, de maneira que os debates sobre a primeira-dama argentina Maria Eva Duarte de Perón (1919-1952), o que inclui biografias que sustentam a narrativa sobre sua personagem,³ e o protagonismo desempenhado por ela na política do peronismo, fazem parte desse engendramento.

Nesse capítulo, entendeu-se biografia como um instrumento que permite a construção do vínculo entre a micro e a macro história, ou seja, o relacionamento e amálgama entre indivíduo e sociedade (ZIMMERMANN, MEDEIROS, 2004).

Além disso, o gênero biográfico foi estudado a partir da compreensão dos jogos de poder que atravessam as construções das narrativas míticas. Ou ainda, da percepção de que ele deve considerar que as memórias são nuançadas e, em muitos casos, suplantam os discursos ditos oficiais (SCHIMDT, 2017, p. 48).

Mesmo que Evita tenha exercido um papel relevante na manutenção e consolidação dos preceitos peronistas, notadamente em políticas de ajuda social voltadas aos trabalhadores (especialmente crianças, idosos e mulheres) e na conquista de direitos para as mulheres argentinas, as produções historiográficas que interpretam o legado de Eva Perón, ainda demonstram grande insistência em tratá-la apenas como um apêndice da centralidade masculina de seu esposo, Juan Domingo Perón (1895-1974).

Posto isto, a proposta desse capítulo é a de fazer um levantamento acerca das produções históricas e historiográficas que refletem sobre a figura de Evita, evidenciando quais os direcionamentos adotados por tais trabalhos, de modo a perceber como ela vem sendo retratada e reapropriada pela historiografia, principalmente no que tange à construção paulatina do mito Evita no seu *post mortem*, a partir de posicionamentos interpretativos matizados e diversificados acerca dessa figura.

Para isso, num primeiro momento, é imprescindível compreender o movimento peronista num macro contexto, para só então poder perceber a primeira-dama Eva Perón como uma personagem historicizada, isto é, inserida na conjuntura política, econômica e sociocultural do populismo argentino.

O papel desempenhado por ela na política, aspecto presente nesse capítulo, é

² Scott (1990), Soihet (2000; 2003), Perrot (2007) são expressivos desse enfoque historiográfico.

³ Como é o caso de “Eva Perón: a madona dos *descamisados*” (1997) e “La razón de mi vida” (2016).

contributivo para compreender como a sua presença nas cercanias do poder presencial foi essencial para a sua construção como figura para a moda, cuja existência servia de influência na alteração de comportamentos e valores das outras mulheres.

Além disso, a sua liderança na conquista de direitos para as argentinas, se converteu num elemento que transformou essa primeira-dama em uma personagem conhecida e reconhecida como uma figura voltada às causas das mulheres, a qual se aproveitou desse espaço de poder para mostrar-se e ser vista pelos segmentos femininos e masculinos do país.

1.1 O fenômeno populista argentino: o peronismo e as mulheres

A participação de Eva Perón nas estruturas formais do poder argentino, e a inspiração de sua figura, possibilitaram, dentro das condições sociais que lhes foram ofertadas, uma maior inserção de mulheres nos movimentos políticos peronistas da época, muitas vezes chamados de populistas.

A conceituação do populismo é um desafio para os estudos sociais, políticos e históricos (especialmente no que concerne à América Latina do século XX), já que essa caracterização costuma se amalgamar com paixões, polêmicas, cargas negativas e com o senso comum.

Justamente por ser uma manifestação social contraditória e complexa, torna-se necessário compreendê-la a partir de suas variações e particularidades contextuais, o que pode gerar interpretações historiográficas divergentes e até opostas.

Para o historiador Ferreras (2011), o populismo (*clássico*) se configura como um fenômeno que irrompeu entre os anos de 1930 e 1950, tendo suas maiores expressões no México de Lázaro Cárdenas, no Brasil de Getúlio Vargas e na Argentina de Juan Perón. Para ele, tal período foi marcado pela emersão dos grupos periféricos que até então se mantinham alijados das decisões políticas. De acordo com ele (FERRERAS, 2011, p. 214): “[...] esse período é o momento de irrupção dos setores oprimidos com força suficiente para mudar seu destino e o destino de suas nações”.

Não obstante, a professora Maria Lígia Prado (1981, p.10), fazendo alusão ao sociólogo argentino Gino Germani, esclarece que na América Latina, diferente do caso europeu, essa participação popular ocorreu de maneira embrionária, de tal forma que abriu brechas para a manipulação de massas por parte dos grupos dominantes.

A década de 1930 trouxe em seu bojo mudanças sociais e econômicas significativas, como, por exemplo, o crescimento do Estado e o inchaço das cidades - resultante do êxodo rural- e sua industrialização. Além disso, é um contexto marcado por conturbações, já que é o período entre

guerras e de desenrolar das implicações trazidas pelo *crash* da bolsa de valores de Nova Iorque, de 1929 (FERRERAS, 2011).

Nesse contexto de crise, era preciso, então, que os governos inseridos na lógica do liberalismo econômico traçassem diferentes estratégias para lidar com o surgimento de novas demandas sociais. Porém, tal modelo já se encontrava esgotado e era incoerente à nova realidade. Dessa forma, como resposta a essas incongruências, surgiram, portanto, os governos ditos populistas.

Ainda de acordo com Prado (1981), algumas características marcantes aparecem com recorrência em manifestações desse tipo. É o caso, por exemplo, do controle dos sindicatos por parte do Estado, da política de nacionalização de empresas e do esforço depositado na elaboração de leis e ações que favoreçam os trabalhadores.

Todavia, a tarefa de definir no que consiste o populismo, deve, já num primeiro momento, passar ao largo da utilização de categorias fixas - geralmente europeias - que buscam criar arquetipos genéricos e enquadrar realidades sociais heterogêneas num mesmo padrão teórico, sem considerar as nuances de condições históricas e sócio espaciais particulares. Segundo Prado (1981, p.09): “[...] a produção e validade dos conceitos não podem prescindir das configurações históricas específicas e determinadas; em outros termos, os conceitos teóricos, como ‘abstrações reais’, são historicamente determinados”.

No caso específico do populismo argentino, Juan Perón chegou à presidência em 04 de junho de 1946 como uma “‘eminência parda’” (PRADO, 1981, p. 43), eleito legalmente à partir da sua candidatura pelo Partido Laborista (PL), movimento político de massas que, em suas origens em 1945, objetivava representar e atender as reivindicações dos trabalhadores.

Por ter tido uma experiência direta com o fascismo de Mussolini, Perón, no período de sua estada na Itália em fins da década de 1930 e início de 1940, ao voltar à Argentina, se tornou membro do *Grupo de Oficiales Unidos* (GOU), corporação de viés nacionalista, responsável por encabeçar o golpe argentino de 1943, conhecido pelo seu caráter antidemocrático e antiliberal (PRADO, 1981).

Entretanto, para Angenot (2018, p. 251-252), que analisa as conceituações de *populismo* e *fascismo* por parte das mídias, apesar de Perón ter sido um membro militar na Itália e ter cortejado o regime de Mussolini, o seu governo não era beligerante e nem se centrava na luta pela expansão de territórios. Num país marcado por golpes de Estado truculentos, como é o caso da Argentina, Perón se mostrava, segundo o autor, mais ameno nas suas políticas.

O fato é que o contato e admiração de Perón com o projeto fascista de Mussolini, foi um componente de grande importância para a constituição de sua trajetória como homem público.

Sua administração no governo golpista foi bem-sucedida e, nesse entremeio, principalmente através da tentativa de cooptação de massas, isto é, da conquista e manutenção de direitos trabalhistas - como estratégia para evitar qualquer levante desses grupos -, Juan Perón foi adquirindo muito prestígio. Além de comandar a Secretaria de Trabalho e Previsão, passou a dirigir o Ministério do Exército, chegando a ascender à vice-presidência do país.

Esse seu poder crescente gerou o desagrado de muitos grupos que viam com maus olhos a sua ambição política, o que resultou no ‘golpe dentro do golpe’ que o retirou de suas funções e o levou para a prisão em 1945. De acordo com Ferreras (2011, p. 228): “Para os trabalhadores que se apoiavam em Perón, essa prisão foi vista como uma perda e uma derrota de seu próprio projeto”.

Todavia, a pressão popular foi tão grande que fez com que, em 17 de outubro daquele ano, uma verdadeira multidão ocupasse a Praça de Maio reivindicando a soltura de Perón. Essa exigência foi atendida e ele retornou como o líder das massas - visto pela maioria dos trabalhadores como antifascista e/ou anti-imperialista - que direcionaria sua política de governo para a industrialização e o desenvolvimento do mercado interno argentino. Segundo Ferreras (2011, p. 229) “O 17 de outubro não é um dado menor nem anedótico – é a data de nascimento de Perón como líder de massas e da irrupção definitiva das massas na política”.

Entre outras coisas, o peronismo é reconhecido pela sua ligação com os trabalhadores por meio da Confederação Geral do Trabalho (CGT) - que ficava sob os cuidados da primeira-dama Eva Perón, e pelo combate e acossamento à comunistas, socialistas e anarquistas.

Nesse contexto, mesmo sem ainda terem conquistado o direito ao voto, as mulheres estiveram presentes nas movimentações à favor da soltura de Perón e durante sua campanha presidencial em 1945, e passaram a ser vistas por Juan como uma força a ser organizada e mobilizada – à seu favor (DÍAZ, 2005, p. 61).

Dessa forma, o grande diferencial do populismo argentino se encontrou, na verdade, na participação feminina ativa, representada pela figura de Eva Perón. Considerando a atuação de uma mulher na esfera política argentina entre fins de 1940 e início de 1950, entendeu-se que as relações recíprocas entre homens e mulheres engendram as interações humanas, de modo que não é possível conceber a explicação de que o sexo determina o espaço social que o indivíduo deve ocupar (SCOTT, 1990).

A partir do seu casamento com Juan, em 1945, Evita (como ficou carinhosamente conhecida entre os peronistas) passou a desempenhar um papel significativo, principalmente no que se refere à luta pelos direitos das mulheres e ao seu trabalho de ajuda social às populações marginalizadas da Argentina. Inicialmente, o fizera por meio das rádios, especialmente pelo

programa *Hacia un futuro mejor*, por intermédio do qual divulgava, principalmente às mulheres, as realizações de Perón na Secretaria de Trabalho e Previsão (BORRONI; VACCA, 1970 *Apud* DÍAZ, 2005, p. 75).

De acordo com a cientista social Díaz (2005), Eva demonstrou grande força sindical e, a partir da vitória de Perón nas eleições de 1946, tomou a frente de tarefas dentro da Secretaria de Trabalho e Previsão, principalmente as relacionadas aos trabalhadores(as) e sindicatos.

A rotina diária de Eva consistia em trabalhar pela manhã na Secretaria: percorria as fábricas sem a presença de Perón, dialogando com os trabalhadores e trabalhadoras, participava de reuniões com delegações sindicais para tratar de problemas relacionados ao âmbito do trabalho, participava de inaugurações, realizava discursos radiofônicos. O trabalho de Eva com os sindicatos consistia em receber as delegações de operários, servir de intermediária para a obtenção de serviços sociais ou reivindicações. (DÍAZ, 2005, p. 78)

É importante ressaltar que a interferência das primeiras-damas na esfera política ocorre, geralmente, por meio da resolução de questões sociais, muitas vezes vinculadas à noção de assistencialismo e filantropia, apesar de Eva Perón preferir chamar de *justiça* o seu modelo de atuação social voltado para os pobres (DUARTE DE PERÓN, 1951, p. 181-182 *Apud* DÍAZ, 2005, p. 87).

No caso do peronismo (projeto que pregava o fim da exploração do trabalhador pelo capital, e que encontrou suas bases no movimento de organização de massas), Eva fora responsável pelo atendimento de demandas sociais dos *descamisados*, e o fez se utilizando de sua oratória, beleza, comportamentos e traços estilísticos.

Assim, considerando a sua relevância histórica e o seu papel de destaque na política do peronismo, é indispensável conhecer um pouco de sua trajetória de vida, para, a partir daí, entender o papel exercido por ela no projeto político do peronismo.

1.2 Eva Perón e os antecedentes de sua vida política: um resumo

Nem sempre ‘primeira-dama Eva Perón’, o ‘mito Evita’ ou a ‘mãe dos *descamisados*’, nascida na cidade de Los Toldos em 1919, ela era apenas Maria Eva Duarte, filha mais nova entre cinco irmãos e fruto de um relacionamento extraconjugal entre Juan Duarte e Juana Ibarguren.

Eva chegou à Buenos Aires em 1935, aos quinze anos, buscando trilhar a carreira de atriz. Contudo, para a historiadora Silva (2004), essa sua ida à capital se tornou mote de diversas querelas, as quais buscam compreender como se deu essa viagem.

A hipótese mais aceita é o envolvimento de Eva com o cantor de tango Agustín

Magaldi, que fazia apresentações nas cidades menores. Ele era um dos artistas mais famosos da época e em todo o país era conhecido como 'El Gardel del interior'. A outra versão, dada pela família, seria que Dona Juana teria acompanhado Evita à capital para um concurso de rádio (SILVA, 2004, p. 22-23).

Em 1942 e 1943, com exceção de um papel secundário na rádio *Argentina*, veículo de comunicação não muito significativo no cenário do país naquela época, Eva não obteve espaço nem reconhecimento no mundo artístico.

Porém, com o golpe militar argentino de 1943, o governo de então passou a tecer relações intervencionistas com as radiocomunicações, em especial com a rádio Belgrano. Ao estabelecer acordos desse tipo, os coronéis Aníbal Imbert e Juan Perón (dois dos dirigentes do golpe) passaram a visitar com frequência essa emissora. A escritora Sarlo (2005) propôs que a partir desses encontros e com o financiamento dos militares, Eva se deslocou de uma carreira de quase fracasso total para êxito do estrelato.

Nesse sentido, para Sarlo (2005), sobre sua carreira no radioteatro, Evita, que não tinha sido escalada para o trabalho em nenhuma rádio durante o ano de 1942 e o início de 1943, numa mudança brusca e repentina, alcançou os holofotes na rádio Belgrano nos últimos meses de 1943. Em fins de setembro e início de outubro desse ano, Eva ascendeu do quase completo anonimato e invisibilidade para a chefia da radioteatro Belgrano, posição que fora digna de matérias das revistas *Antena* e *Radiolandia* (SARLO, 2005, p. 62).

Apesar disso, a maior parte da historiografia propõe que Eva (24 anos) só conheceu Juan Perón (48 anos) em janeiro de 1944, em um evento programado pela Secretaria do Trabalho e Previsão para levantar fundos para as vítimas do Terremoto que atingiu o município de San Juan (DÍAZ, 2005, p. 48). Com isso, Eva alçou à um maior protagonismo, mas, a partir de então, na esfera política e de decisões.

Embora não hajam registros fotográficos acessíveis de seu casamento com Juan, ocorrido em 1945, esse evento se configurou como um capítulo central para o desenvolvimento de suas mudanças visuais (seja na postura, cabelos e/ou indumentária) e na consequente formulação de uma narrativa - criada para ela, por ela e pela política do peronismo – de beleza e elegância.

Para a historiadora Avelino (2014), essa popularização e protagonização de sua figura só aconteceu devido à tudo que Eva havia aprendido com os desafios e experiências de ser atriz. Silva (2004), por sua vez, defende que ela enxergava em Perón uma escada que pudesse fazê-la alcançar os seus objetivos, em especial os concernentes à conquista de notoriedade e reconhecimento.

Isso porque, ainda segundo Silva (2004), Eva era ambiciosa e buscava conquistar os

seus sonhos a todo custo, de modo que essas aspirações geraram o combustível que a fizera se aventurar na vida artística. Então, apesar de não haver planejado traçar a carreira política, essa foi uma alternativa possível que lhe apareceu.

A jornalista Ortiz (1997) corrobora essa interpretação ao propor que Eva objetivava encontrar para si um homem poderoso, o que na Argentina certamente seria personificado em um militar. Nesse contexto, Evita enloirou seus cabelos para participar do filme *La cabalgata del circo* (1945), o qual tinha os atores Libertad Lamarque e Hugo del Carril como personagens principais.

Figura 1: Eva no filme *La cabalgata del circo*



Fonte: (ORTIZ, 1997, p. 220)

Nessa fase também, Eva conheceu quem contribuiria para a construção da sua visualidade e identidade: Pedro Alcaraz, seu cabeleireiro. De acordo com Ortiz (1997, p. 107): “[...] foi ele que a acompanhou em sua viagem à Europa, ele que criou o coque dourado que se tornaria lendário, ele enfim que penteou sua cabeça mumificada”.

Nesse contexto argentino dos anos 1940, os cabelos loiros representavam luxo, status social, proximidade com a imagem construída das figuras religiosas do catolicismo, e, além disso, para Evita, significavam uma ruptura, já que “[...] apagava toda lembrança de Los Toldos [...]” (ORTIZ, 1997, p. 108). Então, a substituição dos cabelos pretos (naturais) pelos dourados

serviu para vincular a sua figura à santidade, mas também à riqueza.

A historiadora Simili (2014), que faz um estudo acerca da primeira-dama brasileira Maria Thereza Fontella Goulart (1936-), reconhecida, entre outras coisas, pela sua beleza e estilo, oferece um aporte teórico para a compreensão da figura de Eva Perón. Em realidades e conjunturas históricas específicas, Evita, assim como Maria Thereza, se valeu de sua aparência e atributos físicos para fabricar uma narrativa sobre si, ocupar maior reconhecimento e espaço no âmbito público, ditar moda e servir de influência para outras mulheres. De acordo com Simili (2014), a esposa de João Goulart:

[...] se outorga a representação de alguém que desempenhou papel importante na vida pública e política, ao exercer influências sobre as aparências das mulheres, com poder para despertar o desejo de serem como ela, de fazerem o que fazia mediante a imitação e a cópia de seus 'modelos', lembrados por meio da consagração do 'coque' no cabelo (SIMILI, 2014, p. 278).

Então, sobre a importância dos elementos visuais para construção da imagem pública de Eva Perón, Rodrigues (2017) salienta que o cabeleireiro Pedro Alcaraz, mais do que ter sido essencial para a edificação de sua imagem aos moldes das estrelas hollywoodianas, elaborando penteados que seriam copiados por muitas mulheres *comuns*, se tornou um amigo e fiel escudeiro de Eva.

Figura 2: Eva e Pedro Alcaraz



Fonte: (RODIGUES, 2017, P. 43)

Na imagem apresentada se encontra Eva Perón e seu cabeleireiro, Pedro Alcaraz, responsável por tingir de loiro os cabelos da primeira-dama e os prender no seu coque emblemático. Esse penteado poderá ser observado nas imagens posteriores, nas capas e nos visuais de Evita na revista MP, cujo estudo será mais detido no capítulo dois.

De acordo com Ortiz (1997, p. 269), o coque que transmitia a imagem de rigor, seriedade e austeridade, se tornou em uma expressão do peronismo e da nova fase de Eva Perón, a qual se transformou num símbolo desse projeto político e se amalgamou a ele.

Eva e Juan se casaram em 1945 e, para Ortiz (1997), após muitos anos desse acontecido, o tabelião Hernan Ordiales – quem teria realizado o casamento – deu declarações à revista *Primeira Plana* acerca do evento. De acordo com suas descrições, Perón trajava um terno cinza e Evita vestia um *tailleur* marfim descorado, assim como estava seu cabelo loiro, também desbotado.

Casados, com a chegada de Perón à presidência da Argentina, Eva também se elevou, mas de uma forma singular, como uma força política atuante e central, ou ainda, como “[...] um meteoro, do anonimato de papéis secundários no rádio a um trono jamais ocupado por mulher alguma: o de Bem Feitora dos humildes e Chefe Espiritual da nação” (MARTINEZ, 1996, p. 159 *Apud* AVELINO, 2014, p. 52).

Avelino (2014) aponta que essa sua singularidade se construiu, entre outras coisas, devido a sua força política e sua capacidade de dirigir discursos inflamados, violentos às elites e às oligarquias argentinas, mas acalentadores para o povo marginalizado - e suas exigências, o qual passou a enxergá-la como a figura que dava o diapasão para aquele governo.

Então, a aspiração de se candidatar como vice-presidente da Argentina para as eleições de 11 de novembro de 1951, causou desconforto nos círculos tradicionais da sociedade argentina, mas por outro lado, gerou entre os *descamisados* (forma com que Evita se direcionava à população mais carente do país), movimentos de apoio à essa decisão. A candidatura continuou sendo uma expectativa, mesmo com a descoberta de um câncer de útero na primeira-dama, o que era, sempre que possível, um assunto não abordado pela imprensa.

Era o confronto estabelecido entre dois grupos heterogêneos, que surgiu nas oportunidades mais desumanas e maléficas[...] Nos muros que ladeiam a estação Retiro, não muito longe da residência presidencial onde Evita agonizava, alguém pichou uma divisa de mau agouro: ‘*Viva o câncer*’ (AVELINO, 2014, p. 54).

De acordo com Silva (2004), nesse ínterim, a sociedade se alvoroçava com movimentos de massas - tanto de peronistas quanto de antiperonistas -, os quais tiveram sua maior expressão num comício peronista em 22 de agosto de 1951, na Avenida 9 de julho, onde milhares de

descamisados, como que numa grande procissão, reivindicavam que Evita se candidatasse ao cargo.

Fazendo alusão à Marta Zabaleta (cientista social e autora do artigo que Soihet analisa), que compreende o peronismo a partir de uma abordagem de gênero, a historiadora Soihet (2000, p. 44) esclarece que

Crescem as manifestações de adesão a Eva no grande comício da Avenida 9 de Julho, a 22 de agosto de 1951, que se limitara em sua fala a declarações de apoio a Perón. Este, em dado momento, toma o microfone, provocando protestos da multidão, que exige a palavra de Evita assumindo sua candidatura, propondo-se uma greve geral, diante da oposição que ela sofria de certos setores.

Silva (2004) relata que, naquele momento, Perón temeu ser obscurecido pela figura política de Eva, a qual havia tomado dimensões tamanhas e conseguido um ‘mar’ de devotos. À medida que Evita acompanhava Perón e se mostrava aos holofotes da vida pública, apresentando-se sempre bela, elegante e bem vestida, mais ela era reconhecida na Argentina e projetava-se como figura política. De acordo com Simili (2014, p. 285), analisando o caso de Maria Thereza Goulart: “[...] a produção de significados para a imagem da primeira-dama por intermédio dos canais midiáticos, que a expunham na condição de modelo de beleza e elegância, deve ser entendida como estratégia político-ideológica [...]”.

Isso quer dizer que a sua representação política se construiu *pari passu* à veiculação da sua imagem como figura da moda, ou seja, uma mulher que era símbolo de beleza, estilo e bom gosto, que manifestava tendências e que servia de influência para outras mulheres.

Contudo, esse movimento de midiaticização de sua imagem sofreu uma ruptura com a renúncia da primeira-dama - que já se encontrava doente em estágio terminal - à candidatura, o que aconteceu por meio rádios da capital em 31 de agosto de 1951.

Evita, em seu percurso de artista à primeira-dama, trouxe sinais de como o casamento pode significar um fator de ascensão social, política e cultural. Assim, a sua trajetória contribui para o entendimento de aspectos relacionados à história das mulheres, as quais, naquele contexto e a partir da influência de sua figura, compreendiam que, por intermédio do matrimônio, conseguiriam romper barreiras e ascender socialmente.

Eva Perón faleceu em julho de 1952, mas antes disso, assistiu a reeleição de seu esposo, a qual só pode ser analisada e entendida com maior amplitude a partir da consideração da nova onda social votante: as mulheres.

1.3 O compartilhamento de uma causa pública: o sufrágio feminino e a liderança de Eva Perón

Evita se tornou uma personagem que contribuiu para o entendimento da maior participação das mulheres, em geral, e daquelas da elite, em particular, nas manifestações políticas de seu tempo, considerando que o vínculo do casamento também a transformara em uma personagem integrante dos segmentos da alta sociedade (HAHNER, 2018). Quanto a isso, vale ressaltar que a História Social é uma das grandes responsáveis pelos estudos acerca das mobilizações históricas femininas em busca da conquista de direitos cívicos e da diminuição das desigualdades existentes entre homens e mulheres.

Eva Perón foi a responsável pela mobilização política em prol do sufrágio feminino, direito que, em 1949, foi assegurado pela Constituição *Justicialista* – declarada como doutrina nacional pelo Congresso - e que possibilitou, em 1951, que as mulheres votassem pela primeira vez na Argentina.

A partir da fundamentação desses estudos, no caso argentino, sabe-se que a lei 13.010, que concedeu o poder de voto às mulheres do país, foi aprovada pelo Congresso Nacional apenas em 23 de setembro de 1947, trinta e cinco anos depois desse direito ('universal', secreto e obrigatório) ser reconhecido para os homens maiores de 18 anos por intermédio da Lei Saénz Peña.

Na análise do percurso da figura estudada, as reflexões do historiador Chartier (1995) são fundamentais na compreensão dos trânsitos de uma personagem na vida pública e política. Para ele, é possível observar o estabelecimento de estratégias por partes das mulheres, mesmo em contextos nos quais elas se encontram em situações de submissão. A partir de uma articulação, essas sujeitas conseguem exercer suas singularidades e se movimentar num sistema de relações desiguais (CHARTIER, 1995, p. 47). Sendo assim, Evita se projetou politicamente em um espaço público dominadamente masculino, e o fez apoiada em outras mulheres.

A conquista do sufrágio feminino sob o peronismo não excluiu, contudo, os esforços e demandas da luta e militância das feministas argentinas por direitos políticos, que ocorriam desde fins do século XIX. De acordo com Díaz (2005, p. 59), em 1932, essas militantes vislumbraram, frente ao Congresso da Nação, a possibilidade de aprovação de um projeto de lei que previa a conquista do direito pelo voto feminino. Apesar dessa tentativa ter sido frustrada no sentido de alcançar os objetivos propostos, ela foi significativa por dar visibilidade para o movimento e resultar no surgimento de diferentes espaços de luta, como é o caso da Associação Argentina do Sufrágio Feminino, criada nesse mesmo ano (1932).

Entretanto, vale ressaltar que essas organizações eram formadas, geralmente, por mulheres das classes média e alta, de modo que suas bandeiras não agregavam as mesmas demandas das mulheres de classes populares, como as operárias (DÍAZ, 2005, p. 58) (*ver página 101*).

Essas feministas de classes mais abastadas se opuseram, inclusive, ao decreto-lei de Perón que propunha a conquista do sufrágio feminino, já que para elas, esse direito não deveria ser sancionado por um governo de exceção (DÍAZ, 2005, p. 61-62). Todavia as mulheres pobres, alijadas desses movimentos, se tornaram, em grande parte, adeptas das pautas peronistas.

Não obstante, várias são as interpretações que buscam repensar sobre as contribuições e o papel desempenhado pela primeira-dama nesse processo, e entender quais os interesses que a levaram a lutar pela inserção da mulher no cenário político e o que isso significou para a reeleição de Juan Perón em 1951.

Vale ressaltar aqui a autobiografia de Evita, *La razón de mi vida*, obra narrada pela primeira-dama e escrita pelo jornalista espanhol Manuel Penella da Silva (escritor-fantasma), foi publicada no ano de 1951 e é responsável por compilar um grande número de textos de Eva Perón, que abordaram suas compreensões acerca do peronismo e todos os componentes que o envolveram e contribuíram na sua consolidação, como, por exemplo, os(as) trabalhadores(as), a doutrina justicialista, a oligarquia e as mulheres – e seus papéis sociais.

Nesse contexto, além desse livro ter sido transformado em manual didático e distribuído em escolas e universidades argentinas, o que significou a sua conversão em uma obra de leitura indispensável, o grande número de cópias vendidas mostra-se um indício significativo acerca do destaque alcançado por essa autobiografia.

Teve uma tiragem de 1.388.852 exemplares e texto de Manuel Penella de Silva, corrigido por ordem de Perón. Por lei, o livro foi convertido em texto para escolas e universidades. Traduzido primeiramente para árabe e depois para o português e para o inglês. 300.000 cópias foram vendidas em três edições de luxo encadernadas e com capa dura. 150.000 foram vendidas somente no primeiro dia de publicação (SOUZA, 2016, p. 67).

Para essa pesquisa foi utilizada a versão em português do livro, que teve sua tradução realizada por Gabriela Maltempo Perez e publicada no ano de 2016. Compreende-se que esse trabalho de converter a obra para outro idioma significa, entre outras coisas, uma maior demanda por tal produção e a maior difusão dela, para além das fronteiras argentinas.

Sobre a pluralidade de experiências e memórias, assim como a utilização do gênero biográfico para a pesquisa feminista, a historiadora Soihet (2003) analisa a perspectiva feminina

como um mecanismo de compreensão sócio histórica que foge da noção de estrutura e de sujeito universal. No caso das historiadoras feministas, a tentativa de reconstrução das memórias femininas, que quase sempre ficaram resguardadas à invisibilidade, se revelou um trabalho complexo devido à falta de documentações em que as mulheres aparecem como agentes sociais, já que estariam reservadas à esfera do lar.

Dessa forma, as feministas analisam que na biografia não é possível considerar a busca por uma verdade histórica absoluta, já que os escritos quase sempre passam por interesses e o crivo de grupos dominantes que objetivam, entre outras coisas, estabelecer uma hierarquia de competências políticas e sociais, a qual coloca as mulheres em posição de inferioridade (SOIHET, 2003, p.41).

No caso da autobiografia de Evita, por exemplo, ela ressaltava muitas vezes que seu casamento com Perón não era pautado em interesses políticos, mas sim na sua admiração mútua pelo protagonismo e sabedoria de seu esposo (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 63). Então, para Soihet (2003), é necessário suplantar as dicotomias e as noções cristalizadas para, só assim, poder compreender as biografias femininas como um campo imenso de possibilidades.

Em consequência destacar-se-á seu papel em evitar as tão propaladas dicotomias: produção/reprodução, público/privado, masculino/feminino, a fim de abordar as experiências históricas das mulheres como um conjunto significativo a partir do qual se elaboram as categorias de análise (SOIHET, p. 47).

Em *La razón de mi vida* (2016), Eva se atentou ao fato de que as mulheres, ao seu ver, estavam querendo ocupar espaços sociais como homens, o que não traria benefícios para elas como movimento. Sobre o voto feminino, ela o entendia como um instrumento de alcance de duas possibilidades, quais sejam elas, um caminho para obtenção de outros direitos políticos, e a chance de as mulheres desempenharem o que ela entendia como ser o verdadeiro papel delas: o de ser mãe (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 271).

Segundo ela, o feminino se identificava, entre outras coisas, à concentração das mulheres na esfera doméstica, representada pelo cuidado com os filhos(as) e marido, o que consistiria num dom natural.

Todos os dias milhões de mulheres abandonam o campo feminino e começam a viver como homens. Trabalham quase como eles. Preferem, como eles, a rua à casa. Não se resignam a ser mães nem esposas [...]. Isso é feminismo? Eu penso que deve ser mais bem o masculinizar do nosso sexo (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 273).

Então, se igualar aos homens não seria possível porque as mulheres possuíam uma dependência afetiva que não as permitiriam ser totalmente livres. Porém, a primeira-dama

reconhecia que, muitas vezes, essa pseudoliberalidade era ainda mais restringida no âmbito do lar, onde prevaleciam as leis masculinas.

Ao analisar a realidade brasileira entre os anos de 1930 à 1945, Mott (2001, p. 211) esclarece que, no início do século XX, a corroboração do discurso da feminilidade, centrada especialmente na suposta vocação das mulheres para serem mães e esposas, acabou sendo usada por elas mesmas como um mecanismo por intermédio do qual essas sujeitas pudessem ocupar o espaço público. Entretanto, esse deslocamento entre esferas não buscava romper papéis sociais, já que o objetivo era que essas mulheres se ocupassem de atividades nas quais elas pudessem exercer sua feminilidade – tal qual uma missão –, como por exemplo, a da assistência social. Então, Mott (2001) chama de *discurso maternalista* essa narrativa conservadora que reafirmava funções sociais diferentes para homens e mulheres, determinava a obrigação das mulheres serem mães e, de alguma forma, defendia a opressão de gênero ao definir a superioridade do homem em comparação a mulher. Para ela, o

[...] discurso maternalista é entendido como uma postura ideológica adotada por mulheres das camadas médias e alta nas primeiras décadas do século XX, que defendia a preponderância do sexo feminino devido à natureza específica para a maternidade, na defesa e desempenho de atividades relacionadas ao bem estar das mulheres e das crianças (MOTT, 2001, p. 202).

Nessa lógica, Evita corroborava o discurso do maternalismo, já que ratificava papéis sociais determinados para as mulheres, como os de mãe e esposa. Além disso, mesmo sendo favorável à conquista do voto feminino, reafirmava que a inserção das mulheres na política só seria possível se elas o fizessem estendendo as práticas exercidas por elas no lar, para o espaço público. Tal posicionamento à guiou inclusive nas suas ações sociais, as quais eram direcionadas, em grande parte, para o cuidado de crianças e mulheres.

De acordo com Eva Perón, na sua percepção era necessário conciliar a existência e preservação dos lares argentinos – e a incumbência materna das mulheres – com a conquista de direitos femininos e a independência econômica, dignificando e ressignificando o sentido do trabalho da mulher no lar. Para tanto, a sua proposta era a de “[...] designar a cada mulher que se casa uma quantia mensal desde o dia do seu matrimônio” (DUARTE DE PERÓN, 1951, p. 279). Sendo assim, elas alcançariam certa autonomia financeira sem, necessariamente, precisarem substituir o lar pelo mercado de trabalho.

Para Eva, a humanidade e as organizações políticas e sociais necessitavam da presença das mulheres, as quais conseguiam enxergar os cidadãos de maneira menos técnica e mais amorosa. Segundo ela: “Por isso nós, mulheres de toda a terra, temos, além de nossa vocação criadora, outra, de conservação instintiva: a sublime vocação da paz” (*Ibidem*, p. 286).

Então, apesar de afirmar, em alguns casos, o benefício das mulheres ocuparem certos espaços públicos, ela o fez com reticências e limitações, já que compreendia que esse movimento só seria possível se elas transferissem seus elementos de feminilidade (sensibilidade, afetividade, intuição, doçura, etc.), resguardados ao lar, para o campo político.

Não obstante, independente dos interesses que envolveram a decisão de Eva Perón de liderar o movimento pelo voto feminino na Argentina, é inegável a significância dessa conquista, seja no que tange a representatividade das mulheres como eleitoras e legisladoras (deputadas e senadoras), seja como parte da luta rumo à uma possível igualdade civil entre os sexos.

Nas engrenagens da moda, a imitação e a cópia colocam-se na cadeia da longa duração de suas estratégias. Copiar e imitar, e vice-versa, são modos de operar da moda. Neles, as personagens e personalidades históricas, políticas e culturais são alguns de seus instrumentos de produção e difusão (SIMMEL, 2014, p. 130).

Mas ela se centra também na necessidade de competição e imitação por meio da moda, ou seja, o que Simmel (2014) aponta como a utilização de tendências desse universo para a obtenção de apoio social e para a distinção de uma classe. Assim, a inveja das mulheres da elite argentina em relação à Eva estava pautada numa forma de reação aos modos comportamentais e estilísticos da primeira-dama, vistos por essas sujeitas como modelos inferiores, considerando a origem humilde de Evita.

Muzany e Jordão (2019) ratificam essa ideia de hierarquização social e analisam como a inveja engendra um cenário de competitividade no qual o indivíduo tenta provar que a importância de suas qualidades nas relações sociais manifestam o seu diferencial e supera à do outro. Sobre essa concorrência, Lipovetsky propõe que

[...] o domínio da aparência ocupou um lugar preponderante na história da moda; se ele não traduz, à evidência, toda a estranheza do mundo das futilidades e da superficialidade, ao menos é sua melhor via de acesso, porque a mais bem conhecida, a mais descrita, a mais representada, a mais comentada (LIPOVETSKY, 2009, p. 26).

Então, segundo Lipovetsky (2009), os estudos da moda também podem ser utilizados para se entender como o seu potencial aquece as vaidades e essas, por sua vez, produzem as invejas.

Sendo assim, quando Juan fora eleito, Eva, em meio à hostilidade e inveja das mulheres da elite argentina, liderando a ala feminina do Partido *Justicialista* (peronista), não tardou em dar início a um movimento à favor da obtenção do sufrágio para as mulheres, o que contribuiu para que seus discursos se espalhassem pelas rádios, multidões, chegando até os legisladores do

país, o que explica, de certa forma, a criação do Partido Peronista Feminino (PPF) em 26 de julho de 1949.

Sobre esse Partido, o qual teve a sua sede inaugurada em Buenos Aires em 29 de outubro desse mesmo ano, é importante ressaltar que, nas palavras da própria Eva Perón, essa frente política não seria independente, mas apenas mais uma liga de idolatria e defesa de Perón e seus ideais. Para a primeira-dama: “Para a mulher, ser peronista é antes de tudo manter-se fiel a Perón e depositar nele uma confiança cega” (ORTIZ, 1997, p. 316).

É importante ressaltar que um ano antes, em 1948, nascia a Fundação Eva Perón (FEP), a qual funcionava como um terceiro poder, trabalhando juntamente com o Exército e a Confederação Geral do Trabalho (CGT), e sendo responsável por criar um grande número de “(...) hospitais, escolas, farmácias populares, enfermarias (...)” (AVELINO, 2014, p. 55), que serviram como elo entre Eva e as camadas mais pobres do país.

Com Perón no poder, a (FEP) fora criada em 8 de julho de 1948 por meio do decreto 20.564, mas, de acordo com Stawski (2005), Eva já possuía uma trajetória voltada à ajuda social, o que fica evidente quando é considerado o engajamento dela no levantamento de recursos para as pessoas afetadas pelo terremoto ocorrido em San Juan, em 15 de janeiro de 1944.

Como primeira-dama, mas antes mesmo da criação da Fundação, a população marginalizada já enxergava em Evita uma mediadora da relação entre o povo e Perón, o que era demonstrado pelo grande fluxo de cartas escritas para ela pelo povo *descamisado*.

Figura 3: Eva recebe e lê cartas entregues por pessoas humildes



Fonte: (MUNDO PERONISTA, n° 2, agosto, 1951, p. 10)

Abaixo da imagem, a frase: “A mão delicada e forte continua a traçar as iniciais cuja influência tem remediado tantos males (*Ibidem*) (*Tradução livre das autoras*)⁴. Além da foto corroborar a narrativa da primeira-dama como um alguém inteiramente disposta ao trabalho com os mais humildes, outros elementos importantes também podem ser observados na fotografia. Mesmo que Evita apareça de costas na imagem, é perceptível o seu cabelo brilhante puxado no seu famoso coque, um de seus brincos, suas unhas pintadas, um chapéu *voilette* e a parte superior de seu conjunto de *tailleur*.

Então, apesar do seu contato direto com o povo pobre e a sua tomada de posição como líder dele, a imagem evidencia a existência de uma grande barreira entre o requinte de seu visual e a humildade de quem está à frente da primeira-dama na foto apresentada.

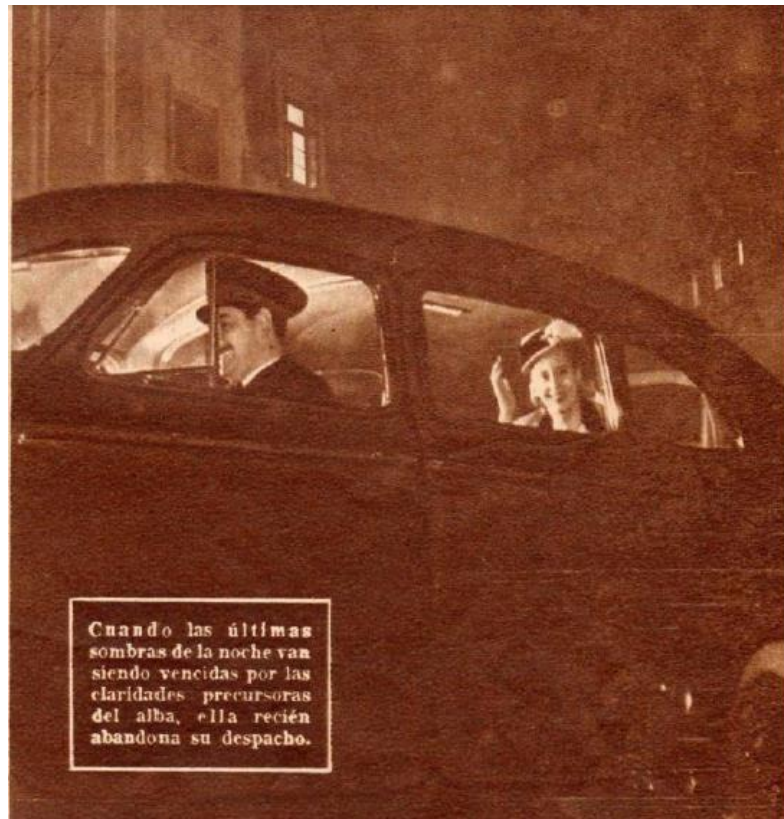
Eva recebia as cartas e as lia com a ajuda de “homens e mulheres humildes” (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 171), os quais selecionavam e contribuía na resolução dos problemas apresentados pelo povo. Segundo ela, a ajuda de tais pessoas era necessária devido à grande quantidade de cartas recebidas diariamente. Em um trecho de sua autobiografia, ela afirma: “É claro que entre cinco, seis e ainda umas dez mil e quinze mil cartas que chegam às vezes em um dia, muitos casos ficarão sem solução” (*Ibidem*, p. 173).

De acordo com Evita, durante as tardes de ajuda social, ela geralmente recebia os *descamisados* na Secretaria de Trabalho e Previsão, mas essas visitas também aconteciam em sua residência. Nesses encontros, mais do que ouvinte e receptora dos problemas materiais desses trabalhadores (sejam eles sobre doença, desemprego, despejo, etc.), Eva também desempenhava a função de auxiliadora espiritual das populações marginalizadas (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 194).

A primeira-dama esclareceu que, em muitos casos, nesses dias ela recebia os homens que, por erros cometidos, haviam saído ou perdido seus cargos no movimento peronista. Sobre isso é interessante pensar como esse atendimento direto dos *descamisados* poderia servir para evitar a criação de uma oposição popular ao Governo de Perón.

⁴ Do original: “La mano delicada y firme continúa trazendo las iniciales a cuyo influjo quedan remediado tantos males”

Figura 4: Já à noite, Eva deixa seu escritório



Na imagem, a frase: Quando as últimas sombras da noite são superadas pela claridade precursora do amanhecer, ela acaba de sair do escritório (MUNDO PERONISTA, n.01, julho, 1951, p. 25) (*Tradução livre das autoras*)⁵.

Na imagem acima, já à noite, Eva deixava o seu escritório na Secretaria de Trabalho e Previsão. Maiores explicações sobre o contexto que rodeia a foto, não são oferecidas pela MP, mas podem ser encontradas na autobiografia de Eva.

Em *La razón de mi vida*, Evita esclareceu que, às vezes, as suas tardes destinadas ao atendimento dos trabalhadores se estendiam por mais horas do que o esperado, de modo que devido ao tardar da noite, não havia a possibilidade dela se transportar para a sua casa por meio de um ônibus, trem ou metrô, tendo que se valer assim, da corrida de um táxi, ou ainda, da utilização do carro próprio.

Acabo sempre tarde meu trabalho nestes dias de ajuda social. Muitas vezes já não circulam metrôs, nem trens, nem certas linhas de tranvias ou de ônibus. Então as famílias que tenho atendido e que foram morar longe da Secretaria, teriam sérios inconvenientes para se dirigir aos seus domicílios senão contasse eu com os carros dos meus visitantes. Engraçado é que às vezes se utilizam todos os carros e também devo utilizar o meu e mais de uma vez, devia pegar um táxi para voltar à Residência (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 192).

⁵ Do original: Cuando las últimas sombras de la noche van siendo vencidas por las claridades precursoras del alba, ella recién abandona su despacho.

É possível perceber, então, que nessa passagem, Eva tenta explicar o seu *glamour*, que na sua volta para casa podia ser percebido pela posse de um carro e de um *chofer*, (elementos luxuosos num contexto em que as mulheres ainda nem dirigiam). Eva, membro da elite política argentina, apesar de seu requinte aparente, cultivava um discurso voltado para a simplicidade e a falta de vaidade, o que fica evidente na citação acima, a partir de sua preocupação com a forma com que os trabalhadores voltariam para suas casas após as tardes de ajuda social.

Esse seu trabalho com os *descamisados* fazia parte dos projetos da FEP, criada a partir do aporte da Direção Nacional de Assistência Social, vinculada ao Trabalho e Previsão, mas que, legalmente, possuía natureza privada. Inicialmente, buscaram-se estratégias para a obtenção de financiamento para a execução e manutenção das atividades de ajuda social, porém, a estruturação e aplicação de um plano efetivo só ocorreu em setembro de 1948, quando Eva colocou em prática seu trabalho, a partir do seu estabelecimento no prédio da Secretaria de Trabalho e Previsão (STAWSKI, 2005, p. 02-03).

A disseminação da atividade assistencial da FEP ocorria, em grande parte, por meio dos abrigos para pessoas desamparadas. No caso dos três Lares de Trânsito, criados com o objetivo central de oferecer um lar às mães solteiras e enjeitadas pelos maridos, era concedida toda uma série de cuidados à essas mulheres, seja por meio de ajuda material (em dinheiro, roupas, passagens, etc.), assistência física (tratamentos médicos), seja pelo auxílio espiritual (dado por intermédio da realização de cerimônias católicas).

Fora isso, por meio do patrocínio do governo peronista, a Fundação também realizou um programa de concessão de pensão de velhice às pessoas acima de 60 anos, assim como, a partir de 1950, criou uma rede de armazéns que, em datas religiosas como natal e Semana Santa, vendiam produtos essenciais da dieta alimentar por preços mais baixos que os ofertados pelos mercados ‘convencionais’ (STAWSKI, 2005, p. 04).

Além disso, Evita afirmou que a Fundação distribuía presentes para as crianças no dia dos Reis Magos, e panetones e sidras para os pobres no Natal. A FEP também era a responsável por construir Lares - Escolas por toda a Argentina, os quais serviam como abrigo para crianças abandonadas e órfãs (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 205).

No que tange à saúde, entre 1951 e 1955, a FEP foi responsável por engendrar treze policlínicas, as quais eram administradas tanto pela própria Fundação como pelo Estado peronista. E, apesar de serem obras direcionadas para o auxílio de crianças, mulheres e idosos, esses hospitais só foram construídos graças à ajuda dos trabalhadores.

As policlínicas, os lares-escolas, os lares de trânsito, a cidade das crianças, os lares de idosos, todos aqueles maravilhosos trabalhos que a Fundação Eva

Perón construiu nos mais diversos lugares do país cumprem hoje uma missão humanitária e patriótica que os argentinos desconheciam até recentemente (MUNDO PERONISTA, n. 03, agosto, 1951, p. 31) (*Tradução livre das autoras*).⁶

É possível perceber, então, que o projeto político do peronismo amalgamava práticas assistencialistas, ou seja, ações não pautadas no direito, com conquistas efetivas a favor dos trabalhadores, que Couto (2015) define como a concretização de políticas públicas em prol da proteção e seguridade social.

Conforme aponta Stawski (2005, p. 06-07), quando ainda em vida, Eva era a responsável suprema pelas atribuições da Fundação, como, por exemplo, o investimento de dinheiro, a movimentação de créditos, ações e títulos, a administração das questões jurídicas e a escolha de conselhos e nomeação de líderes. Todavia, com a enfermidade e morte de Evita em 1952, o comando da FEP passou a ficar sob a responsabilidade de um Conselho de Administração, presidido por Perón, o qual burocratizou – e estatizou - sua organização.

Essa nova estruturação estava focada no ordenamento econômico e administrativo da instituição, deixando em plano secundário o trabalho de ação social desenvolvido e priorizado por Eva Perón. Tal reordenamento contribuiu fortemente para o enfraquecimento da Fundação.

Com o fim da FEP, era necessário manter viva a figura e o simbolismo da primeira-dama, o que foi possível por meio da atribuição de um organismo de difusão à essa instituição, o qual servia de elo – e fonte - comunicativo entre a Fundação e os órgãos midiáticos estatais.

[...] Perón inventou mais um subterfúgio para dissimular a morte por trás de uma cortina. Pediu que continuassem a mandar cartas a Evita como se ela ainda estivesse viva. ‘Como se’: definição do peronismo (ou da Argentina). O sobrescrito devia ser: ‘Señora Eva Perón, Residência Presidencial, Aguero 2.502, Capital’ (ORTIZ, 1997, p. 382).

Então, apesar da Fundação ter continuado o seu funcionamento – à outros moldes – mesmo com a morte da primeira-dama, para que o caráter social da instituição se mantivesse evidente, recorria-se ao legado de Eva Perón.

No que se refere à origem privada da instituição, ela se devia às doações que eram originadas de “[...] particulares, empresas, municípios, províncias ou do próprio estado” (STAWSKI, 2005, p. 11) (*Tradução livre das autoras*)⁷, as quais podiam ser de naturezas diversas, como materiais de construção, dinheiro, terrenos e obras de arte. Não obstante, apesar de se configurar como uma instituição legalmente privada, era mantida, em grande parte, pelos

⁶ Do original: “Los policlinicos, los hogares-escuelas, los hogares de tránsito, la ciudad infantil, los hogares de ancianos, todas esas maravillosas obras que la Fundación Eva Perón ha construído en los más diversos lugares del país, cumplen hoy una misión humanitaria y patriótica que los argentinos desconocíamos hasta hace poco.”

⁷ Do original: “[...] particulares, empresas, municipalidades, províncias o del próprio estado.”

impostos atribuídos aos assalariados sindicalizados pelo próprio Estado justicialista.

Para Evita, sua obra de ajuda social estava estreitamente ligada às necessidades dos *descamisados*. Era realizada graças ao dinheiro deles e era à eles direcionada. Se seu trabalho contribuía para fortalecer politicamente Perón, para ela, era consequência e não motivação de sua causa (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 222-223).

Então, num primeiro momento (1948-1952), com a liderança de Eva, prezava-se pela ajuda aos grupos sociais mais pobres e vulneráveis do país. Porém, entre a morte da primeira-dama e o fim da instituição (1952-1955), as prioridades da FEP foram repensadas, e as obras e projetos sociais, secundarizados. Apesar da disparidade entre as realizações promovidas nos dois períodos, Stawski (2005) chama atenção para o aumento exorbitante de doações recebidas durante a segunda fase.

No entanto, o capital disponível era muito maior, pois ela já havia recebido dinheiro através de doações. Em 11 de outubro de 1955, o capital da FEP era de quase \$ 2.675.000.000. No entanto, é necessário diferenciar em relação a esta questão que os períodos em que Eva administra a instituição e o tempo em que o Conselho funciona são muito diferentes (STAWSKI, 2005, p. 11) (*tradução livre das autoras*).⁸

Para Díaz (2005, p. 85), à medida que a Fundação ia ganhando força social, maior era o desagrado das mulheres de elite que, até 1946, eram membros da Sociedade de Beneficência, órgão encarregado da promoção de ações filantrópicas pelo país. Evita, em meio à antipatia das damas da Sociedade, demonstrava preocupação com os *descamisados* e impulsionava Perón para direcionar projetos que auxiliassem as populações mais pobres da Argentina. Segundo Silva (2009, p. 68):

Propôs ao marido que algo fosse feito para a população pobre, demonstrando sua preocupação social e política: “Devemos fazer trabalhos do governo para que os *descamisados* saibam que o poder lhes pertence.” (Balmaceda, 2003, p.174). Concordou Perón, contanto a esposa se ocupasse com os *descamisados* e ele, com o poder. “Bem, Evita, me parece bom. Você cuida dos *descamisados*. Eu cuido do poder e dos oligarcas (*Tradução livre das autoras*).⁹

A historiadora Mott (2001), se referindo ao caso brasileiro, analisa a relação das mulheres da

⁸ Do original: “Sin embargo, el capital disponible era muy superior, puesto que ya había recibido dinero a través de donaciones. Al 11 de octubre de 1955, el capital de la FEP era de casi \$2.675.000.000. Sin embargo, hay que diferenciar con relación a este tema que son muy distintos los períodos donde Eva maneja a la institución y el momento em donde pasa a ejercer funcione el Consejo.

⁹ Do original: Propôs ao marido que algo fosse feito para a população pobre, demonstrando sua preocupação social e política. “*Debemos hacer obras de gobierno para que los descamisados sepan que El poder es de ellos*”. (Balmaceda, 2003, p.174). Concordou Perón, contanto que a esposa se ocupasse com os *descamisados* e ele, com o poder. “*Bueno, Evita, me parece bien. Vos ocupate de los descamisados. Del poder y los oligarcas me ocupo yo*”.

elite com as atividades filantrópicas, e percebe que a historiografia do país, apesar de entender essa atuação feminina como uma estratégia de inserção de mulheres no âmbito público, não considera, na maioria dos casos, os interesses e objetivos dessas agentes, compreendendo-as como apoio e apêndice das ações masculinas.

De acordo com Díaz (2005, p. 50), a oligarquia argentina era sustentada principalmente por seu poder social e pela propriedade de vastas extensões territoriais. Além disso, gozava de luxo e de gastos excessivos, e se dedicava especialmente à prática de esportes e à obras de caridade na Sociedade de Beneficência. Entre os anos de 1946 e 1955, essa foi a classe alvo dos ataques políticos de Eva e Juan Perón em seus discursos. Para Evita:

O "povo" da oligarquia diz que é rude falar sobre política quando visita a casa de outra pessoa. A mulher peronista não deve levar em conta esses preconceitos da oligarquia. Má educação era "vender a Pátria como eles a venderam" (MUNDO PERONISTA, nº 04, setembro, 1951, p. 05) (*Tradução livre das autoras*).¹⁰

Na sua autobiografia, Eva Perón comentou como foi recebida com aversão pela oligarquia e, além disso, se questionou acerca das motivações para tal antipatia.

E me pergunto: por que tivesse podido rejeitar-me a oligarquia? Por minha origem humilde? Por minha atividade artística? Porém, acaso alguma vez esse tipo de gente teve em conta aqui, ou em qualquer parte do mundo estas coisas, tratando-se da mulher de um presidente?" (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 87).

A primeira-dama, ao se diferenciar do trabalho social elitista realizado até então, se apresentou como precursora de um modelo de primeira-dama, já que diferente das anteriores, provinha de rincões do país e se distanciava das oligarquias (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 86).

No que tange aos estudos das primeiras-damas, é preciso considerar a figura de Darcy Vargas (1895-1968), esposa do presidente brasileiro Getúlio Vargas (1882-1954), e contemporânea à Eva Perón. Darcy é reconhecida, entre outras coisas, pelo seu trabalho assistencial desempenhado por intermédio da Legião Brasileira de Assistência, fundação que presidiu entre os anos de 1942-1945.

De acordo com Simili (2008), a política perpassou a trajetória pessoal de Darcy, fazendo que ela se tornasse uma personagem que caminhou pelos espaços público e privado e, assim como Eva Perón, fosse uma figura que a partir do âmbito político, criasse modelos de atuação para as mulheres e os dotou de significados.

¹⁰ Do original: La "gente" de la oligarquía dice que es mala educación hablar de política cuando se está de visita en casa ajena. La mujer peronista no debe tener en cuenta esos prejuicios de la oligarquía. Mala educación era "vender la Patria como ellos la vendieron"

Para Evita, as críticas da oligarquia tomavam essas suas ações políticas como alvos, mas, na verdade, buscavam atingir Perón e o projeto político do peronismo. Fora isso, segundo ela, o seu trabalho realizado junto aos pobres, não deveria ser considerado caridade, mas justiça social, posta em prática por amor e direito (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 182-183), diferente das ações praticadas pelas damas da Beneficência que, para Eva, representavam uma forma de se autopromoverem.

É importante também levar em conta que a Fundação ocupa o lugar que havia tido até então a Sociedade de Beneficência. Levantada com uma clara postura crítica em relação à isso, apoiada em mudar a concepção de caridade ou filantropia pela a de dignidade, direitos sociais e ajuda social específica (CARBALLEDA, 1995, p. 03) (*Tradução livre das autoras*).¹¹

Mesmo que Eva tenha sido muito atuante dentro do projeto do peronismo, é possível perceber que Juan Perón considerava o trabalho social realizado por sua esposa como um conjunto de atividades que não eram centrais nem políticas, já que as práticas dessa natureza, segundo sua própria visão, deveriam permanecer sob sua única liderança. A sua função de primeira-dama era reconhecida como apêndice, desprovida de sentido político, sendo que, de certa forma, reproduzia significados de muitas tarefas desenvolvidas na esfera privada (a de ser mãe – dos *descamisados*-, por exemplo).

Segundo Evita, ela era movida pelos sentimentos e, por isso, se colocava em sacrifício pelo povo e contra a injustiça. Para ela, o sentimento era o seu mecanismo principal de vida, e era por meio dele que ela sistematizava a razão, e não vice-versa. Mais do que isso, era sentimentalmente que Evita declarava que reconhecia a desigualdade social como um processo forjado e antinatural (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 18).

Todavia, a primeira-dama não se percebia apenas como uma espectadora da manutenção e reprodução dessas estruturas sociais injustas, mas como uma agente que lutava contra elas na nação argentina. Conforme seus relatos: “Fracas mulher finalmente, eu nunca imaginei que o grave problema dos pobres e dos ricos ia bater um dia tão diretamente às portas do meu coração reclamando meu humilde esforço para uma solução em minha Pátria” (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 21).

De acordo com Silva (2004), Eva se utilizava do espaço de poder que lhe era garantido para galgar à campos que antes não eram acessíveis à ela, e tomar decisões, se utilizando de verbas públicas e privadas, que, muitas vezes, faziam com que fosse possível antecipar pautas

¹¹ Do original: “Es importante tener en cuenta además que la Fundación ocupa el lugar que había tenido hasta entonces la Sociedad de Beneficencia. Planteada con una clara postura crítica hacia ésta, apoyada en cambiar la concepción de caridade o filantropia por la de dignidade, derechos sociales y ayuda social específica.”

que Perón renegava. Sendo assim, Evita desempenhou um papel feminino estratégico frente à racionalização de um governo masculino.

De acordo com a professora Ramos (2013), que faz alusão ao livro *Nova História das Mulheres*, no século XX, ao mesmo tempo que o trabalho feminino ainda era considerado um apêndice do masculino, muitas mulheres, como Eva, ao se valerem dessa bandeira de desigualdade, se organizaram na busca pela participação direta no espaço público.

Não obstante, Evita não se prendeu apenas às suas atividades com os *descamisados*, mas também atuou no sentido de fortalecer diretamente o projeto do populismo argentino encabeçado por seu esposo, alcançando grande visibilidade política – para além do seu trabalho social. Para Silva (2009, p. 70), Eva, de modo precursor no que se refere à uma primeira-dama argentina, foi na contramão da realidade de grande exclusão das mulheres da esfera política, frequentando o Congresso Nacional e estando presente em reuniões e eventos importantes com ministros, legisladores e demais figuras de destaque.

Acerca do movimento pelo voto, muitas releituras debatem o caráter eminentemente partidário dessa ação, já que a conquista de tal direito significava uma investida do presidente na tentativa de fortalecer as bases de apoio peronistas. Soihet (2000) reitera que Eva Perón, a partir da sua retórica, exercia a função de legitimadora da doutrina peronista, conseguindo assim, apoio e adesão para esse regime.

Não obstante, para Ortiz (1997), Eva se dirigia apenas às mulheres peronistas e não ao público feminino em geral. Fora isso, não se configurava como uma militante argentina a favor dos direitos das mulheres, assim como haviam sido Carmela Horne de Burmeister (1881-1966) e as médicas Alicia Moreau de Justo (1885-1986) e Julieta Lanteri (1873- 1932), nem era pioneira na apresentação da lei a favor do sufrágio feminino, uma vez que ela já havia sido noticiada no governo de Edelmiro Julián Farrell (1887-1980).

Com o grande crescimento da imagem de Evita como figura política, entre as propostas desse governo não se enquadrava a conquista da independência feminina, mas sim, a propagação dos ideais tradicionais - socialmente construídos - de feminilidade (de mãe, esposa, dona de casa, etc.), naturalizados naquela sociedade machista – ou seja, numa organização social que define papéis diferentes para homens e mulheres.

Para Soihet (2000, p. 42)

Por outro lado, segundo sua opinião, a filiação das mulheres ao PPF longe estaria de contribuir para o desenvolvimento de sua consciência de gênero. Sem dúvida, Perón em seu discurso, quando da Primeira Assembleia do Partido Peronista Feminino, propõe para as mulheres formas de agir que longe estavam de lhes garantir uma atuação autônoma.

Para Díaz (2005), desde o início do engendramento do Estado Nação argentino no século XIX, foi posta em pauta a necessidade de se proteger a procriação, a sexualidade, o casamento e a noção de família que se tinha na época, embasada em preceitos judaico- cristãos. Esse posicionamento de conservação da sexualidade para fins de reprodução foi direcionado às mulheres, as quais deveriam obedecer ao marido e ao Estado, e desempenhar o seu suposto dom natural, qual seja, o de ser mãe.

No que se refere à mulher na década de 1940, Perón, quando à frente da Secretaria do Trabalho e Segurança Social, tomou iniciativas como a da criação da Divisão de Trabalho e Assistência à Mulher, no sentido de atender socialmente esse público, mas também organizá-lo de forma política, o que surtiu um efeito mobilizador que pôde ser percebido em 17 de outubro de 1945, durante o ato pela libertação de Perón.

Em meio ao estrondo dos tambores e à gritaria da multidão que entoava suas canções, o calor sufocante daquele dia contribuiu para o nascimento de outra categoria social: muitos homens tiraram seus paletós e casacos e ficaram em ‘mangas de camisa’ (NEIBURG 1992). O jornal La Prensa os chamou de ‘descamisados’. Serão esses descamisados que a história denominará os ‘descamisados de Evita’ (DÍAZ, 2005, p. 48).

Segundo a cientista social Carvalho (2015), a percepção peronista era a de que as mulheres seriam a peça chave para a edificação de um grande lar argentino e peronista, visto que elas possuiriam o dom natural de serem doces, sensíveis, amáveis, intuitivas e bondosas e, por isso mesmo, poderiam moralizar e espalhar um ar de doçura pela política.

É necessário salientar que a noção de participação política abrange formas de atuação que ultrapassam as relações institucionalizadas. Para as historiadoras Prado e Franco (2012, p. 195), a dimensão pública também compreende, além dos direitos políticos propriamente ditos, múltiplas expressões simbólicas dos sujeitos e grupos sociais.

Lembremos que política não se restringe à esfera do Estado e de suas instituições. Ela atravessa os domínios da vida cotidiana e se encontra presente nas relações variadas que se estabelecem entre os indivíduos, incluindo aquelas entre homens e mulheres (PRADO; FRANCO, 2012, p. 194-195).

Dito isto, as mulheres peronistas, mesmo que indiretamente - sendo que ainda não possuíam o direito ao voto – se fizeram presentes durante o desenrolar da prisão e soltura de Perón, e na campanha presidencial de 1945.

Elas se enquadravam no grupo dos *descamisados*, já que em sua autobiografia, Eva esclarece que esse conceito abrange todo trabalhador que ocupou a Praça de Maio no dia 17 de outubro de 1945 para reivindicar a libertação de Perón. Segundo ela, todo trabalhador é, conseqüentemente, um descamisado autêntico, mas nem todos os *descamisados* são

trabalhadores, já que estes podem descender de outras classes sociais, desde que saibam sentir o que é ser povo (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 117).

Com Perón na presidência, a política peronista considerava a Argentina como uma casa na qual as mulheres deveriam desempenhar o papel essencial de gerir, sendo que esse lar era considerado um *locus* político e sagrado. Por isso que, segundo Díaz (2005), as ações de Perón para as mulheres se voltaram no sentido da manutenção e corroboração do entendimento da mulher ‘esposa/mãe’, reservada ao espaço doméstico e privado. De acordo com Díaz (2005, p. 166): “As políticas públicas incluíam as mulheres como reprodutoras, com campanhas a favor da natalidade, proteção à mulher grávida, assistência pré e pós-parto, severa repressão ao aborto”.

Isso reflete, de certa forma, uma inquietação dos grupos conservadores, os quais temiam que essa mudança no código eleitoral e a inclusão do atributo feminino republicano aos demais, pudesse trazer consequências na forma com que a vida privada, em contraposição à pública, se organizava. Para Palermo (2007), a mulher *descamisada*, trabalhadora, peronista, para quem o discurso de Eva se destinava, deveria obter o direito à cidadania, mas ao mesmo tempo, manter a cautela de salvaguardar as virtudes (influenciadas pelos ideais catolicistas) que a faziam mulher.

Assim, Soihet (2000) chama a atenção para o modo como a primeira-dama se utilizou de uma aparente condescendência e submissão às normas masculinas impostas como um stratagem para que pudesse adentrar o espaço político e criar um aparato que desse à ela possibilidades de alcançar suas pretensões. Então, a extensão da cidadania por meio da inclusão das mulheres no âmbito político, as quais até então se mantinham afastadas da esfera pública, representou, de certa maneira, uma tática de fortalecimento da estrutura do peronismo, mas também uma via para que Evita pudesse galgar à postos considerados naturalmente masculinos.

Posto isto, não são generalizadas e nem consensuais as explicações acerca de Eva Perón. Faleceu, mas as contradições de sua figura fizeram com que ela fosse ressignificada diversas vezes por diferentes sujeitos político-sociais, ao ponto de se transformar em memórias híbridas e contrastantes e em uma profusão de interpretações historiográficas.

1.4 “Voltarei e serei milhões”: as releituras acerca da figura de *Evita*

Ao se falar de Eva Perón, personalidade histórica de grande destaque do século XX, é necessário considerar a formação de um imaginário social a respeito de sua figura, o qual integra devoção, antipatia, curiosidade, etc. sendo que ele (imaginário) se relaciona com a memória -

tanto pessoal quanto social - e as ideologias. Dele resultam diferentes representações e significações coletivas que foram criadas sobre Eva, uma vez que sua imagem serviu de mote para diversas manifestações, sejam elas artísticas, literárias, cinematográficas ou historiográficas.

De acordo com Delgado (2003, p. 10) a memória é responsável por criar sentimentos de fronteiras entre pessoas, grupos, nações, etc., e por recuperar a identidade no hoje ou no passado. Ela abarca estratos solidificados, isto é, as lembranças claras que resgatam emoções, ao mesmo tempo que restabelece os elementos voláteis e fluidos, através dos quais, a reconstrução dos eventos históricos é feita com maior facilidade.

Tempo, memória e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história. (...) Sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do passado. Sem qualquer previsibilidade do que virá a ser, o tempo, todavia, projeta utopias e desenha com cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado (DELGADO, 2003, p.10).

Isto quer dizer que a memória não é linear, mas abrange conchavos, temporalidades muito singulares, as quais podem ser encontradas, muitas vezes, submersas na marca pedagógica do tempo. Assim, é indispensável considerar a existência de uma negociação entre a memória individual e a memória 'dos outros', sendo que elas dialogam entre si, ao passo que o indivíduo se comunica com o seu grupo e com elas.

Vale ressaltar que em termos de sociedade, as reconstruções da memória são constantes, já que ela também interage com a historicidade e com os eventos históricos cronológicos, sendo que o passar do tempo incita novas discussões sobre esses acontecimentos. Apesar do tempo representar um elemento quase material para o estudo da História, são os homens e suas perspectivas e memórias (múltiplas) que trazem significados para os diversos eventos e temporalidades a serem pesquisados pelos historiadores (DELGADO, 2003, p.10).

Entre a dicotomia de meretriz *versus* santa, a figura de Evita vem sendo apropriada de diversas maneiras, muitas vezes até de forma parcial, principalmente quando o assunto é seu passado ou seus interesses no projeto político do peronismo.

Segundo a professora Teixeira (2013), que analisa a obra *Santa Evita* do jornalista e escritor argentino Tomás Eloy Martínez, publicada em 1996, há uma multiplicidade de leituras possíveis - muitas vezes, não oficiais, nem eurocêntricas e/ou tradicionais- entre dois polos interpretativos fixos, o da Eva sacra dos peronistas e o da atriz Evita dos antiperonistas. Nessa lógica, é inegável toda a querela criada em torno da figura de Eva Perón, visto que muitas das discussões deliberam sobre quais seriam suas intenções efetivas ao participar do programa do

peronismo.

Na primeira metade do século XX, ter uma mulher ocupando o espaço público e de decisões, era um tanto quanto assustador para os grupos conservadores. Porém, mais do que isso, ter uma mulher de passado pobre, inculto e questionável, e um presente marcado pela imagem de sexualização, loucura e impureza, significava, “o retorno dos piores resíduos da barbárie” (TEIXEIRA, 2013, p. 04).

Para Sebrelí (2000), a figura de Evita ridicularizava o papel do Exército, da Igreja e das famílias burguesas - e sua moral sexual tradicional. Por isso, ascender à função de primeira-dama da Argentina, significou, de certa forma, uma retaliação à essa sociedade e suas restrições. Segundo esse sociólogo, ela representava a marginalidade social: pobre, filha bastarda e uma incipiente atriz numa sociedade que identificava a profissão com o meretrício.

Evita encarnou o caráter da personagem do bastardo de Sartre: filha natural, e também à margem de duas classes, classe média alta por parte de pai, classe baixa pela mãe. Sua condição marginal fixada pela memória infantil traumática de discriminação pela família no velório do pai levou-a a rejeitar a vida convencional, ao desejo de ser outra que ela mesma [...]” (SEBRELI, 2000, p. 73-74) (*Tradução livre das autoras*).¹²¹³

Sua trajetória artística e a necessidade de se expressar não foram o bastante para que ela conseguisse fazê-lo autenticamente, de modo que se caracterizou nas personagens que lhe foram sendo atribuídas. Ela era a atriz profana, mas também a esposa e primeira-dama santificada. Nessa perspectiva, não há espaço para estratégias ou ações intencionais. Eva teria sido cooptada pelo universo de antifeminismo, de submissão à Perón, de restrições sexuais e de penteados bem feitos (SEBRELI, 2000).

Para o movimento de antiperonistas, que desde antes do falecimento da primeira-dama já buscava desqualificar sua imagem, Eva se valia de manobras retóricas e de ações sociais direcionadas e cheia de interesses para cooptar as massas e contribuir para que seu esposo, o qual mantinha laços com o nazi-fascismo, se mantivesse no poder.

Porém, quando se trata de Eva Perón, não existe linearidade interpretativa, mas pelo contrário, releituras sinuosas e conturbadas. Silva (2014) esclarece como a chamada *Lenda Negra*, interpretação negativa engendrada sobre a primeira-dama, dessacralizou Eva à medida que se trata de uma construção que questionou o seu passado de pobreza e enfatizou sua criação

¹² Do original: Evita encarnaba al personaje del bastardo de Sartre: hija natural, e además al margen de dos clases, clase media alta por parte de padre, clase baja por la madre. Su condición marginal fijada por el traumático recuerdo infantil de la discriminación por parte de la familia en el velatorio del padre, la llevó al rechazo de la vida convencional, al deseo de ser otra que ella misma [...].

¹³ Um caso marcante se refere ao falecimento de seu pai em um acidente de carro. Foi apenas no seu funeral que Eva o viu pela primeira vez, o que só foi possível graças à uma atitude audaciosa de sua mãe que exigiu que ela e seus filhos ilegítimos pudessem estar presentes durante a ocasião. (SILVA, 2004).

duvidosa e seu caráter manipulador e demagógico, supostamente utilizado como mecanismo de legitimação daquele governo a partir da sua aproximação dissimulada com os *descamisados*.

Na contramão disso, Avelino (2014) propõe que seu passado de dificuldades fez com que ela não só trabalhasse em prol do atendimento de demandas sociais fundamentais, mas também se tornasse a mãe e mentora dos pobres, ouvindo, rezando e aconselhando.

Nessa lógica, Evita teria sido a chave para que a mulher argentina alcançasse a sua autonomia num cenário político carregado por ideais machistas, disseminados tanto pela esquerda quanto pela direita. Avelino (2014, p. 56) é pontual ao dizer que “Podemos, sem receio de erro, afirmar que uma das bases teóricas do incipiente movimento de liberação da mulher na Argentina tem em Eva Perón uma de suas mais fortes precursoras”.

Assim, para Silva (2004), a antipatia da oposição não pode ser explicada pela assimilação de Eva, mas sim, em contraposição, por meio de sua atuação direta e recorrente em questões político-sociais. Para ela, a primeira-dama

Era uma mulher atuante, que interferia; uma “ponte” que leva o povo ao General Perón. Eva Duarte de Perón não era mera coadjuvante, nasceu para ser atriz principal da política argentina. Já que não se consagrou nos palcos da ficção, firmar-se-ia nos palcos da realidade (SILVA, 2004, p. 27).

Evita teria, então, priorizado o papel de líder das massas, de instigadora de ânimos e de *madre de los descamisados*, como ficou popularmente conhecida. De forma artística ou não, ela era responsável por encaminhar discursos para multidões, difundir os ideais peronistas e realizar ações em prol da classe trabalhadora e da resolução de problemas sociais.

Ela teria sido a ligação entre o presidente e os grupos menos favorecidos daquela sociedade (daí a noção de *ponte*), sendo que sua preocupação com a aparência nada mais era do que a sua beleza sendo utilizada como mecanismo para agradar os pobres. Ela mesma dizia: “Sou uma ponte entre Perón e o povo. Passem sobre mim” (ORTIZ, A., 1995, p.168 *apud* SILVA, 2004, p. 35) (*Tradução livre das autoras*).¹⁴

Em 22 de agosto de 1951, quando milhares de pessoas se aglomeraram na avenida 9 de julho para acompanhar o comício peronista e exigir que Eva Perón se candidatasse à vice-presidência do país, a primeira-dama discursou:

Eu não sou mais do que uma mulher do povo argentino, uma descamisada da Pátria, mas uma descamisada de coração, porque eu sempre quis me misturar com os trabalhadores, com os idosos, com as crianças, com os que sofrem, trabalhando lado a lado, coração com coração com eles para fazê-los querer mais a Perón e para ser uma ponte de paz entre o general Perón e os descamisados da Pátria (MUNDO PERONISTA, nº 04, setembro, 1951, p. 29)

¹⁴ Do original: “Soy un puente tendido entre Perón y el pueblo. Pasen sobre mí”

(Tradução livre das autoras).¹⁵

Sobre o conceito complexo de *descamisado*, partindo da análise de documentos escritos e registros orais do início do primeiro governo de Perón, Waissbein (2018) esclarece que esse termo não fora utilizado antes do dia 14 de dezembro de 1945, momento do primeiro grande discurso da campanha peronista.

Quando a imprensa publicou “Ao ex funcionário Perón e à ralé descamisada” (WAISSBEIN, 2018, p. 131), se referindo ao ato de 07 de dezembro de 1945, Perón se sentiu ultrajado e, na sua alocução do dia 14 do mesmo mês, respondeu dizendo:

Desfilaremos em nossas ruas tranquilas, estudantes de nossa causa, *sem qualificar ninguém como ralé ou descamisado* para contrabalançar os [sic, para "o"] que lançaram o qualificativo desdenhoso. Tenhamos um bom coração debaixo de uma camisa, o que é melhor do que ter um ruim debaixo de uma jaqueta!” (WAISSBEIN, 2018, p. 131) (Tradução livre das autoras).¹⁶

Ao se ofender, Perón deixou claro que a expressão *descamisado* fora interpretada por ele como uma denominação pejorativa, já que se tornava um sinônimo de ‘populacho’ (como a existência de uma negatividade na conduta moral dos adeptos do peronismo).

Esse quadro só se alterou de forma concreta, mas não estrategicamente, após 17 de outubro de 1946, quando Perón decidiu adotar o termo como bandeira de luta, o que fora rapidamente apreendido pelas novas massas peronistas. Nesse contexto, *descamisado* não era mais um grupo de esfarrapados, mas representava uma classe social- da qual Perón era líder - com demandas muito singulares.

Não obstante, com Perón essa expressão fora adquirindo sentidos lentos e sendo usada de forma cautelosa, em casos restritos, o que não aconteceu com Eva Perón, que a utilizava constantemente e de maneira entusiasmada. Para a primeira-dama, a distinção *descamisado* não carregava apenas elementos simbólicos, mas condições concretas de existência. De acordo com ela, a autenticidade de um *descamisado* só pertencia àqueles que eram verdadeiramente ‘povo’.

Assim, as controvérsias interpretativas sobre sua personagem, a força histórica dessa primeira-dama e o papel de destaque exercido por ela, especialmente no que se refere à organização de mulheres pela conquista de direitos políticos, fizeram com que sua memória fosse sendo apreendida de diversos modos.

¹⁵ Do original: Yo no soy más que una mujer del Pueblo argentino, una descamisada de la Patria, pero una descamisada de corazón, porque siempre he querido confundirme con los trabajadores, con los ancianos, con los niños, con los que sufren, trabajando codo a codo, corazón a corazón con ellos para lograr que lo quierán más a Perón y para ser un puente de paz entre el general Perón y los descamisados de la Patria.

¹⁶ Do original: “desfilaremos por nuestras calles tranquilos, estudiastas de nuestra causa, *sin calificar a nadie de chusma ni de descamisado* para contrapesar a ellos [sic, por “los”] que han lanzado el calificativo despectivo. Tendremos el corazón bien puesto debajo de una camisa, que es mejor que tenerlo mal debajo de una chaqueta!”

Principalmente após a morte de Evita, ocorrida em 1952, seu velório de treze dias na Secretaria do Trabalho, e o espectro de justiça social que ronda e envolve sua imagem, a transformaram numa figura *oficial* identitária, que transcende seu período de vida e marca e simboliza épocas posteriores, e que resultou no paulatino processo de construção do mito Evita.

1.5 A mitificação da Madona de los *descamisados*

De acordo com a professora Teixeira (2013, p. 06), meses antes da morte de Eva Perón, o Vaticano recebeu aproximadamente quarenta mil cartas reivindicando a sua canonização. Tal expressão coletiva sintomatizou a construção das bases do movimento de santificação e mitificação que estava ocorrendo com a imagem de Evita.

Se de um lado acontecia o enrijecimento desse processo de sacralização, de outro, nos círculos antiperonistas, comemorava-se o estágio terminal de sua doença e, posteriormente, a sua decadência pelo câncer que a abatera.

Ortiz (1997, p. 365) esclarece que, com a doença, os vestidos faustosos e as joias luxuosas foram substituídas por uma aparência humilde, os coques, por tranças sem muita elaboração, e sua vitalidade, por um aspecto físico que lembrava as vítimas de Auschwitz.

Figura 5: Eva Perón antes de seu falecimento



Fonte: (ORTIZ, 1997, p. 233)

Segundo Ortiz (1997), em 26 de julho de 1952, quando Eva faleceu, uma manicure pintou suas unhas e seu cabeleireiro, Pedro Alcaraz, fez o conhecido coque preso na nuca de Evita¹⁷, para o velório que duraria treze dias. Então, pensando nas ideologias políticas que se vinculavam à construção de sua figura, é importante analisar como mesmo após a sua morte, havia um interesse estatal em tornar perene os elementos – e o peronismo, conseqüentemente – que fizeram parte da sua beleza, o que explica, de certa forma, o embelezamento de seu corpo para o funeral.

Em 1955, três anos após a sua morte, um golpe retirou Juan Perón do poder e o mandou para o exílio e a ilegalidade na Espanha. Segundo Silva (2014, p. 156), o objetivo dos militares era o ‘desperonizar’ a Argentina, isto é, varrer e criminalizar todo e qualquer remanescente, concreto ou simbólico, que lembrasse o país dos tempos peronistas. Nesse contexto, a Evita morta, embalsamada por Pedro Ara (um médico contratado por Perón para realizar tal serviço) e exposta na sede da CGT, representava, provavelmente, o perigo mais emblemático para os militares.

Figura 6: Pedro Ara e o cadáver de Eva Perón



Fonte: (ORTIZ, 1997, p. 234)

¹⁷ Tais elementos visuais serão melhor analisados nos capítulos seguintes.

O processo de mumificação só terminou em julho de 1953 e, com a deposição de Perón da presidência pelos militares em 16 de setembro de 1955 e a chegada do general Pedro Eugenio Aramburu ao poder em novembro desse mesmo ano, a CGT foi invadida e seu corpo roubado (ORTIZ, 1997).

Esse corpo, mais do que uma memória materializada do peronismo, significava um estandarte do movimento justicialista, ideia que já ocorria antes mesmo da morte da primeira-dama, e só se potencializou após seu falecimento. Depois de sua morte, ampliou-se a santificação e a conseqüente mitificação em torno de sua figura, fortalecidas, entre outras coisas, pela procura incessante pelo cadáver, e pela devoção aos elementos de seu corpo que ainda permaneciam tocáveis graças ao embalsamento.

Mesmo que a mitificação da figura de Evita viesse ocorrendo muito antes de 1952, de fato, “Morta, Evita é mito” (TEIXEIRA, 2013, p. 07), embalsamada, ela ainda vivia. Nesse processo, os componentes visuais marcantes de Evita, como as unhas pintadas e o coque nos cabelos loiros, foram essenciais na fixação da figura da primeira-dama no imaginário popular. Seu corpo foi retirado da Argentina e percorreu um verdadeiro itinerário, ficando escondido, parte do tempo, na Itália - com a ajuda do Vaticano e da Igreja Católica -, se mantendo desaparecido por, aproximadamente, quinze anos, e só sendo devolvido à Perón, em Madri, no ano de 1971.

De acordo com Silva (2014, p. 156-157), após a descoberta do corpo, os Montoneros, grupo peronista radicalizado à esquerda que atuava na Argentina desse período e se apropriou da figura de Eva e a converteu num símbolo revolucionário, foram responsáveis por assassinar Pedro Eugenio Aramburu (1903-1970), um dos principais incumbidos na ocultação do corpo de Eva. Todo esse enredo é retratado em detalhes no impressionante documentário *Evita após a morte* (1997), de Tristán Bauer.

Todavia, o golpe de 1955 marcou também o início do período de Resistência, no qual práticas simbólicas, como missas e procissões em comemoração e rememoração às datas de nascimento e morte de Evita, demonstravam uma luta em prol da manutenção da memória e do legado da primeira-dama, mesmo num contexto de proibição irrestrita à todo e qualquer símbolo, objeto e manifestação que fizesse referência aos tempos peronistas. De acordo com Gorza (2016, p. 02)

As ações levadas à cabo em homenagem à memória de Eva Perón constituem uma instância por demais interessante para indagar sobre as dimensões simbólicas que atravessam o político e sobre como a política está impregnada de práticas ritualizadas, que neste caso, adquiriram matizes religiosos. Práticas que também, podem ser observadas como atos de memória e, nesse sentido, são pertinentes para analisar as âncoras materiais e territoriais que adotou a

construção da memória no peronismo durante a etapa da Resistência (*Tradução livre das autoras*).¹⁸

Para Silva (2014), posteriormente, em 1973, por meio da ajuda de seu aliado na Argentina, Héctor Cámpora, Perón retornou da Espanha e em 1974 foi eleito presidente do país. Porém, nesse mesmo ano ele morreu e Maria Estela Martínez de Perón (ou *Isabelita*, como era conhecida), sua esposa de então e vice-presidente da Argentina - quem a população via com maus olhos, já que ela buscava se apropriar do legado político de Eva- assumiu o posto.

Ainda conforme aponta Silva (2014, p. 157-158), Isabel mandou trazer o corpo de Evita de volta e, em março de 1976, sofreu o golpe militar que perduraria até 1983, conhecido como o mais severo e truculento da história da Argentina, responsável por deixar um número de 30.000 desaparecidos.

Temendo o simbolismo do corpo de Eva Perón, os militares o enterraram há 8 metros do chão, no cemitério de *La Recoleta*, em Buenos Aires, onde permanece até hoje. Apesar de tudo, sua lápide, além de um ponto turístico, se tornou um espaço de devoção nacional a sua figura (SILVA, 2014).

De acordo com Silva (2014), a reapropriação da memória do peronismo - e da imagem de Eva Perón, em específico - continua ocorrendo na contemporaneidade, o que pode ser comprovado por intermédio da utilização dela pelo governo neoliberal de Carlos Menem (1989-1999), marcado por uma crise econômica, o qual se colocou como herdeiro das políticas peronistas e foi o responsável, entre outras coisas, por construir o Instituto Nacional de Investigações Históricas Eva Perón, no ano de 1998.

Contudo, quando os peronistas Néstor Kirchner e Cristina Kirchner ascenderam à presidência da Argentina em 2003 e 2007, respectivamente, ocorreu a tentativa de desvinculação da figura de Eva das políticas neoliberais empreendidas por Menem. Para tanto,

O presidente iniciou uma política de aproximação/cooptação dos movimentos sociais, com destaque para os *piqueteros*. A recuperação econômica, o clientelismo e o peso da tradição peronista fizeram com que essa política de Kirchner em relação aos movimentos sociais fosse bem-sucedida (SILVA, 2014, p. 163).

Fora isso, para dar o diapasão aos seus discursos, o casal reivindicou a imagem da *Evita*

¹⁸ Do original: Las acciones llevadas a cabo en homenaje a la memoria de Eva Perón constituyen una instancia por demás interesante para indagar sobre las dimensiones simbólicas que atraviesan lo político y sobre cómo la política está impregnada de prácticas ritualizadas, que en este caso, adquirieron matices religiosos. Prácticas que además, pueden ser observadas como actos de memoria y, en este sentido, son pertinentes para analizar los anclajes materiales y territoriales que adoptó la construcción de la memoria en el peronismo durante la etapa de la Resistencia.

revolucionária, associada aos trabalhadores e movimentos sociais. A partir disso, o kirchnerismo tentou engendrar o mito Evita, o qual passasse ao largo da crise econômica que marcou a década anterior, mas que, ao contrário, representasse a proximidade de tempos felizes e prósperos.

Sobre a construção do mito, o pesquisador Gandin (2010) analisa que ele geralmente se amalgama com a religiosidade e é envolto por heroísmo, simbologias e um imaginário de crenças. Esse herói seria, então, quem atende às expectativas populares e quem cria horizontes quando num cenário de desesperança, causado, seja por uma bancarrota econômica, seja por uma crise sociopolítica ou identitária.

Esse engendramento ocorre de forma paulatina e tem como um dos seus estágios centrais, a “identificação do povo com a liderança” (GANDIN, 2010, p. 10). No caso de Eva Perón (com seu epíteto de *Madre de los descamisados*), esse processo de reconhecimento - e sentimento de pertencimento popular, conseqüentemente - teria ocorrido porque ela simbolizaria dramas também enfrentados por grande parte da população. Era mulher, bastarda, pobre e atriz. Para os grupos tradicionais, era escória.

Tudo isso somado à sua carreira política voltada à ajuda social, a luta pela conquista de direitos aos grupos marginalizados da sociedade argentina, e a sua morte prematura e rodeada por mistérios, tornou-se possível a mitificação e santificação de Evita.

Sendo a sacralização, muitas vezes, convertida numa estratégia política, é necessário considerar a grande influência exercida pela propaganda estatal, a qual teve o papel de difundir uma imagem *oficial* de Evita, mirando transformá-la num símbolo do peronismo. Porém, para Silva (2014, p. 149): “é necessário considerar que existem sujeitos e grupos diferentes envolvidos no processo, que deram – e dão – sentidos particulares à imagem da primeira-dama.”, os quais, independente dos discursos que empregam, fazem com que Eva Perón sobreviva de diversas formas no presente e para a posterioridade.

Dessa forma, os meios de comunicação almejaram o subjetivo e promoveram a criação de um imaginário coletivo em torno de tal figura, enquanto que as interpretações e releituras, como as construídas após à morte de Evita, abriram espaços para a criação e divinização do mito e para a simbiose entre representação e realidade, memória e história e mito e história (AVELINO, 2014, p. 50).

Entre esses veículos de informação se encontrava a imprensa peronista, a qual apresentava as avaliações sobre os acontecimentos político-sociais, culturais e econômicos argentinos a partir de uma versão estatal. Dito isso, é importante considerar que Eva foi apropriada como símbolo oficial do peronismo, assim chamada por representar quase que

institucionalmente aquele projeto político.

Dessa forma, o capítulo a seguir pretende, por intermédio da análise da MP, revista de cunho oficial, tecer um debate acerca de como essa imprensa se configurou, e a forma com que ela interpretou Eva, já que assim é possível perceber também como Evita se permitiu interpretar.

CAPÍTULO II

EVA PERÓN NA REVISTA *MUNDO PERONISTA* (1951-1952): A IMPRENSA COMO INSTRUMENTO POLÍTICO

O presente capítulo buscou traçar um estudo acerca da configuração e organização da revista MP, de modo a se tornar possível a análise de como a primeira-dama Eva Perón, suas ações e aparências passaram a ser objetos de narrativas nesse periódico, no qual se encontram pistas acerca de como suas transformações estéticas se processavam no mesmo compasso de suas influências na vida pública, política, social e cultural.

Mesmo depois da segunda metade do século XX, havia muita resistência quanto a utilização da imprensa como método e instrumento da pesquisa histórica. Isso pode ser explicado, em partes, pelo legado de negação dos documentos não oficiais - contrários a suposta confiabilidade e credibilidade dos considerados oficiais-, herança da escola metódica do século XIX (LUCA, 2005).

Assim, marginalizados, os impressos periódicos eram vistos como materiais duvidosos, já que passariam ao largo da neutralidade, representando uma relação de proximidade e envolvimento do seu produtor com o objeto ou acontecimento a ser estudado. Não obstante, a quebra epistemológica e a renovação historiográfica trazidas pela terceira geração dos *Annales*, possibilitou a abertura no leque de temáticas de estudo e a multiplicação de abordagens, fontes, objetos e problemáticas.

Se antes as pesquisas historiográficas se focavam na infraestrutura (perspectiva holística), isto é, na forma como as estruturas sociais determinam o processo histórico, a partir desse movimento, na tentativa de se compreender o sujeito e a linguagem, foi possível a análise da microfísica e da consideração de temas como lazer, cotidiano, cultura, mentalidades, e etc.

De acordo com os estudos pontuados por Luca (2005), essas transformações alteraram também a própria compreensão que se tinha de documento. Não mais visto como inquestionável e totalmente imparcial, independentemente de sua origem (escrita, oralidade, fontes visuais e/ou imprensa), com essa reviravolta na historiografia, os documentos deveriam ser desconstruídos e criticados, compreendidos a partir das idiossincrasias, interesses e intencionalidades - de naturezas diversas - de quem os produziu.

Nesses termos, destaca-se a imprensa (peronista, em específico), a qual assentou-se como a fronteira entre o ceticismo e a confiança, isto é, a amálgama que abrange um pouco de ambos.

2.1 A imprensa argentina sob o primeiro governo peronista (1946-1955)

Evita se utilizou de sua beleza, seu histórico de vida e de suas qualidades de mulher periférica (pobre, bastarda, provinciana, etc.) para se dirigir à sociedade argentina por intermédio de uma conexão que suplantava a relação primeira-dama *versus* massas, mas que se estruturava a partir de um elo identitário.

A imagem de Evita estava relacionada à construção de uma opinião pública favorável. Para Becker (2003), o conceito de *opinião pública* pode ser compreendido, entre outras coisas, como a dinâmica dos comportamentos sociais que se alteram devido à complexa relação estabelecida entre o contexto e as mentalidades.

Apesar de a *opinião pública* parecer ser formada por algo compacto e homogêneo, é certo considerar que em nenhuma situação houve apenas um viés, já que apesar dela ser única, as opiniões em um contexto são múltiplas. De acordo com Becker (2003), essa opinião pública teve, em dada situação, conexões com a imprensa, mas, paulatinamente, esse veículo caiu em descrédito.

Porém, a imprensa pode oferecer vestígios significativos e sintomáticos para a compreensão da opinião pública, desde que ela seja um mecanismo utilizado num contexto democrático e que permita a multiplicidade da natureza dos discursos, já que em períodos nos quais a imprensa é censurada, ela só reflete, obviamente, a opinião de um só grupo, ou seja, a do responsável pela censura, financiamento e difusão das informações (BECKER, 2003, p. 196-197).

A propaganda e a produção cultural foram importantes pilares do peronismo, já que por intermédio delas se tornou possível a disseminação de um ideário próprio desse projeto político, tal como o fortalecimento de sua base social, a padronização de valores morais e o apaziguamento da oposição, objetivando tanto a obtenção de simpatizantes e partidários, como a conquista de uma possível unidade social.

De acordo com Gonçalves (2010), principalmente por meio do enaltecimento e do processo de mitificação das duas grandes figuras políticas envolvidas nesse projeto, Juan e Eva Perón, a propaganda peronista buscava, entre outras coisas, o engendramento de um imaginário social favorável e legitimador daquele regime. Para isso, Perón se valeu de símbolos e imagens, de valores cristãos e hispânicos e da edificação de perspectivas para a conquista de uma possível justiça social.

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as

esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias sem dúvida, mas também – e é o que me interessa – por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos (CARVALHO, 1990, p. 10 *apud* GONÇALVES; GONÇALVES, 2010, p. 43).

No que se refere aos símbolos oficiais utilizados pelos meios de comunicação peronistas, cita-se a primeira-dama Eva Perón como a ‘mulher do povo’, ou seja, a personagem que serviu de ponte entre o governo e as mulheres, por intermédio da sua liderança em prol dos direitos políticos femininos, e dos trabalhadores *descamisados*, através de discursos e de políticas sociais voltadas aos grupos mais carentes da sociedade argentina. Se autointitulava como ponte, já que acreditava que ela seria um veículo que permitiria a conexão entre Perón e a população marginalizada. Isso porque saberia transmitir com maior facilidade as mensagens e exigências dos *descamisados* ao presidente, que se tornava mais acessível pela *intercessão* de sua esposa.

Assim, considerando o conceito de propaganda como um mecanismo de disseminação de ideologias, Gonçalves (2010) ressalta o seu caráter negativo, quando relacionado à influência dos regimes nazifascistas na campanha peronista, especialmente no que concerne à intervenção direta na vida social, a manipulação e sensibilização das massas, a disseminação de princípios nacionalistas e o acoassamento e censura à grupos de oposição.

De acordo com Capelato (1997, p. 209-210), a propaganda política se vale de ideias e conceitos, mas os convertem em construções imagéticas e simbólicas, de modo a fazer com que sejam absorvidos pelo imaginário social por intermédio dos meios de comunicação, os quais representam os instrumentos que permitem a circulação da mensagem entre emissor(es) e receptor(es). Sendo assim, esses veículos de comunicação exercem controle sobre o imaginário coletivo, o que significa uma forma poderosa de prática e domínio do poder, o qual é potencializado em regimes em que a propaganda é monopolizada pelo Estado.

Perón estabeleceu uma relação complexa com os meios de comunicação, já que se de um lado o peronismo impulsionava a produção e circulação de propagandas favoráveis ao governo, por outro ele também intervia e censurava diretamente os veículos de oposição. Para Gonçalves: “O governo conseguia amplo controle através de práticas de sabotagem, corrupção, suspensão de direitos, corte de subsídios, restrições de papel (no caso da imprensa), entre outros” (CAPELATO, 1998 *Apud* GONÇALVES; GONÇAVES, 2010, p.53).

Segundo Capelato (1997), a criação de todo um aparato propagandístico pelo peronismo

visava, assim como no varguismo, dominar as massas populacionais, suprimir a oposição e evitar qualquer tipo de levante político-social contrário ao governo. Todavia, apesar desse controle dos meios de comunicação ter sido um fator significativo para que o peronismo fosse amiúde associado ao nazifascismo por pesquisadores(as), a política peronista fora implantada e desenvolvida sem burlar as normas do Estado de Direito (CAPELATO, 1997, p. 2016).

Juan Perón ascendeu à presidência da Argentina em 1946, a partir de um movimento de massas que reivindicava a sua saída da prisão (decorrente de um golpe que o retirara do poder no ano anterior). Assim, para Varela (2011), a mobilização de massas consistiu na principal base de apoio social- muitas vezes fervorosa- ao seu governo.

Contraditoriamente, as mídias desse período não deram espaço para a vasão de ações peronistas ou de notícias que concerniam e se relacionavam diretamente à figura de Juan, de modo que ele e Eva Perón se transvestiram nas bandeiras de sua própria campanha. De acordo com Varela (2011, p. 04-05): “Frente à impossibilidade de instrumentar uma campanha ao nível de seus adversários, Perón havia dito ‘coloque-me na ponta de um graveto e use-me como bandeira’” (*Tradução livre das autoras*).¹⁹

Dessa forma, em 1945, à medida que a ditadura - resultante do golpe militar de 1943- ia enfraquecendo, os meios de comunicação recuperavam o seu espaço e liberdade de fala. Entrementes, as mídias direcionaram seus esforços em fazer uma campanha assídua contra a vitória de Perón nas eleições, ocorridas no ano de 1946. Conforme aponta Capelato (1998, p. 82-83): “A grande imprensa foi porta-voz de seus adversários. Uma vez eleito, o governante não mediu esforços para liquidar a imprensa opositora, sem alterar o quadro legal”.

Paulatinamente, entre 1946 e 1955, período que Varela (2011) denomina de o “primeiro peronismo”, Perón foi adquirindo controle sobre os meios de comunicação argentinos, seja por intermédio de medidas de cerceamento, seja por meio de políticas de fomento à produções específicas (de filmes, revistas, etc).

Fora esse domínio direto das mídias, Perón também adotou a estratégia de comprar e terceirizar para grupos de sua confiança, a posse de certos meios de comunicação renomados na época. É o caso, por exemplo, da *Haynes*, editora responsável, entre outras coisas, pela produção da revista MP (1951-1955), a qual amalgamava a inovação nas publicações com o discurso oficial do governo.

O Estado peronista se encarregou de criar uma empresa, a ALEA S.A., incumbida de imprimir e editar jornais, revistas e folhetins, de modo a fortalecer e sistematizar a propaganda

¹⁹ Do original: “Frente a la imposibilidad de instrumentar una campaña al nivel de sus adversarios, Perón habría dicho ‘Pónganme a mí en la punta de un palo y úsenme como afiche’”

à favor do governo de Perón, a qual passou a ser difundida por meio da Secretaria de Informação Peronista (SIP), que fora criada no ano de 1950 e ficava sob os auspícios do secretário Raúl Apold. Posteriormente, em 01 de março de 1951, foi instituída a Escola superior Peronista (ESP), que ficou com o encargo de disseminar os princípios do projeto político em questão.

De acordo com Capelato (1998, p. 83), Raúl também era responsável por fortalecer a estrutura propagandística desse governo, e o fazia por meio da realização de festivais, da produção de almanaques recheados por slogans e fotografias marcantes e de objetos ilustrados e representativos do peronismo.

Assim, criava-se a sensação de que o apoio ao peronismo era uníssono e incontestável, e que os sujeitos sociais peronistas, liderados por Perón e Evita, controlariam toda esfera pública e de decisões e lutariam em prol da Pátria argentina, soberana e o mais distante possível da ofensiva midiática ‘antinacionalista’ do imperialismo norte-americano

– presente em rádios e cinemas, principalmente - (considerando o contexto de Guerra Fria). Segundo Capelato (1998), para que seja possível a compreensão dos mecanismos e engrenagens que compuseram os meios de comunicação peronistas, é necessário se atentar a como eles absorveram influências das propagandas nazifascistas, ou seja, italiana e alemã, sem ignorar, entretanto, às características típicas da manifestação midiática argentina.

No caso peronista, em específico, detecta-se uma aproximação com os governos totalitários, à medida que nele (populismo argentino), o Estado possuía o domínio e monopólio dos meios de comunicação, e objetivava moldar as notícias, de modo a criar um imaginário coletivo favorável à ‘ordem’ social estabelecida. Para tanto, mesclava-se a propaganda política com doses de carga sentimental.

Para Capelato (1998, p. 82-83)

Na Argentina, a propaganda política também foi inspirada nas experiências nazi-fascistas. Perón, antes de se tornar líder político, permaneceu algum tempo na Itália e visitou a Alemanha, onde tomou contato com a experiência da propaganda. Após o golpe de 1943, sugeriu que o novo governo apelasse para a publicidade.

Porém, essa suposta harmonia social não abria hiatos para divergência. Por isso, a rádio e, principalmente os periódicos, serviram para perseguir qualquer oposição ao peronismo, o que ocorria de diferentes formas, como, por exemplo, através da imposição de medidas restritivas, como o boicote, a redução do número de papeis e a contenção de subsídios e incentivos.

Nesse processo de opressão aos dissonantes, reiterava-se o discurso oficial a partir do domínio de editoras, como a *Hayes*, e da criação de revistas como a *Mundo Argentino*, *Mundo Agrário*, *O Lar* e a *Mundo Peronista*, à qual será melhor analisada a seguir.

2.2 De um peronista à outro: a história e origem da revista *Mundo Peronista*

A transformação do corpo e das gestualidades de Eva Perón não pode ser desassociada das ideologias políticas que atravessaram a sua trajetória. Assim, para se entender as composições e alterações na sua visualidade, é importante compreender como a propaganda, em geral, e revista MP, em particular - utilizada para o estudo político e da moda sobre a figura de Evita -, era entendida e empregada pelo Estado peronista.

No final dos anos de 1940 a propaganda passou a se tornar o instrumento central responsável por dar o tom ao peronismo, de tal forma que os principais meios de comunicação, como jornais, revistas, poemas, canções, rádios, livretos, artes gráficas, etc. foram sendo assimilados para reproduzir o discurso oficial do populismo argentino. De acordo com Panella (2010, p. 289)

Agora, a quem a revista se dirigia? Depois aos ‘peronistas’: líderes, militantes, membros e simpatizantes, que desde aquela condição se tornaram os destinatários das "palavras orientadoras, definidoras e permanentes" de Juan Perón e Eva Perón e as ações do governo peronista. Deste modo, o Mundo Peronista articulou diversas estratégias de difusão doutrinal e propaganda governamental que tinham como finalidade reafirmar o "peronismo dos peronistas", proporcionando-lhes argumentos para enfrentar as críticas opostas. Além disso, para que aqueles que apenas simpatizassem ou simplesmente aderissem, pudessem se tornar ‘fanáticos’ de uma causa que fosse justa, transcendente e eminentemente patriótica. (*Tradução livre das autoras*).²⁰

A proposta era a de engendrar uma *Nueva Argentina*²¹ (MORALES, 2017, p. 73), ou seja, um país que mirasse um futuro de independência, industrialização e justiça.

Para tanto, o peronismo se valeu de instrumentos propagandísticos pedagógicos, objetivando difundir a doutrina peronista, isto é, disseminar, de maneira didática para os trabalhadores, os ideais de modernidade, desenvolvimento e inclusão social desse projeto político.

Nesse contexto, em 15 de julho de 1951, foi publicada pela primeira vez, pela editora *Haynes*, a revista MP, a qual, entre outras coisas, buscava atrair simpatizantes e, para isso,

²⁰ Ahora bien ¿a quiénes iba dirigida la revista?, pues a “los peronistas”: dirigentes, militantes, afiliados y simpatizantes, quienes a partir de esa condición se convertían en los destinatarios de las “palabras orientadoras, definitorias y permanentes” de Juan Perón y Eva Perón y de las acciones del gobierno peronista. De este modo, Mundo Peronista articuló diversas estrategias de difusión doctrinaria y propaganda gubernativa que tuvieron como fin reafirmar el “peronismo de los peronistas”, brindándoles de este modo argumentos para enfrentar las críticas opositoras. También, para que aquellos que solo simpatizaban o simplemente adherían pudieran llegar a convertirse en “fanáticos” de una causa que se entendía justa, transcendente y eminentemente patriótica.

²¹ “Nova Argentina”.

possuía um conteúdo direcionado aos grupos leigos no que tange o conhecimento dos dispositivos de funcionamento do sistema político argentino. Ela enaltecia os feitos de Perón e Evita e os princípios pregados por ambos, principalmente os que representavam a luta pela justiça social e pelos interesses do povo (ou ainda, a doutrina do ‘justicialismo’, como Perón denominava o seu programa de governo).

Em um das seções da revista MP, denominada de *Perón cumple*, eram apresentadas grande parte das realizações - estruturais, diplomáticas, etc. de Perón, até então. Como exemplo, na edição número 3, de agosto de 1951, ressalta-se os pilares que sustentavam o justicialismo, quais sejam: “justiça social, independência econômica e soberania política” (MUNDO PERONISTA, nº 03, agosto, 1951, p. 42)

Já para Evita, a doutrina peronista era um veículo que os peronistas deveriam empregar para fortalecer o país. Sobre isso, ela ressaltou: “[...] use-o para consolidar a independência econômica; use-o para alcançar a felicidade do povo argentino e use-o para que os povos do mundo saibam para sempre que nós, argentinos, somos politicamente soberanos, economicamente livres e socialmente justos” (MUNDO PERONISTA, nº 02, agosto, 1951, p. 48). Entretanto, segundo ela, essa utilização só seria legítima se fosse vinculada ao culto constante à figura – genial - de Perón, o Grande Condutor.

Produções como essas citadas, tinham o intuito de, entre outras coisas, amenizar a oposição e criar uma identidade social. Então, como consequência, surgiram novos leitores e admiradores do governo que, em muitos casos, passaram a se auto reconhecerem como sujeitos peronistas.

Para o historiador Certeau (1998), as elaborações das mídias possuem interesses dos produtores, reprodutores e difusores de um modelo cultural padrão, supostamente elevado, de modo a, de uma maneira pedagógica, propagar ideologias classistas e de poder, e ensinar e ‘engrandecer’ os supostos conhecimentos rasos da maioria das populações que consomem esses produtos.

Compreende-se assim, que, numa hierarquia de saberes, o consumidor seria uma *tabula rasa*, invisibilizado e impotente, que apenas absorveria as informações, sem problematizá-las. Então, entre emissor e receptor é criada uma fronteira que não permite a compreensão do outro, já que as leituras do possível consumidor são consideradas inferiores e dispensáveis.

Todavia, além de estudar uma ideia por intermédio de quem a difunde, é preciso entender como os usuários dela a recebem, forjam e manipulam clandestina e tacitamente, não se submetendo aos mecanismos da disciplina e da ordem- apesar de não se rebelarem contra ela. Dessa forma: “[...] o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam” (CERTEAU, 1998, p. 266).

Nesse sentido, a pesquisadora Morales (2017) questiona a interpretação que aparece recorrentemente nos trabalhos sobre os periódicos oficiais peronistas e que concebem que os leitores seriam apenas receptores passivos, acríticos, e reprodutores dos discursos do governo. Fora isso, ela chama a atenção para a necessidade de se compreender a relação- e a possibilidade de resignificação da notícia- estabelecida entre o emissor e os destinatários (múltiplos e diversos). De acordo com essa autora:

Dessa maneira, o conceito de doutrinação negligencia a capacidade produtiva do poder, enfatiza a repetição e a capacidade de educar, inculcar e treinar a linguagem da propaganda, e não considera o deslocamento próprio de toda repetição e a possibilidade de se dizer algo novo que essa linguagem permite” (MORALES, 2017, p. 82) (*Tradução livre das autoras*).²²

De maneira geral, a mídia peronista buscava informar a população sobre suas realizações políticas, objetivando transformar os seus leitores em indivíduos engajados e ativos. Dessa forma, conhecer a composição e as formas de estruturação da revista MP, um dos principais canais disseminadores dessa propaganda pedagógica, é imprescindível para entender a importância desempenhada pela imprensa durante o primeiro peronismo (1946- 1955).

A MP, surgida no início do segundo semestre de 1951, era uma revista oficial do peronismo e da Escola Superior Peronista (ESP), instituição estatal responsável pela elaboração do periódico²³. Publicada quinzenalmente, possuiu 91 edições, veiculadas até o fim da sua produção e circulação em 01 de setembro de 1955. Como já referendado, essas publicações estão disponíveis no sítio *Ruinas Digitales: arqueologia comunicacional*, projeto idealizado por estudantes de Ciência Política da Universidade de Buenos Aires (UBA), o qual conta com diversas revistas digitalizadas que tratam da história argentina.

A MP era dirigida pelo autor de várias novelas, Jorge Newton (1906- 1978), o qual, juntamente com os redatores do periódico, se valia de iniciais de nomes ou de pseudônimos, como Loco Nose, Silo Gismo, Justicialista, entre outros.

De acordo com Panella (2010), no que tange o seu formato físico, ela tinha tamanho 32cm x 25 cm e um total de, aproximadamente, 52 páginas por edição, custando \$1,5 pesos argentinos - valor que, paulatinamente, duplicou ao decorrer de suas publicações. Todavia, a revista não apresentava o número da tiragem, ou seja, a quantidade de exemplares produzidos por edição.

²² Do original: De esta manera, el concepto de adoctrinamiento pasa por alto la capacidad productiva del poder, pone énfasis en la reiteración y en la capacidad de educar, inculcar y entrenar del lenguaje de la propaganda y no considera el desplazamiento propio de toda repetición y las posibilidades de decir algo nuevo que este lenguaje habilita.

²³ Entende -se por periódico revistas ou jornais que são publicados em períodos determinados, ou seja, em intervalos de tempo parecidos.

No início de sua produção e circulação, as cobranças das publicidades não eram o suficiente para quitar os gastos com impressão, situação que só se alterou quando a revista também passou a ser vendida através da assinatura dos leitores, obtendo um total de 100.000 cópias.

A figura de Eva Perón era uma constante nesse periódico, tanto por meio de imagens quanto de textos e discursos, que a apresentavam quase sempre em espaços públicos, participando de eventos, tendo contato com os *descamisados* e falando sobre política.

Assim, pelo papel de centralidade que desempenhou na revista, é imprescindível percebê-la pela perspectiva dessas representações e manifestações, ditas oficiais, de modo a compreender de que forma o seu engendramento como personalidade política perpassou essas construções imagéticas estatais, e como que sua indumentária, estética e gestualidade, ou seja, a visualidade da sua figura, contribuiu nesse processo e serviu de inspiração para outras mulheres.

2.3 Eva Perón e a linguagem midiática

Entre os anos de 1951 e 1952, a cada quinze dias, a revista MP publicava uma edição com aproximadamente 52 páginas, recheada por novas notícias sobre os *acontecimentos* e feitos econômicos, culturais, políticos, diplomáticos, etc., do universo do peronismo. Assim, para se compreender esse fluxo constante de informações, é preciso considerar o acontecimento midiático.

Evita aparecia em meio a essas notícias defendendo pautas políticas - como, por exemplo, envolvida na organização feminina pelo voto -, mas também nas capas, utilizadas como propaganda pelo governo, já que elas desempenhavam a função de um discurso visual, resumindo qual seria o conteúdo da revista.

Então, o intuito é o de verificar como se deu a construção da figura de Eva Perón, principalmente na revista MP – Nas suas capas e em seu conteúdo -, entre julho de 1951 e julho 1952 (da edição 01 à 25), a partir da sua imagem, aparência e indumentária, discursos e pronunciamentos, considerando a vinculação entre sua figura política e a concepção do que era ser mulher nesse período.

A historiadora Luca (2005) entende *discurso* como um conceito que possui uma pluralidade de significados, mas, apesar disso, pode ser definido, de forma geral, enquanto

[...] uma fala ou oração feita para dada audiência, podendo ser escrita previamente ou dita de improviso, tendo ficado registrada de alguma forma, seja através da memória daqueles que ouviram ou presenciaram, seja através

de sua versão original, quando por escrito, seja através de sua reprodução, veiculação e repercussão através dos distintos meios de comunicação social: o jornal, a revista, o rádio, a televisão, o cinema, a internet, a fotografia, etc (LUCA, 2005, p. 225).

Já o conceito de *pronunciamento*, configurava-se até o século XX, como o ato de se manifestar verbalmente, articulando e emitindo um discurso. Até então, os discursos e pronunciamentos só eram considerados como documentos historiográficos quando possuíam caráter ‘oficial’, ou seja, eram políticos, provenientes de autoridades e dos grupos sociais dominantes. Porém, com a Nova História e a ampliação do campo historiográfico, tornou-se possível a inclusão da manifestação discursiva de diferentes sujeitos sociais.

Além disso, os discursos e pronunciamentos se transformaram em objeto da História e passaram a ser analisados não apenas pela fumaça de acontecimentos que os rodeia, mas também pelos jogos de poder que os impulsionam e pelas estratégias e interesses de seus produtores e interlocutores. Então, a partir dessa nova proposta que soma a análise externa e interna dos discursos e pronunciamentos, é possível estudar Eva Perón (mulher pobre, periférica, bastarda, associada ao meretrício por ter o sonho de ser artista) na revista MP.

Nesse período, na Europa, desde fins do século XIX, explodia a chamada primeira *onda feminina*, a qual erguia a bandeira de luta em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres, sendo marcada, principalmente, pela mobilização das sufragistas. Essas reivindicações gotejaram na América Latina e inspiraram movimentos de mesmo cunho, adaptados, contudo, às particularidades de cada país.

Todavia, as mulheres argentinas só adquiriram o direito civil fundamental do voto em 1947, doze anos após os homens serem assegurados do mesmo (PALERMO, 2007, p.01). Em 1949, essa garantia foi estabelecida na Constituição peronista, chamada de *Justicialista*, e em 1951 as mulheres argentinas votaram pela primeira vez no país.

Para Vásquez (2009), que faz uma análise do capítulo *Mujeres em la sociedade argentina* - presente numa coletânea dirigida pelo historiador José Carlos Chiaramonte -, a luta feminina argentina se estruturou de maneira contraditória e conservadora, já que Eva Perón, responsável por liderar e organizar os grupos femininos à favor da conquista do sufrágio, ao mesmo tempo que reivindicava a ocupação do espaço público pela mulheres, corroborava os ideias de feminilidade, típicos do século XIX e XX: o de ser mãe, esposa submissa e dona de casa.

Em um de seus discursos, ela reitera: “Eu realmente não quero fazer história [...] Eu nunca poderia negar meu fanatismo apaixonado pela causa de Perón” (MUNDO PERONISTA,

nº 02, agosto, 1951, p. 49) (*Tradução livre das autoras*)²⁴. Ou seja, nesse trecho fica evidente que Eva asseverava que ela poderia ser a voz daquele ideário político, mas a ‘cabeça’ dele era Juan Perón.

Entretanto, em sua autobiografia, Evita demonstrava a aspiração em fazer parte da história argentina, mesmo que de forma sucinta e à sombra de Perón, ou ainda, exercendo apenas o papel de primeira-dama. Segundo ela: “Sim. Confesso que tenho uma ambição, só uma e grande ambição pessoal: gostaria de que o nome de Evita figurasse alguma vez na história da minha Pátria” (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 95).

Boroski e Carvalho (2016), ao analisarem a construção da imagem de Dilma Rouseff nas capas das revistas brasileiras *Veja*, *Época* e *IstoÉ*, consideram que, historicamente, a política foi sendo construída como uma esfera eminentemente masculina, destinando, por consequência, o espaço privado para as mulheres. Nesse processo, a mídia tem desempenhado um papel fundamental de disseminação e reafirmação de valores e ideologias e, também, de padrões dicotômicos de gênero.

No caso das revistas, além do conteúdo que ocupa suas páginas, o qual geralmente está recheado por princípios e normativas, as capas, por sua vez, se constituem como um elemento de centralidade, já que são elas que oferecem uma prévia sobre a proposta da revista para aquela edição e, por isso mesmo, dependendo do seu poder de convencimento, podem garantir ou não a sua venda e consumo. Posto isso, as capas das revistas MP são instrumentos de relevância para se entender quais as mensagens que esse veículo de informação buscava disseminar.

Nelas continham fotos e desenhos coloridos e atraentes, tanto de Perón quanto de Evita, e suas páginas eram compostas por sessões permanentes e variantes, por publicidades de caráter público e privado, e por iconografias e textos de fácil compreensão, elaborados para que pudessem atingir o maior público possível.

Por intermédio dos meios de comunicação, os produtores e editores das revistas em geral, mesmo que indiretamente, dialogam com seus leitores, estabelecendo os assuntos que devem ser lidos, priorizados e comentados. O homem é um ser social e, portanto, essas interações sociais fazem com que os leitores atribuam significações e criem conjuntos de representações (simbólicas, expressivas, conceituais, da linguagem, etc.) ao mundo que os cerca.

A linguagem midiática é permeada por ideologias, já que os meios de comunicação também são veículos políticos e visam construir determinada noção social de realidade

²⁴ Do original: “Yo no quiero, en realidad hacer historia [...] Yo no podría renegar jamás de mi fanatismo apasionado por la causa de Perón.”

(PONTES, 2005 *apud* JOHN, EBERLE, 2010, p. 55).

Considerando a confiabilidade e importância histórica imputada aos conteúdos impressos, principalmente em contextos em que ainda não existiam as mídias eletrônicas, como é o caso da década de 1950 (quando ocorreu a circulação da revista *Mundo Peronista*), John e Eberle (2010, p. 55) analisam que: “Dentre os vários meios de comunicação disponíveis, a mídia impressa costuma ser aquela que mais recebe o status ou representação de confiabilidade e, dentre os meios impressos, são as revistas que mais desfrutam dessa credibilidade”.

No processo de construção de representações nas revistas, a capa desempenha uma função apelativa e persuasiva, já que ao apresentar os temas mais importantes contidos em suas páginas, mesmo que de forma impessoal, busca moldar a opinião pública, e, para isso, capta a atenção do observador e o convence de que aquela edição merece ou precisa ser lida. Para John e Eberle (2010, p. 59): “Scalzo diz que a capa deve ser ‘o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor’”.

A capa é discursiva e possui materialidades e linguagens chamativas, como enunciados atrativos (elementos verbais) e cores, gestos, vestimentas, etc. (elementos não verbais), as quais estão estritamente vinculadas à acontecimentos de determinado contexto histórico, social e ideológico (SILVA; HASHIGUTI, 2013, p. 39).

Contudo, para Vaz e França (2009), enquanto alguns assuntos são selecionados e legitimados pelo discurso midiático, outros emergem à mercê da influência dele. Quando legítimo, o acontecimento representa um marco imponente responsável por desenhar e dotar de sentidos o antes (passado) e o depois (futuro). Porém, é preciso ressaltar que, por sua proeminência, eles não são cotidianos, mas ocorrem de tempos em tempos. Então, “como o jornalismo consegue apresentar diariamente acontecimentos se esses últimos se caracterizam exatamente por só ocorrerem de tempos em tempos?” (VAZ e FRANÇA, 2009, p. 05).

Pelo crivo e filtro das mídias, o ocorrido ganha novos significados e tons de notabilidade, de modo que seja percebido e se torne cognoscível no meio social em que circula. São elas (as mídias) que legitimam o acontecimento de acordo com as expectativas e demandas coletivas. Para Silva e Hashiguti (2013, p. 36): “Entender o discurso significa ir à busca do processo de construção de efeitos de sentidos que emergem em decorrência de determinadas condições sócio-histórico-ideológicas.”

Então, considerando o periódico supracitado, além de reproduzir os discursos de Perón, os quais abarcavam temas variados da doutrina justicialista, como a questão da saúde pública, do trabalho, da liberdade, dos transportes, etc, a revista também apresentava, com recorrência, a figura de Eva Perón

Seja por meio de imagens, nas capas e no conteúdo interno, seja através de seus discursos e pronunciamentos, voltados, em sua maioria, para as mulheres e os trabalhadores, Eva Perón adquiriria a mesma visibilidade das publicações produzidas sobre Perón.

No que se refere as capas da revista MP, a tabela a seguir apresenta em quantas delas- levando em conta as 25 primeiras edições- Eva Perón aparece:

TABELA 1: Sistematização das capas da revista *Mundo Peronista*

Nº da edição	CAPAS DA REVISTA MUNDO PERONISTA (1951-52)			
	Eva Perón	Juan Perón	Perón e Eva	Perón e as crianças
1			X	
2		X		
3	X			
4		X		
5			X	
6				X
7	X			
8	X			
9	X			
10		X		
11		X		
12	X			
13			X	
14			X	
15	X			
16		X		
17	X			
18	X			
19		X		
20	X			
21		X		
22	X			
23			X	
24	X			
25	X			
TOTAL	12	7	5	1

Org.: MARQUES, Ivana, 2020.

A representatividade que Eva, paulatinamente, conquistava, pode ser dimensionada nos desenhos das capas. Como demonstra a tabela acima, nas edições analisadas, a maioria das capas trazem a representação de Evita Perón, somando um total de dezoito. Nessa matemática,

considerou-se as publicações em que ela aparece sozinha, com Juan e com as crianças. No caso de Perón, mesmo se sejam avaliadas os números em que ele se apresenta com Eva, o número é inferior, contabilizando doze edições.

Figura 7: Imagens das capas da revista *Mundo Peronista*



Fonte: (MUNDO PERONISTA, 1951-1952, nº 01-25)

Geralmente apresentando cores marcantes que variavam, em especial, no azul, verde, laranja e marrom, das dezoito capas em que Evita aparece, em dezesseis delas ela é apresentada usando coque (estando em quinze edições com o seu conhecido coque baixo na nuca, e em uma com um coque banana). Com exceção das edições número 14 e 20, em que a primeira-dama parece quase olhar para a câmera, em nenhuma delas Eva mira diretamente o fotógrafo. Na edição 6 ela é representada na companhia de crianças que aparecem enfileiradas, vestindo uniformes e tendo algum instrumento em suas mãos, ao que tudo indica o recorte da imagem.

Vale ressaltar que os usos de vestidos coloridos, muitas vezes acompanhados de acessórios (colares, pulseiras, adereços no cabelo, e etc.) transmitiam a imagem de luxo, requinte e ostentação, enquanto que a utilização de *tailleurs*, aqui tomados como roupas oficiais, de cores sóbrias, remetiam o leitor à uma Evita mais austera e dedicada ao trabalho. Nas edições número 05 e 18, Eva aparece segurando e escrevendo em documentos, e na 14 e 15, se exhibe com vestidos de festa de cores vibrantes e que marcavam a sua cintura. Em duas imagens (nº 08 e 24) ela se dirige diretamente ao povo, e na edição 09 é como se sobrevoasse a população.

Em quatro capas (nº 12, 13, 17, 20), de acordo com as representações, Eva se mostra em situações cotidianas e casuais, estando com o cabelo solto em duas delas e sorrindo em todas: Na edição 12, a primeira-dama olha para o horizonte; na 13, juntamente com Perón, seguram, cada um deles, um cachorro. Por fim, na 17, usando calça, camisa de botões, meias e sandálias, também segura um animal de estimação. Nesse contexto, tais roupas podem ser concebidas como usados para o lazer.

Sobre o poder das imagens, Buitoni (2014) ressaltava como a própria morfologia do termo *revista* já estabelece o papel importante desempenhado pela visualidade: “O próprio termo revista, em português, remete a ver, rever – o visual já se prenunciava como fundante, mesmo quando as primeiras edições eram predominantemente verbais” (BUITONI, 2014, p. 39).

A imagem, seja ela expressada da maneira que for, isto é, em pinturas, fotografias, cinema, computação gráfica (PESAVENTO, 2004, p. 99), precede a grafia, se configurando como uma variação da linguagem, ou seja, uma via de comunicação humana dotada de significações particulares, implícitas e explícitas.

As imagens dialogam, manifestam e representam, entre outras coisas, a existência e a ação humana em determinado período histórico. De acordo com Pesavento (2004, p.100): “Imagens do passado são como pegadas de homens de um outro tempo, que expressamente quiseram atestar sua presença; manifestar uma intenção; obter um resultado ou uma reação de um suposto

interlocutor”.

As capas da revista MP apresentavam a representação da primeira-dama que demonstrava austeridade e liderança por meio de seu coque característico e seus discursos candentes, mas que, como sugere o próprio periódico, também poderia ter ares descontraídos, sutis e menos comedidos. Independente se resolvendo questões burocráticas, desempenhando atividades de ajuda social, ou discursando ao povo argentino, o certo é que as imagens apresentadas nessa revista foram mecanismos de grande importância para a configuração da figura política de Eva Perón.

2.4 Evita para as argentinas

No caso de Eva Perón, apesar do câncer em fase avançada que a abatia, a revista MP, antes do falecimento da primeira-dama, tomou o cuidado para que ela não fosse representada de maneira frágil e desvinculada da sua imagem pré-construída: enérgica, com uma pele translúcida e um coque alinhado nos cabelos.

Para Burke (2004), as imagens são vestígios históricos, os quais passaram a ser considerados como tal a partir da resignificação e expansão dos indícios históricos - ou da “virada pictórica”, expressão que Burke (2004, p.15) empresta do crítico americano William Mitchell -, resultantes da terceira geração da Escola dos *Annales*. De acordo com esse historiador (2004, p. 11), as imagens, no caso da história do corpo, demonstram, entre outras coisas, as transformações físicas trazidas pelo passar do tempo, e reafirmam o conceito historicizado de belo e feio e de saudável e adoecido em pessoas comuns, tanto homens como mulheres.

Figura 8: Eva é fotografada sorrindo



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 09, novembro, 1951, p. 25)

Essa foto foi publicada em uma matéria, “Fragmentos de sua vida” (*Jirones de su vida*, no original), da revista MP. O texto em questão, que fez um levantamento da vida de Evita, se amalgamava com imagens, especialmente as que a primeira-dama se encontrava em reuniões políticas ou em meio aos *descamisados*.

Apesar de citar a doença que Eva enfrentava, a revista se atentou à salientar a sua energia, paixão e capacidade de sacrifício pelo povo e Perón. Ao lado da foto acima, se encontram os dizeres: “[...] juvenil, forte, estusiasta... Assim Eva Perón tomou o caminho que só sabem escolher aquelas mulheres que estão chamadas a ser grandes. E por esse caminho seguiu através dos anos deixando fragmentos de sua vida para conquistar a felicidade de seu povo” (MUNDO PERONISTA, nº 09, novembro, 1951, p. 25) (*Tradução livre das autoras*).²⁵

Na imagem apresentada, é possível encontrar elementos imagéticos que ratificam a noção de vitalidade, como, por exemplo, a face robusta e os lábios vermelhos, o que pode ser interpretado como indicativos de saúde. Tal fotografia ganha seu contraste em imagens

²⁵ Do original: “[...] juvenil, fuerte, estusiasta... Así tomó Eva Perón el camino que sólon saben elegir aquellas mujeres que están llamadas a ser grandes. Y por ese camino siguió, a través de los años, dejando jirones de su vida para conquistar la felicidad de su pueblo.”

apresentadas na edição seguinte, publicada quinze dias após a anterior.

Figura 9: Eva, em sua cama hospitalar, vota pela primeira vez



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 10, dezembro, 1951, p. 19)

Nessa foto, apesar de ainda muito jovem, aos 32 anos de idade, Eva aparece magra e debilitada, muito diferente da forma com que foi representada na foto da edição anterior. Essa imagem integra uma matéria intitulada de “Já votei” (*Ya vote*, no original), que se utilizava da figura de Evita para convocar as mulheres para o voto e para corroborar a importância e o papel de centralidade da primeira-dama na conquista desse direito. O texto ao lado da foto diz:

Tinha que votar como mulher e argentina. Essa já era uma razão suficientemente poderosa para que quisesse fazê-lo. Mas, também, tinha que votar como dirigente e como realizadora espiritual desta reforma. Tinha que votar como porta-bandeira das mulheres de sua Pátria, porque para isso que serve a capitã de seu Povo (MUNDO PERONISTA, nº 10, dezembro, 1951, p. 19) (*Tradução livre das autoras*).²⁶

Apesar da relevância das imagens para os estudos históricos, Burke (2004) ressalta que ainda há um descrédito em relação à elas quando comparadas aos textos. Geralmente tratadas como sendo o apêndice do conteúdo escrito, espera-se que ela reitere o que já está posto por esse tipo de indício, e não que apresente algo novo.

Com a Nova História, as imagens passaram a ser utilizadas como fonte e temática da narrativa histórica cultural. Porém, na maioria dos casos, persiste a sua adoção como

²⁶ Do original: “Tenía que votar como mujer y argentina. Esa era ya una razón sobradamente poderosa para que quisiera hacerlo. Pero, además, tenía que votar como gestora y como realizadora espiritual de esa reforma. Tenía que votar como abanderada de las mujeres de su Patria, porque para eso es la Capitana de su Pueblo.”

complemento e representação do texto escrito, e não como uma fonte que fala por si só e ganha contornos quando contata o arcabouço imaginário do espectador. Pesavento (2004) esclarece que: “Sendo narrativas que têm na realidade o seu referente – seja para confirmá-lo, seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo -, texto e imagem explicam e compõe imaginários de sentido” (PESAVENTO, 2004, p.109).

As imagens encontradas na revista MP, por exemplo, consistem em fontes que devem ser analisadas a partir das relações que essa imprensa peronista tecia com os receptores de suas mensagens. Então, no viés público dessas representações, o Estado do populismo argentino ganhou uma face feminina com a figura de Eva Perón, que se tornou um símbolo *oficial* desse projeto e, devido à importância da primeira-dama, difundia sua imagem como forma de corroborar o seu poder político e sua capacidade de ser um elemento identificador entre Perón e as massas sociais.

Figura 10: Evita discursa ao povo argentino



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 20, maio, 1952, p. 22)

A imagem acima foi apresentada numa matéria chamada de “O Velho” (*El ‘Viejo’*), no

original), que, entre outras coisas, analisou a volta de Perón, o *Velho* coronel ao posto de secretário de Trabalho e Previsão, cargo que ocupava antes de se tornar presidente. Além disso, para a revista: “E esta vez, o ‘Velho’ coronel dos descamisados, o glorioso General de todos os argentinos que sabem ser argentinos, penetrou a antiga Secretaria de Trabalho e Previsão acompanhado pelo melhor que tem Perón, que é Evita” (MUNDO PERONISTA, nº 20, maio, 1952, p. 21) (*Tradução livre das autoras*).²⁷

Vale analisar que essa edição fora publicada aproximadamente dois meses antes de Eva falecer, de modo que a imagem exibida consiste num registro de 22 de agosto de 1951, data batizada como “A prefeitura aberta” (“El cabildo aberto”, no original), quando mais de cem mil pessoas ocuparam a Avenida 9 de Julho, reivindicando a candidatura da chapa Juan Perón-Eva Perón para as eleições próximas (MUNDO PERONISTA, nº 04, setembro, 1951). Assim, a fotografia de 1951 fora reutilizada em 1952 para corroborar a imagem de uma primeira-dama que, apesar de fisicamente debilitada, não perdia a sua vitalidade para a vida política e para o cuidado com os *descamisados*.

No caso do uso público das imagens, segundo Tornay (2009), elas são componentes do engendramento de uma narrativa sobre algo ou alguém por meio da dimensão visual. Sobre isso, é muito pertinente a análise da revista em questão para perceber como a imprensa - *oficial e institucional* - constrói a sua própria imagem em determinado contexto.

Assim, ao se falar em construção, pressupõe-se um planejamento prévio, o qual elimina a ideia de espontaneidade do(s) fotografado(s), mirando a disseminação dessa imagem em algum veículo da imprensa, como a revista.

A comunicadora social Conde (2016) esclarece que, considerando a primeira metade do século XX, quando as taxas de analfabetismo na Argentina ainda eram muito altas - principalmente entre as mulheres - as imagens desempenharam um papel de grande significância como elementos na produção cultural e no diálogo com as classes populares, já que essas representações, ao permearem o imaginário social, permitiam certa facilidade na compreensão dos seus significados.

Dessa forma, compreendem-se as imagens da MP como materiais pedagógicos, que visavam atingir facilmente o maior número de pessoas. A imagem objetiva alcançar um contemplador, um indivíduo que a observe e absorva por meio do sentido da visão, e das particularidades de suas emoções e sensações. De acordo com Burke (2004, p.15): “Em resumo,

²⁷ Do original: “Y esta vez el ‘Viejo’ Coronel de los descamisados, el glorioso General de todos los argentinos que saben ser argentinos, penetró a la antigua Secretaria de Trabajo y Previsión acompañado por lo mejor que tiene Perón, que es Evita.”

imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida.”, ou seja, a condição de vida dos homens em tempos distintos.

Essa imagem tanto pode ser vista, como lida a partir de constructos que a significam. Pesavento (2004) propõe que isso só é possível porque o cérebro do espectador tece correlações com outras imagens do seu arcabouço visual de experiências pessoais, o que o historiador nomeia como “museu imaginário” (PESAVENTO, 2004, p.101). Trata-se, então, do resgate, presentificação e representação de memórias passadas e guardadas.

Isso explica, de certa maneira, o fato de os elementos visuais de *Evita*, como é o caso do coque, terem se tornado fatores marcantes de sua figura e atravessado o imaginário popular, já que eles faziam parte da ‘bagagem’ cultural dos leitores de suas imagens.

Para os historiadores, as imagens, mesmo as hipermiméticas, muito próximas da realidade, devem ser concebidas não pela sua fidedignidade ao real, mas como representações do seu referencial, construídas em determinado contexto histórico-social.

[...] a imagem é sempre uma construção, uma interpretação, uma recriação do real. Ela traduz uma experiência do vivido e uma sensibilidade, vivenciada por aquele que a produziu ou correspondente a um gosto, a um sentimento, a uma lógica e a um valor presente em uma época, captado e interpretado por aquele que construiu essa imagem (PESAVENTO, 2004, p.103-104).

Dessa forma, essas imagens só podem ser entendidas por seus receptores, leitores, consumidores, quando analisado o contexto no qual esse indivíduo as visualiza.

A imagem comporta o mostrado, ou seja, a “[...] forma, composição, figura, cor [...]” (PESAVENTO, 2004, p.107) e o tácito, o que não está explícito à primeira vista, mas se presentifica nas significações de que são dotadas a imagem. Então, a visualidade da figura de *Evita* por meio da imagem, comporta, antes de tudo, um conjunto de símbolos subterrâneos que contribuem para o entendimento de sua representação.

É necessário que o estudioso compreenda as diferenças e nuances de produção e leitura entre o texto e a imagem. No segundo caso, a contemplação é feita de uma vez só, e sua ilustração é mais facilmente – e em maior quantidade - introjetada pela memória. Por outro lado, a leitura dela ocorre de maneira paulatina, já que abrange rastros que ficam fora do campo da visão.

Mais do que isso, Burke (2004) ressalta as diferenças existentes entre imagens, considerando quem as produziu, qual a disponibilidade delas, como e com que objetivo elas foram utilizadas, interpretadas e apropriadas em épocas distintas. Para Perrot (2007, p.25): “Entre as épocas e os artistas, uns são mais simbólicos, puramente idealistas, outros são mais

reais, e mesmo realistas”.

No que tange às mulheres, existem fontes construídas por elas, fontes que se referem à elas, e fontes em que elas falam declaradamente. No caso da MP, a revista citava Eva por meio de textos e imagens, mas também abria espaços para a primeira-dama escrever aos leitores do periódico. Em uma publicação sobre a eleições de novembro de 1951, Eva reiterou:

[...] Quero enviar minha palavra de companheira e amiga a todos os peronistas de meu país e de forma muito especial às mulheres que lutam no Partido Peronista Feminino. Estamos na hora de organizar a luta pela grande vitória de Perón. Por isso, todas as mulheres sentem uma responsabilidade imensa, porque nesta primeira ação feminina na ordem política devemos mostrar ao país que somos dignas do direito que temos graças a Perón (MUNDO PERONISTA, n. 01, julho, 1951, p. 05) (*Tradução livre das autoras*).²⁸

Apesar de Evita quase sempre reafirmar que as conquistas obtidas no governo de então se deviam ao autêntico líder das massas, que era Perón, o qual era digno de todas as honras, é certo que a partir desses seus movimentos de exaltação ao presidente, Eva foi logrando cada vez mais espaço na esfera pública.

Embora Eva se utilizasse do âmbito político para, na maior parte do tempo, corroborar a genialidade de Perón, paulatinamente ela colonizava o seu próprio espaço, se firmando como liderança. Um exemplo disso é uma passagem na MP, em que Perón, num encontro com as delegadas e subdelegadas do Partido Peronista Feminino, ressaltou a grande capacidade de Eva como dirigente das mulheres:

Vocês têm duas grandes vantagens sobre as mulheres que sabem se organizar. Primeiro, têm uma grande líder; uma líder que não conquistou o direito de liderar porque ninguém o impôs; É o seu trabalho, é a sua abnegação, é o seu sacrifício e é a sua performance que a impõe à consideração de todos os argentinos (MUNDO PERONISTA, n. 03, agosto, 1951, p. 14) (*Tradução livre das autoras*).²⁹

Ainda que se atentasse para o protagonismo de Evita no peronismo, Juan o fazia evidenciando o caráter apolítico das suas atividades, compreendendo-as como atos de doação. No compasso disso, a primeira-dama salientava que suas ações eram norteadas por sua intuição, e não pela razão, uma das características do trabalho desenvolvido no espaço público. Segundo ela: “Os homens vivem de acordo com o que raciocinam; vivemos de acordo com o que

²⁸ Do original: “[...] yo quiero hacer llegar mi palabra de compañera y de amiga a todos los peronistas de mi patria y de manera muy especial a las mujeres que luchan en el Partido Peronista Feminino. Estamos en la hora de organizar la lucha para la gran victoria de Peron. Sentimos por eso todas las mujeres una imensa responsabilidad, porque en esta primera acción femenina en el orden político debemos demostrar al país que somos dignas del derecho que tenemos gracias a Peron.

²⁹ Do original: “Ustedes tienen sobre las mujeres que puedan organizarse, dos grandes ventajas. Primero tienen una grande dirigente; una dirigente que no se ha ganado el derecho de dirigir porque nadie lo ha impuesto; es su trabajo, es su abnegación, es su sacrificio y es su rendimiento lo que la impone a la consideracion de todos los argentinos.”

sentimos” (MUNDO PERONISTA, n. 02, agosto, 1951, p. 46) (*Tradução livre das autoras*).³⁰ As mulheres que suplantam a barreira que separa o espaço privado do público, são sempre vistas, segundo Perrot (2007) como desordeiras, ou ainda, de forma generalizante e excluindo subjetividades, como mulheres masculinizadas. Para essa historiadora: “A psicologia das multidões empresta a estas uma identidade feminina, suscetível de paixão, de nervosismo, de violência e mesmo de selvageria” (PERROT, 2007, p.21). Entretanto, Evita não adentrou a esfera política de forma revolucionária, mas o fez reafirmando papéis de gênero e confirmando que sua figura era periférica e menos importante quando comparada à de Perón.

Para Chartier (1995), a escrita feminina realizada em condições repletas de privações e opressões, se constituem por idiosincrasias marcantes, ou seja, uma originalidade nessa prática, como é o caso do anonimato. Então, mais do que ocultar os discursos das mulheres, as análises deles serviriam para corroborar a existência de uma hierarquia entre representações femininas e masculinas, na qual as segundas ocupariam posto de superioridade.

O fato é que, num contexto em que as fronteiras que dicotomizavam público e privado ainda eram muito marcantes, Eva Perón se movimentou nessas estruturas machistas a partir do alinhamento do seu discurso com o de Perón, de tal forma que a sua inserção no mundo político se desse de forma solícita.

As Ciências Sociais se preocupam em compreender as representações sociais por meio da análise do sujeito (social ou individual). Conforme aponta Jodelet (2009, p. 683), esse sujeito não é uma ilha, mas um produto social, já que ao mesmo tempo em que é significativa para o engendramento das representações sociais, se apropria delas.

O ponto é que, seja por intermédio de suas reproduções imagéticas, seja pelos textos que levam sua assinatura ou pela transcrição de seus discursos, Evita se permitiu apropriar pelo peronismo como um símbolo *oficial*, ou seja, um elemento indissociável do próprio Estado, uma figura que pode ser compreendida a partir das representações sociais que se construíram a partir dela, mas também por meio da sua liderança, atuação e protagonismo nesse projeto político.

Pensando em como Eva Perón se tornou um componente identitário entre os peronistas, partiu-se dos estudos do historiador Chartier (1991), que compreende que a ‘representação coletiva’ é possível devido ao empenho de classificação e recorte - responsáveis pelo surgimento de esforços intelectuais diversos; às práticas sociais criadoras de identidades (unidade e pertencimento), e aos mecanismos institucionais que determinam, de forma concreta,

³⁰ Do original: “Los hombres viven de acuerdo con lo que razonan; nosotras vivimos de acuerdo con lo que sentimos.”

a configuração do agrupamento, comunidade e classe. Segundo Chartier, a representação é: “[...] entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga [...]” (CHARTIER, 1991, p. 184).

Assim, a construção de Evita como um símbolo *oficial* do peronismo, não pode ser desvinculada das atuações dos adeptos e simpatizantes desse projeto político, e nem das investidas estatais para que se desse o engendramento de tal representação.

As representações, que são sempre de alguém, têm uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo (JODELET, p. 697, 2009).

Dito isto, vale diferenciar as representações que o sujeito aceita resignadamente por meio de legados familiares ou tradições sociais, das que ele formula na posição de agente, como fez Evita. De qualquer forma, é por intermédio do corpo que esse sujeito ocupa espaços e se estabelece no mundo.

E foi por meio do seu corpo que Eva se impôs como força pública. Eva era única porque foi a soma de vários elementos, quais sejam eles, a beleza, a sagacidade, a capacidade de liderança, o seu passado de pobreza, o fracasso na carreira no rádio teatro, etc. Porém, foi da visualidade de seu corpo, ou seja, de seus gestos, seu cabelo e sua indumentária, que Evita se utilizou para compor uma dimensão essencial em si mesma: a política.

CAPÍTULO III

APARÊNCIAS FABRICADAS: UM DIÁLOGO ENTRE A MODA E A POLÍTICA

O visível, ou seja, o corpo, os gestos e a indumentária, constituem parte essencial da figura política de Eva Perón, já que contribuíram para balizar as imagens de sua excepcionalidade e a emanção de seu poder e prestígio político. Sarlo (2005), ao discutir quais os ingredientes que possibilitaram a construção da singularidade de Evita, esclarece que, amalgamando o brilho e a implacabilidade na aspiração ao estrelato no radioteatro, Eva alcançou magnitude no universo político, no qual adentrou enfrentando os grupos conservadores da sociedade argentina, quais sejam eles, o Exército, a Igreja Católica e as famílias burguesas e pequeno burguesas.

Assim, em consonância com Sarlo (2005), a proposta desse capítulo se centra, entre outras coisas, na análise de como os cabelos, as joias e roupas dessa primeira-dama, mais do que ornamentos que contemplavam a sua radiância, eram componentes representativos de uma liderança política que modificou o bem-vestir e dotou de rosto e beleza o peronismo.

3.1 O corpo e a moda

O corpo não é inerte, mas sim, um produto do tempo, ou seja, o reflexo das transformações históricas (PERROT, 2007). O corpo de Eva suportou - e suporta - uma variedade de significados, sendo que ao mesmo tempo que ela foi utilizada e compreendida como símbolo *oficial* do peronismo e de sua propaganda, representava uma ponte política que ligava o Estado peronista ao povo e as suas reivindicações e necessidades.

O corpo de Evita, segundo explica Sarlo (2005), manifestava o não esperado, o diferente, o não requerido pela moda vigente (olhos e sorrisos grandes, rosto ingênuo, juventude aparente, *finesse* nas poses das fotos, etc.). Eva era excepcional justamente por não ser.

Para os pesquisadores Guedes e Teixeira (2010), a moda possui uma visualidade que se comunica por meio de signos e seus significados, ou ainda, pelas “[...] cores, linhas, formas, volumes, movimento, dinâmica [...]” (GUEDES, TEIXEIRA, 2010, p. 03), os quais expressam identidade, sendo que representam estilos, escolhas pessoais e formas de pertencimento. Uma manifestação complexa que traduz tanto os gostos do indivíduo quanto as demandas da sociedade em que ele está inserido.

De acordo com esses autores (GUEDES, TEIXEIRA, 2010, p. 03-04): “[...] a moda possui duas vertentes singulares: uma é a individualidade e a outra a necessidade de integração social e por isso, se impõe a pressão, sobre o gosto de um consenso coletivo.” É o caso, por exemplo, do

contexto de fim da Segunda Guerra Mundial (pós 1945), no qual as roupas pardas, com objetivos utilitários como o trabalho nas fábricas, foram substituídas, paulatinamente, pelo luxo, o requinte e as cinturas marcadas.

A moda, como um fenômeno sócio-histórico, não tem caráter universal, mas se transforma, concomitantemente, aos meandros contextuais. Ela é atravessada e se vincula estreitamente à história do vestuário, ou seja, às noções do vestir e das aparências (LIPOVETSKY, 2009).

Segundo o filósofo Lipovetsky (2009), apesar das alterações ocorridas no mundo da moda, especialmente as superficiais, concernentes aos acessórios e ornamentações, ela possui uma estrutura de longa duração, como a sua utilização a fim de marcar um status social e de poder.

Para a historiadora Simili (2012), a qual tece uma análise acerca dos uniformes na Segunda Guerra Mundial, as indumentárias dos indivíduos, além de manifestar subjetividades, balizar diferenças entre homens e mulheres, são perpassadas por ideais político-ideológicos. Então, as roupas e acessórios se configuram como componentes de presentificação, singularização e distinção social, e se desenvolvem no bojo das transformações contextuais.

Simili e Andrade (2010), ao tratarem da figura da primeira-dama brasileira Darcy Vargas e a Legião Brasileira de Assistência, analisam como os registros fotográficos são fontes importantes para os estudos da moda, já que

[...] neles encontramos as maneiras de compor o visual de uma mulher da elite, portanto, com os códigos e as maneiras de trajar, se arrumar e embelezar daquele segmento social, e pistas que permitem “avivar a realidade seca das imagens” consultadas, explorando os detalhes dos cortes, dos tecidos, dos acessórios bem como das narrativas produzidas para a moda [...] (SIMILI; ANDRADE, 2010, p. 385).

A roupa, suas simbologias e valores, reafirmam o pertencimento do sujeito à determinada profissão, gênero e segmento político e/ou social. De acordo com os estudos de Figueiredo (2011/2012), a vestimenta constitui uma narrativa que reflete dado contexto e ordem social (o *zeitgeist* ou ‘espírito do tempo’), o que ela denomina de “discurso indumentário” (FIGUEIREDO, 2011/2012, p. 160).

De acordo com Sarlo (2005), o vermelho da boca e das unhas permaneceu, porém o restante mudou com sua viagem para a Europa em 1947. A partir de então, Eva passou a prender o seu cabelo em coques e optar por vestidos de linho, conjuntos de *tailleurs*, reformas que se caracterizaram como elementos centrais para a formação da sua imagem política, exprimindo maior imponência, dedicação e austeridade, tanto frente ao povo marginalizado quanto às

classes mais abastadas da sociedade argentina. Assim, a sua imagem e todos os elementos que configuravam a sua figura, como é o caso do coque, educavam as mulheres para pensarem sobre os cuidados com as aparências.

Figura 11: Eva no Teatro Colón, em 1949



Fonte: (ORTIZ, 1997, p. 227)

Essa foto de Eva no Teatro Colón, entre outras coisas, transmitia a mensagem de que esse era um espaço que demandava luxo e requinte, como ficou evidente em seu vestido e suas jóias. Além disso, demonstrava o seu gosto pelas artes e o seu pertencimento à elite argentina. Dessa forma, ao ser divulgada, a sua imagem ensinava as mulheres a como se vestirem em situações específicas, como as do lazer e do trabalho.

Conforme Guedes e Teixeira (2010), em oposição ao discurso de Eva a favor dos grupos periféricos da Argentina, seus trajes, penteados, sapatos e acessórios faustuosos e cheios de pompa, como os que ela usa na foto apresentada acima, serviram como arma política e marcavam seu status social. Já inicialmente na sua carreira como primeira-dama, apresentava-se à vida política vestindo

[...] modelos despojados e clássicos com cores fortes e claras como: o dourado, vermelho, azul turquesa, salmon e o branco, símbolos de realeza e poder (identidade artística). Os tecidos utilizados em seus trajes de gala e do cotidiano era a seda, linho, lã além do fascínio por peles de animais como

vison, arminho, marta. Suas jóias prediletas eram diamantes, rubis, safiras e esmeraldas, sendo estes mais símbolos de poder e riqueza (GUEDES, TEIXEIRA, 2010, p.05-06).

Figura 12: Eva é condecorada com a Ordem do Cruzeiro do Sul



Fonte: (MUNDO PERONISTA, 1952, nº 20, p. 26)

Essa foto é datada de 25 de abril de 1952, quando Eva foi homenageada por Goes de Monteiro, chefe do Exército brasileiro, quem, à pedido do presidente Getúlio Vargas, a honrou com a Ordem do Cruzeiro do Sul. A medalha foi colocada sobre o colar de Evita que, juntamente de seu brinco, ocupou posição de evidência devido ao seu coque bem preso e alinhado.

Diferente da imagem anterior, em que Eva se encontrava num momento de lazer, com um vestido luxuoso e o colo à mostra, essa é uma foto austera, na qual Evita apareceu com roupas fechadas que mostravam pouco do corpo e eram consonantes à sua atuação política e o evento de homenagens ao seu desempenho como primeira-dama.

O modelo de vestimenta que mostrava uma cintura mínima, realçava os quadris, cobria as pernas com panos armados e volumosos (o que remete às corolas de flores), e possuía um apelo sedutor, ao mesmo tempo, corroborava papéis de gênero, à medida que, por meio da visualidade, diferenciava radicalmente homens e mulheres.

Da mesma forma que esbanjava *glamour*, o vestuário de Evita transmitia uma mensagem tácita de respeitabilidade, um padrão moral no qual as mulheres peronistas, para

quem a primeira-dama servia de liderança e influência, deveriam se enquadrar. No período de reconstrução do mundo no pós Segunda Guerra Mundial, a proposta do *New Look* do estilista francês Christian Dior (1905-1957) colaborou para isso ao recobrar a noção da possibilidade do excesso, deixando para trás os tempos de escassez.

Figura 13: Eva posa para foto na residência presidencial



Fonte: (DUARTE DE PERÓN, 1951, p. 48)

Eva vestia modelitos de Dior, como o exposto na imagem acima, e isso é indicativo da sua preocupação com a forma que sua imagem pública se construiria.³¹

³¹ Roupas e acessórios de Eva Perón estão, juntamente com fotos e outros documentos, expostos no Museu Evita, espaço turístico de grande visitação, localizado na capital Buenos Aires.

Figura 14: Christian Dior era seu estilista favorito. Aqui um dos vestidos mais emblemáticos desenhados por ele



Fonte: Fashion Bubbles (2014)

Na imagem acima, retirada de uma página virtual que analisa a relação de Eva e a moda, a primeira-dama foi fotografada ao lado de Juan na Residência presidencial. Apesar de toda a luxuosidade demonstrada pelo modelito da primeira-dama, o azul-celeste que também colore a bandeira argentina estampada na faixa exposta no peito do presidente, demonstra uma mensagem subliminar acerca da devoção de Evita à Pátria.³²

Reiterando a sua imagem de figura política, sempre ereta, a primeira-dama, que tinha Paco Jaumandreu (1919-1995) como costureiro, aparecia, na grande maioria das vezes, usando conjuntos de *tailleurs* com saias, e chapéus de modelos que estavam em alta nos anos 1950, como é o caso do *voilette*, que ela aparece usando na imagem a seguir:

³² Houve dificuldades nas análises das roupas utilizadas por essa personagem nas imagens em preto e branco. Todavia, o corte e o estilo indumentário podem ser analisados com base em como Eva vestia o corpo, de quais maneiras suas roupas eram ostentadas em diferentes situações, etc, possibilitando à autora, como pesquisadora, construir um ‘guarda-roupa’ composto pelos modos de usar e o estilo de vida dessa primeira-dama.

Figura 15: Eva discursa para visitantes estrangeiros



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 07, outubro, 1951, p. 48)

Nessa imagem, o *tailleur*, uma roupa austera que mostra pouco do corpo, aparece em uma versão de casado plissado, que cria uma elegância, diferenciando-o de outras roupas de igual classificação. A escolha recorrente de Evita pela utilização desse conjunto – em suas variantes - em locais de trabalho, demonstrava o seu gosto pessoal, ou seja, o que apreciava usar, com quais cortes, e quais os detalhes (jóias, chapéus, broches, etc.), que selecionava para compor sua aparência.

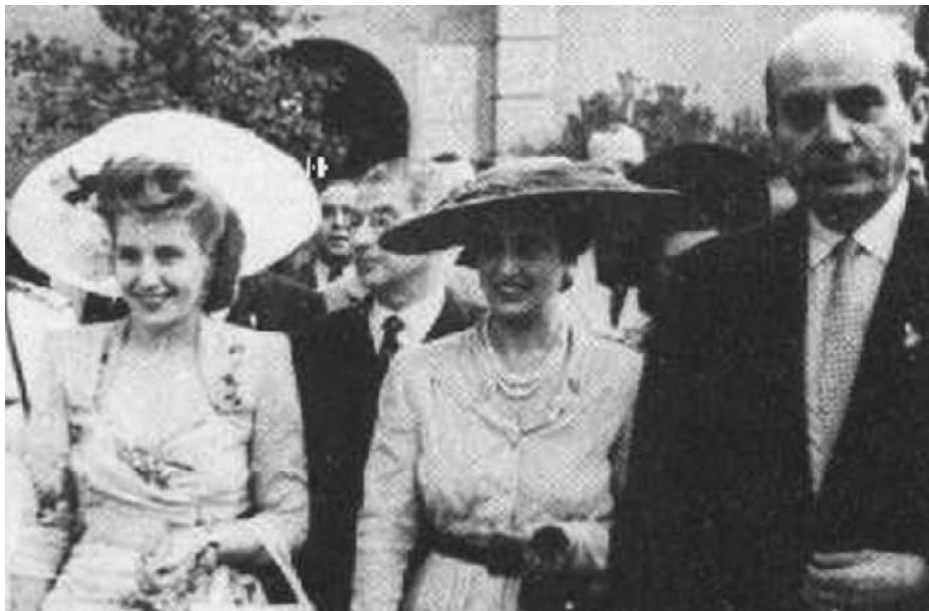
Em 1947, Dior expôs na capital francesa a sua coleção denominada de *Ligne Corolle* (Linha Corola) - ou *New Look* (Novo Olhar), como foi chamada posteriormente -, buscava reformular os ideais de moda construídos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Para tanto, recuperou o luxo e a imagem da mulher envolvida por muito tecido, mas tendo suas

curvas acentuadas, ou melhor, seus corpos sexualizados (FILHO, 2015).

Os vestidos extravagantes, apertados, que sinalavam a cintura, mas deixava-se visualizar o que o pano ocultava, além das joias luxuosas, as diademas e tiaras extravagantes nos cabelos, etc., soavam como os indícios da fartura que se esperava para o pós guerra.

Nesse mesmo ano (1947) Eva viajou para a Espanha, país que vivia uma ditadura sob a liderança de Francisco Franco (1892-1975). Concomitantemente a coibição em outros espaços, a moda também sofria repressões e censuras, de modo que as mulheres espanholas se vestiam de maneira muito padronizada, sem manifestações pessoais, o que inviabilizava a possibilidade da compreensão da moda como forma de emancipação. Tendo como representante principal a figura de Carmen Polo, esposa de Franco, as indumentárias, de forma geral, deveriam exprimir respeitabilidade e determinar o pertencimento a certa camada social.

Figura 16: Em destaque, Eva Perón e Carmen Polo



Fonte: (WIDMANN-MIGUEL, 2014, p. 351, *Apud* MENDO, 2017, p. 54)

De acordo com a pesquisadora Mendo (2017) e também fazendo alusão à imagem acima, enquanto Carmen sempre aparecia com vestidos de mangas e sem decotes, o que manifestava fortes ideais de feminilidade reforçados pelo franquismo, Eva Perón apostou em jaquetas, e quando optava por vestidos, não se privava de decotes e/ou de ombros à mostra.

Mendo (2017) faz uma análise comparativa entre as indumentárias de Eva Perón e de Carmen Polo durante a visita da líder argentina para a Espanha em junho de 1947. Citando *Divas Rebeldes* (2011), de Cristina Morató, o autor esclarece que Evita mais parecia uma estrela de cinema, com suas joias chamativas e seus vestidos faustosos que marcavam a cintura e validavam a nova tendência do *New Look*.

Figura 17: Eva participa de um jantar em Barcelona



Fonte: (WIDMANN-MIGUEL, 2014, p. 333, *Apud* MENDO, 2017, p. 53)

A ocupação de uma posição importante como a de primeira-dama exigia de Evita a participação em sonelidades e sociabilidades, e a compelia, conseqüentemente, a cuidar da maneira como se apresentava. Nessa foto as plumas ficam evidentes, mas o que chama a atenção é o colar, símbolo de luxo e riqueza, o que para os descamisados era algo a ser comemorado. O jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015), que ofereceu suas contribuições analíticas sobre a figura de Eva Perón, esclareceu como que, apesar de todo o ornamento estilístico do corpo de Evita, a população pobre se identificava com sua figura e compreendia que toda a sua opulência era uma forma de reparação aos mais humildes.

[...] Evita era a fada loira que abraçava o leproso e o esfarrapado e dava paz ao desesperado; o incessante manancial que proporcionava empregos e colchões, sapatos e máquinas de costura, dentaduras e enxovais de noivas [...] Mesmo que Evita usasse joias deslumbrantes e em pleno verão ostentasse casacos de vison, não era um luxo perdoado: era celebrado (GALEANO, 1997, p. 164).

Mendo (2017) destaca que, apesar das diferenças dos *looks* entre Evita e Carmen, o uso de chapéus unia aquelas duas mulheres. Elemento que ganhou grande destaque na década de 1940, o chapéu, o qual poderia ser produzido de “[...] plumas, flores, tule, palha, laços... [...]” (MENDO, 2017, p.39)³³, concedia elegância ao vestuário.

³³ Do original: “[...] plumas, flores, tul, paja, lazos... [...]”

Figura 18: Na Argentina, Eva complementa seu *look* com um chapéu



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 09, novembro, 1951, p. 49)

Tanto na imagem, como na citação “[...] e em pleno verão ostentasse casacos de vison [...]”, é possível perceber o clima como um fator para a moda, ou seja, como as alterações climáticas impactam na forma com que os indivíduos se vestem e enfeitam seus corpos (SIMILI, 2016). Mas, nesse caso, como *apesar* do clima, Eva persistia na utilização de uma indumentária inspirada no inverno europeu.

A viagem de Evita - que mais do que apenas visitante, era convidada no país - para a Espanha é sintomática à medida que revela certa proximidade de peronismo com o franquismo. Não só interesses político-econômicos ligariam esses dois projetos de governo, mas também questões ideológicas e identitárias (MENDO, 2017, p. 14).

O século XX se destaca, entre outras tantas coisas, pela ampliação do cinema estadunidense, pela utilização de fotografias em revistas e pelo maior impacto da moda sobre a população, o que resultou no aumento da procura de revistas sobre tal tema e na construção de locais destinados à costura e à produção de roupas (BUITONI, 2014).

Com a expansão dessa indústria cultural, personalidades e celebridades passaram a ser *produzidas* para atender as demandas do mercado. Segundo Conde (2016), o fim dos anos 1800 e o início dos 1900, marcaram, entre outras coisas, o deslocamento da visualidade feminina presa às imagens relacionadas ao lar, para as representações produzidas em espaços públicos, como

revistas, jornais, televisão, radioteatro, etc. De acordo com a autora, as imagens “[...] se manifestaram sociohistórico-culturalmente os conceitos de beleza, virtude, graça, etc. feminina através de imagens de reprodução mecânica dos meios de comunicação de massa (imprensa ilustrada, cinema, pôsteres) [...]” (CONDE, 2016, p.10) (*Tradução livre das autoras*).³⁴

Então, apesar de ter havido essa transferência da esfera privada para a pública, a imagem das mulheres ainda era vinculada à ideais estéticos de feminilidade, ou seja, atributos físicos que se esperavam encontrar no gênero feminino, como é o caso dos relacionados à beleza e à juventude.

As mulheres são vistas de forma genérica, e quando se apresentam no espaço público, a expectativa é a de que elas hajam conforme o esperado, ou seja, com doçura, sensibilidade e fragilidade. Todavia, quando isso não ocorre, “a psicologia das multidões empresta a estas uma identidade feminina, suscetível de paixão, de nervosismo, de violência e mesmo de selvageria” (PERROT, 2007, p. 21).

Eva Perón se apresentava no espaço público geralmente ao microfone, objeto com o qual tinha desenvolvido aptidão, herança da sua trajetória anterior à política. Ela manifestava-se e dizia o que pensava, mas afinava suas posições com o projeto de Perón.

Em novembro de 1944, há um ano trabalhando na Rádio Belgrano, em Buenos Aires, a futura primeira-dama da Argentina discursava ao microfone para seus ouvintes:

Forçosamente, essa ligação de tantos meses com o microfone da LR3 Rádio Belgrano já deve ter criado entre nós a categoria especial de amigos. Na verdade, somos amigos, e o somos com esse tipo de amizade gerada pelo gosto partilhado por algo emotivo e comovedor: minhas personagens do éter (*Antena*, nº 716, 09/11/1944 *apud* SARLO, 2005, p.65).

Quase sempre com ares de concentração nos registros fotográficos, o que denotava seriedade e compromisso com a atividade que desempenhava, Eva não parecia tratar o microfone como um desconhecido, nem se mostrava apreensiva ao utilizá-lo. Pelo contrário, usava-o como se estivesse acostumada a fazê-lo.

Todavia, nas suas fotos ao microfone em reuniões com políticos - ou com outras personalidades e/ou grupos importantes no período - quando são comparadas às imagens em que discursava ao povo argentino, surgem diferenças. No segundo caso, a primeira-dama parece muito mais despreendida, se mostrando, em muitos casos, sorridente e, em outros, enérgica e fervorosa, como se apresenta na foto a seguir.

³⁴ Do original: “[...]se manifestaron sociohistórico-culturalmente los conceptos de belleza, virtud, gracia, etc. femenina a través de imágenes de reproducción mecánica de los medios de comunicación de masas (prensa ilustrada, cine y afiches)[...]”

Figura 19: Eva discursando aos *descamisados*



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 08, novembro, 1951, p. 11)

Nessa imagem, que também aparece em sua autobiografia (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 101), embora a roupa não possa ser observada como um todo, a mensagem visual é a de que havia interesses dos seus divulgadores em demonstrar como a primeira-dama defendia seus posicionamentos, o que pode ser notado pela boca aberta e a mão fechada em punho. Evita falava pelo corpo, quer pelas roupas, quer pelos gestos.

Ao lado da foto constam os seguintes dizeres da primeira-dama: “Perón me ensinou que o que faço em favor dos humildes da Pátria não é mais que justiça” (MUNDO PERONISTA, n. 08, novembro, 1951, p. 11) (*Tradução livre das autoras*).³⁵ A partir dessa afirmação, é possível refletir acerca de como a representatividade das mulheres no espaço público, não significa, necessariamente, a defesa dos direitos femininos, já que a simultaneidade de posições dos indivíduos permite que enquanto algumas mulheres adotem posturas progressistas, outras flertem com o conservadorismo (GONZALEZ, 2014).

Embora Eva corroborasse a sua liderança por meio da *finesse*, luxo e elegância de suas roupas, o discurso em prol da justiça social propagado pela primeira-dama, convertido em

³⁵ Do original: “Perón me há enseñado que lo que yo hago em favor de los humildes de la Patria no és más que justicia.”

textos, comícios, falas nas rádios, etc., aproximava-a das camadas sociais marginalizadas, as quais encontravam nela elementos com os quais conseguiam se identificar.

O certo é que Evita, por meio da indústria da moda e de seu poder político, se projetou internacionalmente, de modo que ela soube se aproveitar da posição social ocupada e de seus elementos visuais, como a beleza, a sua estética do bem-vestir e do bem pentear-se, para reafirmar o seu protagonismo na esfera pública, já que Perón enxergou em sua imagem, a força feminina necessária para os seus propósitos.

3.2 Cabelo como expressão de beleza e poder político

Dentre os elementos que compuseram o corpo de Eva Perón, os cabelos, por meio do uso de coques, se transformaram em sua marca visual. A primeira-dama soube se aproveitar desse componente para reforçar a sua imagem e seu poder perante outras mulheres, à medida que passou a influenciá-las nos modos de arrumar e colorir as madeixas, e tratar da beleza relacionada à essa parte do corpo.

Os cabelos se constituem como uma marca da personalidade humana, sendo símbolo de veneração, cuidado, sensualidade, poder, encanto, beleza, deslumbramento, estado social, etc. Eles são um produto histórico e, por isso, se manifestaram de maneiras diferenciadas - mas significativas - ao longo dos tempos. Pintá-los ou compor um novo corte ou penteado, retrata uma escolha individual, mas também reflete as noções da *mainstream*.

Os cabelos configuram uma parte do corpo que pode ser convertida em elemento identitário, seja de cunho geracional, econômico, sexual, sociopolítico, etário, etc. Eles são componentes responsáveis pela construção de uma dimensão simbólica que possibilita que o corpo se comunique em sua especificidade, mas nunca desvinculado de um macrocontexto e das construções socioculturais.

Sobre esse invólucro coletivo, Wolf (1992), de forma mordaz, propõe que a beleza é um conteúdo que fora mitificado e sistematizado ao ponto de ser transformado num modelo universal e irreversível. A partir disso, ela compreende, então, que a construção de uma concepção de beleza passa por relações de poder que visam criar hierarquias entre as mulheres, enfraquecendo-as e mantendo o domínio masculino sobre elas.

Nessa lógica de crítica à opressão dos homens sobre o sexo feminino, de acordo com Barquín *et al.* (2018, p.07-08), historicamente, os cabelos das mulheres foram apropriados e reinterpretados pelos homens como sendo marcas – e estereótipos, conseqüentemente - de erotismo, luxúria e profanação. Quanto mais compridos, soltos e à mostra se apresentarem,

maior o fetiche masculino e a sugestão de sensualidade e pecado; por outro lado, ocultá-los significaria certa santificação e moralismo.

Sendo assim, a forma com que as mulheres arrumam e penteiam seus cabelos diz muito sobre a construção imagética dessas figuras e as formas com que elas e seu corpos se portam social, pessoal e profissionalmente, e de maneira identitária.

Eva Perón manifestava força na atitude e nos batons de cor escarlate, e combinava o estilo europeu, evidenciado no cabelo loiro brilhante, e o hollywoodiano, expressado, entre outras coisas, quando seus cabelos se mostravam desprendidos.

O cinema na década de 1950 foi um elemento de grande preponderância no que se refere à disseminação de noções da moda (como é o caso do cabelo loiro), inclusive entre as latino-americanas, principalmente por intermédio da tentativa dos espectadores em imitar seus ídolos (QUEIROZ; MACIEL, 2017).

Na revista MP, ao aparecer com eles soltos, a primeira-dama revelava uma atmosfera muito mais despojada (com ares de liberdade), jovem e casual do que quando os prendia em forma de coque.

Figura 20: Eva com cabelos soltos, fotografada ao lado de Perón



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 08, novembro, 1951, p. 11)

Nessa foto, publicada na MP de número oito, em novembro de 1951, e em *La razón de mi vida* (DUARTE DE PERÓN, 2016, p. 26), Eva Perón tinha, possivelmente, entre trinta e um e trinta e dois anos. Os seus cabelos soltos, além de colocar luz em sua jovialidade, colaborou na construção de uma imagem do espaço privado do lar, evidenciado pelo cenário da foto e pela

presença do animal de estimação.³⁶

Então, considerando os simbolismos e significados do cabelo solto, de acordo com Perrot (2007), cabeleira excessiva é sinal de selvageria, o que faz com que surja, em muitos casos, a necessidade de domesticá-los. Porém, para além disso, cabelo é identidade, reconhecimento, caracterização, parte do ser. No caso de Evita, o seu cabelo era uma de suas marcas registradas, responsável por inspirar estilos e novos perfis nas mulheres, e sobre isso Silva (2004) aponta

Em meio a essa transformação, ela se torna um paradigma social; lança a moda, dita comportamento e faz os salões encherem de mulheres querendo os mesmos penteados e serem loiras ou os cartórios registrarem milhões de “evazinhas” (SILVA, 2014, p. 78-79).

Em fins de 1947 e início de 1948, Eva adotou de vez o coque baixo na nuca. Penteados cheios de significados, já que delimitou a fase em que a primeira-dama passou a demonstrar, por meio de seu corpo, que ela havia empregado um caráter mais austero, disciplinador e de liderança. Na sua viagem para a Espanha em 1947, seus penteados adornados inspiraram tendência e fizeram com que muitas espanholas o copiassem. Para Mendo (2017): “As jovens pintaram o cabelo de loiro como ela e pediram aos cabeleireiros ‘o coque em formato trançado e redondo de Evita’” (MORATÓ, 2011 *apud* MENDO, 2017, p. 15) (*Tradução livre das autoras*).³⁷

³⁶ Considerado que essa foto fora publicada na revista quando Eva já se encontrava bastante enferma, compreende-se que ela teve o intuito de reafirmar a imagem de vitalidade da primeira-dama, a qual se vinculava ao vigor do próprio peronismo.

³⁷ Do original: “Las jóvenes se teñían el cabello de rubio como ella y pedían a sus peluqueros «el moño en forma de rodete de Evita»”

Figura 21: O coque trançado de Eva Perón



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 05 setembro, 1951, p. 16)

Vale ressaltar a importância de fotos desse tipo para que a figura de Evita se fizesse conhecida e se tornasse familiar à sociedade argentina, já que imagens do rosto são singulares na identificação de uma pessoa, tanto por seus traços e fisionomia, quanto pela expressão de emoções.

No caso de Eva, para Ortiz (1997), por mais que esse penteado manifestasse visualmente a sua força política como representante da nação, ele se contrastava com a liberdade manifestada por seus cabelos soltos.

A tonalidade dourada exagerada nos seus cabelos demonstrava a artificialidade da cor, mas, aos moldes dos ideais de beleza dos anos 1940, o enloirado representava requinte e status social. Esse matiz contribuiu para dotar de significância e singularidade essa primeira-dama, dando os contornos no processo de construção de sua figura política e na mitificação de sua personagem, considerando a devoção ao seu cabelo e penteado mesmo após sua morte em 1952. Na mulher, ao mesmo tempo que o cabelo expressa feminilidade, não deixa de simbolizar animalidade e a sexualidade. Conforme aponta Perrot (2007), é o ponto comum entre a Virgem Maria e Maria Madalena, representações da dicotomia - mas também da complexidade - santidade e pecado. Escondê-los seria como calcar o erotismo e a vulgaridade; discipliná-los significaria amansar a selvageria, ou ainda, estar na moda ou se distinguir por meio dela.

O ocultar - ou o domar - do cabelo segue a mesma lógica de que a mulher deve se expor

na medida certa, nem mais nem menos. De acordo com Perrot (2007, p. 128): “Porque, como escreveu Rousseau a D'Alembert, ‘uma mulher que se mostra se desonra. [...]’”. Por isso, ser atriz, mesmo já no século XX, assim como foi Eva Perón, seria audacioso e significaria uma afronta aos ideais de feminilidade do período.

Em 1930, as atrizes de cinema serviam como referencial de moda, especialmente em relação ao cabelos. De acordo com Nuevo, Emiliano e Castellano (2017), a fixação era por cabelos curtos e ondulados, apesar do longo também ser utilizado, porém, com menos frequência. Inspiradas nas figuras da sueca Greta Garbo (1905-1990) e da alemã Marlene Dietrich (1901-1992), as mulheres da época se valeram dos turbantes e chapéus, e de tinturas alouradas para os cabelos. Nesse público feminino se incluíam atrizes argentinas, como é o caso de Mecha Ortiz (1900- 1987), a qual, segundo Mazziotti (2001, p. 233), copiava os loiros dos cabelos de Garbo, que além de status social, podia representar um misto de erotismo e ingenuidade.

Figura 22: Greta Garbo



Fonte: Obvious: escritos desafinados (2015)

No que tange às atrizes desse período, como é o caso das argentinas Zully Moreno, Mecha Ortiz y Laura Hidalgo, Mazziotti (2001) são compreendidas que essas personalidades famosas do cinema latino-americano dos anos 1930 à 1950, se tornaram modelos a serem seguidos pelas mulheres ‘comuns’, já que eram vistas como símbolos de atratividade, sociabilidade e bem vestir. A forma com que uma estrela se vestia, marcava a sua personalidade e a tornava uma inspiração e paradigma de bom gosto para as massas populacionais.

Figura 23: Zully Moreno



Fonte: El Litoral (2011)

Na década de 1940, os cabelos curtos foram substituídos, em partes, pelos longos, e também por coques, enchimentos, muitas vezes associados ao uso de chapéus e turbantes. Se presos eles demonstravam certa introspecção e austeridade, soltos, pelo contrário, representariam certa sutileza, juventude, e desvelariam, segundo as percepções da época, os mistérios de uma feminilidade oculta.

Em meados da Segunda Guerra, aparece o estilo *pin-up*, o qual tem em Betty Grable (1916-1973), cantora, atriz e dançarina estadunidense, o seu principal modelo, sendo marcado, dentre outras coisas, pela cor vermelha nos lábios. Essa nova tendência entre as mulheres, explica, de certa forma, o aumento exponencial do número de batons vendidos nos Estados Unidos. A partir

dessa construção, na década de 1950, surge, então, a dicotomia entre mulheres ingênuas e libertinas, características, as quais, por outro lado, poderiam se amalgamar em uma só mulher (NUEVO, EMILIANO E CASTELLANO, 2017, p. 10).

Os anos de 1940 foram marcados, em meio a outras coisas, pela elegância e o bom gosto. O referencial de beleza para o público feminino, independente da classe social, passou a ser o da atriz nova iorquina Veronica Lake, “[...] com seus longos cabelos loiros divididos na lateral e deixando uma mecha cobrindo metade do seu rosto [...]” (NUEVO, EMILIANO E CASTELLANO, 2017, p. 08).

Figura 24: Veronica Lake



Fonte: You must remember this (2017)

Esse comprimento prejudicava as operárias das fábricas, que corriam o risco de terem seus cabelos enroscados nas máquinas. Surge, então, a utilização obrigatória das rendinhas, as quais se tornaram, paulatinamente, um item da moda.

Nesse contexto em que os países viviam a Segunda Guerra Mundial e se recuperavam dela, no pós 1945 as estrelas de cinema se configuravam como referências de moda, e as mulheres ainda ocupavam o setor industrial, inclusive as fábricas têxteis, Eva Perón, figura que se bifurcava

entre seu legado como atriz e sua ascendente carreira política, se consagrava no cenário nacional e internacional (principalmente após a sua viagem em 1947) e se tornava um ícone da moda.

3.3 As operárias

Eva Perón, com sua presença no cenário nacional, estando sempre bela e bem vestida, contribuiu para o aquecimento do mercado industrial de moda e beleza. Assim, é possível perceber relações existentes entre a imagem da primeira-dama e o fomento do mercado de tecidos e cosmética. Essas relações também se encontram na esfera da identificação, à medida que as operárias enxergaram em Eva um modelo a ser seguido, especialmente por ela ter sido uma mulher que saiu da pobreza e ascendeu à um espaço de poder e grandes ostentações.

No início do século XX a Argentina dava seus primeiros passos rumo à industrialização, a qual, mesmo que ainda muito embrionária, já podia ser percebida na capital Buenos Aires. Para Rocchi (1998), entre fins do século XIX e começo do XX, a produção manufatureira cresceu trezes vezes, e devido ao aumento da imigração, a população argentina se multiplicou em três e ficou duas vezes mais rica, o que fez, entre outras coisas, com que a Argentina alcançasse o topo do *ranking* de economias da América Latina.

Em termos de oferta e demanda como uma via de mão dupla, esse crescimento da produção fabril se deveu, principalmente, à potencialização do consumo e ao enrijecimento do mercado interno, fenômeno resultante do aumento das exportações. Dentre os produtos que alcançaram recorde de consumo, estão as roupas, o que explica, de certo modo, o aumento de fábricas voltadas para a produção têxtil. De acordo com Rocchi (1998, p. 539): “A confecção de roupa em série avançou de tal maneira que em 1918 atendia ao menos a metade da demanda total do mercado argentino” (*Tradução livre das autoras*).³⁸

A expansão industrial têxtil gerou uma maior procura pela força laboral, da qual o trabalho feminino fez parte. Aldonate (2013) ressalta que o ofício nas fábricas consistia numa atividade precarizada tanto para homens quanto para mulheres, mas o segundo grupo – juntamente com a mão-de-obra infantil- se caracterizava pelo recebimento de menores salários. Mesmo com a participação feminina nas fábricas, prevalecia a compreensão de que o mundo do trabalho era naturalmente masculino, de modo que as atividades desempenhadas pelas mulheres serviriam apenas como complemento do que os homens realizavam.

Então, na argentina do início do século XX, haviam grupos sociais periféricos,

³⁸ Do original: La confeccibn de ropa en serie avanza de tal manera que en 1918 proveia al menos la mitad de la demanda total del mercado argentino.

residentes dos subúrbios da capital argentina, os quais eram compostos por imigrantes e descendentes de imigrantes. Para Díaz (MAFUD, 1986 *apud* DÍAZ, 2005, p. 52), as mulheres dessa esfera da sociedade se ocupavam, basicamente, cozinhando, costurando e escutando as radionovelas.

Fora isso, a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929, e o bloqueio de grande parte das importações argentinas, fez com que o país passasse por um rápido processo de industrialização, o qual trouxe em seu bojo um movimento de migração, em grande parte feminina, destinado ao trabalho fabril, vindo do interior para os centros urbanos da Argentina. Essas populações foram denominadas pela oligarquia, de forma depreciativa, como “cabecitas negras” (DÍAZ, 2005, p. 52) e eram formadas por descendentes de indígenas e de mestiços de nativos e espanhóis.

Esses grupos sociais, antes ‘invisíveis’ às regiões centrais do país, ao ocupar os espaços urbanos industrializados, se inseriram também em locais outrora frequentados apenas pelas classes médias, as quais, por assistirem com aversão à esse movimento, disparavam ataques e estigmatizações, apontando, por exemplo, a barbaridade – em contraposição à suposta civilidade das classes médias - dos homens e a indecência das mulheres das classes populares.

Não obstante, diferente da oligarquia, cerne das acometidas políticas do peronismo, os *cabecitas negras* (termo ressignificado e reapropriado positivamente pelo justicialismo), também incluídos no termo *descamisados*, foram amplamente defendidos nos discursos de Eva e Juan. Para Evita:

E quando tudo parecia perdido, talvez definitivamente, nós, um povo humilde, a quem a arrogância dos poderosos chamava de 'descamisados', nós, um povo [...] em sua generosidade, em sua simplicidade e em sua bondade [...] fomos escolhidos entre todos os povos e entre todos os homens para recolher das mãos de Perón, banhados no fogo do seu coração e iluminados por seus ideais visionários, a antiga mensagem dos anjos (MUNDO PERONISTA, n. 12, janeiro, 1951, p.26) (*Tradução livre das autoras*).³⁹

Com o peronismo, a partir de 1946, os padrões de consumo se alteraram, principalmente devido a implementação de políticas de distribuição de renda e de maior intervenção estatal na indústria, seja por meio das importações e do controle de preços, seja pelo estabelecimento de uma política laboral. Essa distribuição permitiu o aumento do consumo e da demanda interna, especialmente de tecidos. “O interesse oficial por exercer um maior controle sobre a

³⁹ Do original: Y cuando todo parecía perdido, acaso definitivamente, nosotros, un pueblo humilde, a quien la soberbia de los poderosos llamo ‘descamisados’, nosotros, un pueblo [...] em su generosidade, em su sencillez y em su bondade [...] hemos sido elegidos entre todos los pueblos y entre todos los hombres para recoger de las manos de Perón, bañado em el fuego de su corazón e iluminado por sus ideales de visionário, el antiguo mensaje de los ángeles.

comercialização de têxteis se deveu ao importante peso que a indumentária tinha na cesta familiar dos trabalhadores (BELINI, 2011, p. 120) (*Tradução livre das autoras*).⁴⁰

Tal quadro se alterou no início da década de 1950 (1952-53), no bojo da elevação dos custos para a produção argentina e de crescimento do número de importações, o que conseqüentemente afetou de forma direta o mercado interno, já que encareceu os produtos do país e criou uma balança comercial desfavorável.

Nessa lógica, a operária latino-americana era compreendida pela elite argentina como uma figura avessa aos ideais de feminilidade, ou seja, que não possuía as concepções físicas, comportamentais, estilísticas, estéticas, etc. que se esperava encontrar em uma mulher. O trabalho assalariado, principalmente o das fábricas, custou a elas estereotipações que as taxavam de masculinizadas e anormais. De acordo com Weinstein: “Não é difícil encontrar exemplos de mulheres receosas em relação à militância por medo de parecerem brutas ou masculinas” (WEINSTEIN, 2010, p.149).

Para os homens, por outro lado, a atividade fabril não era um problema nesse sentido, já que a força depositada no trabalho, a saída da esfera doméstica, o salário como representação de independência financeira, corroboravam a sua masculinidade sem que fosse necessário renegar o seu pertencimento a classe operária.

No caso da Argentina peronista, o programa justicialista não reafirmava as funções tradicionais destinadas à homens e mulheres (âmbitos público e privado, respectivamente), mas contraditoriamente, defendia que os salários recebidos pelos trabalhadores fossem o bastante para que as mulheres não precisassem abandonar a redoma do lar (concepção essa que fora defendida por Eva Perón).

Para as operárias, o trabalho nas fábricas representava, de certa forma, um desafio de classe, já que o salário seria um privilégio, significando alguma independência financeira e abrindo portas para o universo do consumo. Porém, em termos de feminilidade, essa atividade comprometia a possibilidade do ‘parecer’ mulher. De acordo com Weinstein (2010, p. 162): “A autoestima das mulheres da classe operária estava estreitamente conectada com seus corpos (pode-se argumentar que isso seja válido para a mulher em geral), e o trabalho na fábrica – especialmente nos enormes frigoríficos nos subúrbios de Buenos Aires – era visto como tendo um impacto negativo no corpo feminino, física e esteticamente”.

Para Lorenzo, Rey, Tossounian (2005), principalmente a partir da década de 1930 (período Entre Guerras e marcado pelo golpe argentino de 1930), a mulher na sociedade

⁴⁰ Do original: “El interés oficial por ejercer un mayor contralor sobre la comercialización de textiles se debió al importante peso que la indumentaria tenía em la canasta familiar de los trabajadores.

argentina simbolizava uma afronta às virtudes e aos valores morais, visto que, entre outras coisas, seu corpo seria sexual e pecaminoso, ideia reiterada no teatro, nas revistas femininas, nos artigos, na literatura, etc., e que remetia, em muitos casos, às estrelas de cinema.

Nessa lógica, a mulher virtuosa não era aquela que ocupava o espaço das fábricas, mas sim a que se preocupava unicamente com os afazeres do lar e que disciplinava seu corpo para que ele não sucumbisse à sexualidade.

Evita era, portanto, um modelo de mulher para essas operárias. Saída da pobreza, conquistou o requinte e o espaço político, e passou a gozar das roupas, sapatos, acessórios, etc. que o luxo lhe concedia. Mesmo que inserida na esfera política, a primeira-dama preservava características estéticas e comportamentais que se acreditavam ser tipicamente femininas. Ao mesmo tempo em que usava penteados feitos com esmero, unhas longas e vermelhas, e um vestuário que ressaltava sua cintura esbelta, também corroborava um discurso machista ao propor que era uma sombra de Perón, menos capaz e inteligente, mais intuitiva e amorosa, e que, conseqüentemente, todas as mulheres peronistas seriam – e deveriam ser – assim.

A intuição não é pra mim outra coisa que a inteligência do coração; por isso é também faculdade e virtude das mulheres, porque nós vivemos mais bem guiadas pelo coração que pela inteligência. Os homens vivem de acordo com o que raciocinam; nós vivemos de acordo com o que sentimos; o amor nos domina o coração, e vemos tudo na vida com os olhos do amor (MUNDO PERONISTA, n.02, agosto, 1951, p. 45) (*Tradução livre das autoras*).⁴¹

Não obstante, seja por seu passado humilde, sua trajetória como atriz, a forma com que se vestia e penteava o cabelo, seja pelas dúvidas existentes acerca de como ocorreu a sua ascensão social, tudo contribuía para que a elite visse em Evita uma escória. Essa crítica aos padrões de feminilidade que Eva não preenchia, gerou uma identificação das mulheres operárias com a primeira-dama. Essas trabalhadoras, como retaliação, passaram a estereotipar as mulheres burguesas - que as condenavam-, caracterizando-as como figuras mimadas, fúteis e preguiçosas.

Essa aproximação entre as trabalhadoras e Eva Perón ocorria de maneira mais evidente a partir dos discursos e textos dessa primeira-dama que, na maioria dos casos, levantava a bandeira à favor dos *descamisados*.

3.4 As palavras de Eva Perón

É possível perceber que em seus discursos, os quais geralmente acompanhavam

⁴¹ Do original: “La intuición no es para mí otra cosa que la inteligencia del corazón; por eso es también facultad y virtude de las mujeres, porque nosotras vivimos guiadas más bien por el corazón que por la inteligencia. Los hombres viven de acuerdo com lo que razonan; nosotras vivimos de acuerdo com lo que sentimos; el amor nos domina el corazón, y todo lo vemos em la vida com los ojos del amor.

fotografias dela se dirigindo ao público, ela falava para as mulheres e os trabalhadores. Mesmo que sua postura fosse de total liderança, na maioria dos casos, os seus esforços oratórios eram utilizados em defesa de Perón. É o caso, por exemplo, da seção *Escribe Eva Perón*, recorrente nas primeiras edições, em que a primeira-dama argumentava sobre a importância da doutrina peronista, e discursava sobre civismo e a luta pela justiça social.

Mais do que isso, ela falava sobre as regras de como ser uma mulher peronista, e incitava o público feminino a se movimentar em prol da vitória de Perón nas eleições de novembro de 1951. Em agosto desse ano, ela disse: “Em 22 de agosto toda a Pátria estará de pé, material e espiritualmente, na Praça de Maio para dizer ao General Perón que ele deve ser de novo o Presidente da República” (MUNDO PERONISTA, n. 03, agosto, 1951, p. 05) (*Tradução livre das autoras*).⁴²

Perrot (2007), propõe o debate acerca de como, ao longo da história, ocorrera o processo de representação das mulheres, seja por imposição masculina, à revelia da condescendência ou não das retratadas, seja a partir do aval dado por elas. Considerando a construção de imagens como um jogo de forças e de poder, ela se questiona: “Podemos nos perguntar sobre a maneira pela qual as mulheres viam e viviam suas imagens, se as aceitavam ou as recusavam, se aproveitavam delas ou as amaldiçoavam, se as subvertiam ou se eram submissas” (PERROT, 2007, p. 25).

Eva levou beleza e elegância para uma revista política, e isso perpassa questões sobre negociações de imagens e sobre como essa primeira-dama permitiu ser representada. Miceli (1996), analisando as esferas artística e literária brasileiras durante os anos de 1920, 1930 e 1940 a partir da produção de Cândido Portinari, compreende que as imagens resguardam inúmeros significados e consistem na aproximação e numa negociação entre quem está retratando e as pretensões sociopolíticas de quem está sendo representado. Assim, a imagem é uma construção simbólica com elementos pictóricos que requerem uma leitura sociológica específica e cuidadosa.

Conforme aponta Chartier (1995, p. 41), no que se refere aos ideais de beleza impostos às mulheres, tais exigências não são ditadas e aceitas sem oposição feminina. De forma diferente, as mulheres se utilizam dessas concepções e representações do ser belo de maneira estratégica para poderem se rebelarem contra o *status quo*.

Essa interpretação retira as mulheres da posição de inferioridade e opressão e as coloca numa esfera de negociação e manipulação com os mecanismos sociais que estão ao seu alcance.

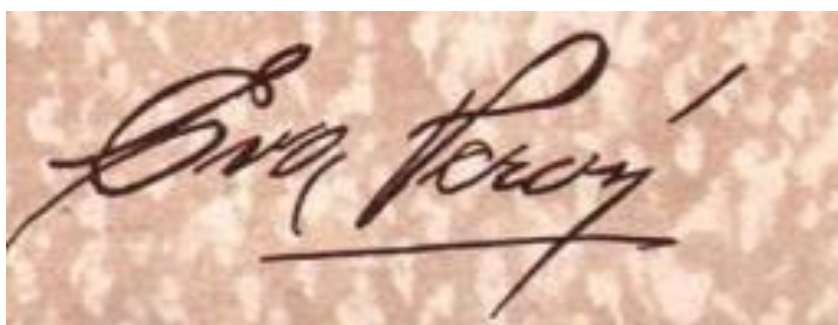
⁴² Do original: El 22 de agosto toda la Patria estará de pie, material y espiritualmente, em la Plaza de Mayo para decirle al General Perón que él debe ser de nuevo Presidente de la República”

Assim, em muitos casos, as mulheres se valem do consentimento para obterem espaço para se movimentarem e agirem em situações de injustiça simbólica (CHARTIER, 1995, p. 42).

No caso de Eva Perón, por exemplo, além da análise do seu cabelo, vestimenta, movimento das mãos, etc., a sua figura pode ser compreendida a partir da construção da sua imagem por meio dos textos que eram atribuídos a ela, ou ainda, pela forma com que ela abriu espaços para si no âmbito público, por intermédio de seu discurso que não apresentava elementos de transgressão à ordem social.

Evita assinava com ‘Eva Perón’ muitas cartas no decorrer da revista, em letras cursivas e no final da página. A sua assinatura, de certa forma, dava anuência e legitimava o conteúdo das publicações como sendo elaborado por ela. Porém, independente de assinados ou não, os textos certamente passavam por sua avaliação antes de serem divulgados na revista, o que sugere que seu consentimento seria uma autorização acerca da imagem que estava se construindo sobre ela.

Figura 25: A assinatura de Eva Perón



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 03, agosto, 1951, p. 5)

Não obstante, diferente de grande parte das fontes que falam de mulheres ou são produzidas por elas, esses seus discursos na revista em questão, tratam de temas sociopolíticos. Eva não demonstrava uma escrita íntima ou voltada para si mesma (como ocorre nos diários e/ou cartas de amor), mas pelo contrário, ela falava do espaço político, sobre o espaço político, para o seu público-alvo, ou seja, o povo argentino. De acordo com ela: “Prefiro ser Evita a ser a mulher do presidente da República, se essa Evita servir de algo para os descamisados da minha Pátria” (MUNDO PERONISTA, n. 08, novembro 1951, p. 29) (*Tradução livre das autoras*).⁴³

A paixão de Evita, o que para Sarlo (2005) é também um dos motivos da sua excepcionalidade, move e é o pano de fundo dos seus textos. Em seus escritos, ela fala, de forma obsessiva e corajosa, de sacrifício, doação ao povo, à Perón e à causa do peronismo. Ela ressalta:

⁴³ Do original: Prefiro ser Evita a ser la mujer del presidente de la república, si ese evita sirve para algo a los decamisados de mi pátria.”

“Que venham agora os inimigos do povo, de Perón e da Pátria. Eu nunca tive medo deles, porque sempre acreditei no povo” (MUNDO PERONISTA, nº 08, novembro, 1951, p. 29) (*Tradução livre das autoras*).⁴⁴

Sempre aparecia vulnerável à paixão que a assolava, mas por outro lado, se mostrava fortalecida por esse fervor que a abastecia de energia para lutar pelo povo argentino. Essa paixão a tornou excepcional, segundo Sarlo (2005), porque era única, singular, própria de Evita. Eva era o povo e só o povo, segundo seus discursos, poderia ocupar seu lugar caso ela faltasse.

Na sessão *Escribe Eva Perón*, presente na revista MP nas suas seis primeiras edições, como o nome mesmo sugere, apresentavam-se textos assinados, pelo menos aparentemente, pelo próprio punho de Eva. Na primeira edição dessa revista, um texto prévio e com escritor anônimo esclarece as pretensões dessa sessão. Para tanto, fala-se em ‘fervor’ peronista e ressalta-se o tripé motivador da paixão de Evita: o povo, a Pátria e Perón.

Ao amor pelo POVO corresponde à obra que realiza por humildes e sua lealdade incondicional para os trabalhadores. Ao seu amor pela PÁTRIA, ela respondeu tornando conhecidos em todo o mundo os nobres generosos de nosso povo. Ao seu amor pelo nosso LÍDER, respondeu com a organização do Partido Peronista Feminino, com a Fundação e com todas as suas obras, por cujas dimensões só pode se apreciar a grandeza do seu coração. (MUNDO PERONISTA, nº 01, julho, 1951, p. 05) (*Tradução livre das autoras*).⁴⁵

Eva, com seus discursos inflamados, incitava e chamava as mulheres para a luta, a qual se centrava na defesa de Perón e da causa justicialista, firmada na busca por uma Pátria livre, justa e soberana. Segundo ela, na sessão supramencionada: “A mulher peronista não tem e nem pode ter outro condutor que Perón” (MUNDO PERONISTA, nº.2, agosto, 1951, p. 04) (*Tradução livre das autoras*).⁴⁶

Em seus textos, assim como fez na Rádio Belgrano em novembro de 1944, identificava a si mesma como amiga e companheira do(a) receptor(a) da mensagem, além de que, se dirigia principalmente às mulheres do Partido Peronista Feminino, as quais lutavam por Perón e o tinham- ou deveriam ter, segundo Eva- como bandeira principal.

⁴⁴ Do pueblo original: “Que vengan ahora los enemigos del pueblo, de Peron y de la Patria. Nunca les tuvo miedo, porque siempre creí en el.”

⁴⁵ Do original: A su amor por el PUEBLO corresponde la obra que realiza por los humildes y su lealtad sin condición para los trabajadores. A sua amor por la PATRIA respondió haciendo conocer en el mundo entero la generosa hidalguía de nuestro pueblo. A su amor por nuestro LIDER responde con la organización del Partido Peronista Femenino, con la Fundación y con todas sus obras, por cuyas dimensiones solamente puede apreciarse la grandeza de su corazón.

⁴⁶ Do original: “La mujer argentina no tiene otro nombre que Perón. Perón sí, otro no. Nadie más que Perón. La vida por Perón.” Do original: “La mujer argentina no tiene otro nombre que Perón. Perón sí, otro no. Nadie más que Perón. La vida por Perón.”

A revista MP é muito rica de informações, já que alia notícias acerca da economia e da política argentina com a tentativa de doutrinação dos leitores no ideário justicialista. E no caso de Eva Perón, considerando quem ela era e o que significava, era representada no periódico por meio de suas aparências, comportamentos, posicionamentos e da moda vigente.

Pela quantidade de material publicado, as sessões não seguiam um padrão de disposição e ordenamento. A sessão que aparecia nas primeiras páginas da revista, podia, na sessão seguinte, aparecer nas últimas, ou ainda, nem aparecer- mesmo sendo uma das fixas.

No caso da sessão fixa *Historia del peronismo*, Eva, a contar da edição número dois, foi apresentada como a professora escolhida para ensinar sobre a história e trajetória do peronismo, desde seu encontro com Perón até a compreensão da doutrina justicialista como bandeira de justiça e felicidade. Esses textos eram escritos como se proviessem de Evita, porém, não possuíam sua assinatura.

Figura 26: Seção da revista Mundo Peronista

CATEDRA:

HISTORIA del PERONISMO
 PROFESORA EXTRAORDINARIA: SEÑORA EVA PERON
 CAPITULO V
 EL CAPITALISMO EN LA HISTORIA

Me he puesto a pensar sobre este tema, como podría hacerlo cualquiera de ustedes, y creo que no es muy complicado llegar a conocer rápidamente las causas que determinaron el nacimiento del peronismo.

La historia del peronismo, como todo episodio histórico, tiene sus actores, tiene sus causas y tiene su escenario.
 Una vez conocidos estos tres capítulos, recién podemos estudiar el desarrollo de los acontecimientos y sus efectos en la historia. Cuando yo acepté dictar este curso en esta Escuela, creí, inicialmente, que sólo iba a tener que relatar los acontecimientos, cosa que no me traería ningún inconveniente dado que yo los he vivido y que también los he sufrido.

¿Qué dificultad podría tener en narrarles a ustedes todas las luchas del general Perón, si yo, directa o indirectamente, las he compartido siempre? Yo me dije: "éste es mi gran lema". Pero cuando tuve que sentarme a esbozar el programa, advertí que eso no era todo y me di cuenta de que no se trataba solamente de relatar los episodios de la historia del peronismo, sino de hacerla comprender, de hacerla sentir y de inculcarla, como dice el general Perón.

La medida del Peronismo
 En ese momento fué cuando comprendí que el problema no era tan simple, y menos para una mujer humilde cuyo único título es nada más que su gran voluntad y su gran amor por la causa del General y de su pueblo.

Por eso me han visto ustedes andar por caminos que si no son desconocidos para mí — ya he dicho en otra oportunidad que siempre me ha gustado el tema de la historia, porque he estado buscando en él una medida que no encuentro para el General Perón y nuestro pueblo—, son caminos menos conocidos o poco frecuentados por mí. En estos años de lucha no he podido alcanzar todavía a medir la importancia que tiene nuestro pueblo, nuestro movimiento y su líder, en relación con los grandes acontecimientos de la historia.

Aprender en la Historia
 No he leído la historia para explicarla, ni para dar clases o divertirme, sino para aprender en ella a querer y a sentir, todavía más,

esta breve pero extraordinaria historia de Perón y de su pueblo. Lo que he podido aprender a través de los acontecimientos generales de la historia, es lo que he querido que también ustedes aprendan aquí. En otras palabras, no me interesa que ustedes sepan quién fué Lieurgo, ni en qué año nació; me basta con que aprendan que lo mejor de él — y de todos los hombres extraordinarios de la historia — está en la doctrina del general Perón y que ha sido realizado en la breve historia del peronismo.

No me interesa tampoco que ustedes sepan mucho sobre la Revolución Francesa, o sobre las luchas entre plebeyos y patricios, o entre espartanos e liotas; pero sí me interesa que sepan que ningún movimiento de masas o de pueblos es comparable con el que realizó nuestro pueblo el 17 de Octubre de 1945.

Para eso hemos estudiado la historia universal, buscando precedentes y precursoros de la historia del peronismo.

Actores Unicos del Movimiento
 Analicen un poco lo que hemos hecho hasta aquí. ¿Nos hemos limitado a describir los acontecimientos históricos? ¿Nos hemos puesto a relatar siempre vidas de grandes hombres? No; en realidad, yo he presentado a los autores únicos y exclusivos del movimiento peronista: el General Perón y el pueblo. Ya saben también cuál es la medida de nuestro pueblo, porque lo hemos comparado con otros pueblos y, sobre todo, con sus grandes manifestaciones de rebelión, con la Revolución Francesa

Significado del 4 de Junio
 ¿Cuándo nació el peronismo? No nació el 4 de Junio, pero tal vez pueda decirse que en esa fecha se levantó el telón sobre el escenario. No es el nacimiento mismo, porque tal vez lo único peronista del 4 de Junio fueron Perón y su proclama.

El pueblo todavía no está allí, como el 17 de Octubre y el 24 de Febrero, o como está ahora todos los días acompañando al general Perón y a su movimiento.

El 4 de Junio el General Perón dió el primer paso para llegar a su pueblo, y aunque el ejército que lo acompañaba es parte del pueblo, no es todo el pueblo.

Para demostrar que todavía no había nacido el peronismo, piensen ustedes que el gobierno de la Revolución del 4 de Junio no era totalmente popular, y si no, recuerden el nombre de algunos ministros de entonces, y eso basta. Recuerden que el mismo coronel Perón fué inicialmente colocado en un puesto exclusivamente militar.

El peronismo no nació, para mí, el 4 de Junio de 1943, pero tampoco nació el 17 de Octubre, porque el 17 de Octubre de 1945, el peronismo triunfó por primera vez.

Quiere decir que para esa fecha ya había nacido.

Nacimiento del Peronismo
 El peronismo, a mi juicio, nació al crearse la Secretaría de Trabajo y Previsión, nació cuando el primer obrero argentino le dió la

Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 06, outubro, 1951, p. 44)

Não obstante, a partir da edição número onze, Perón a substituiu, ocupando a sua função como professora – como ela era intitulada nessa seção, já que explicava sobre a doutrina justicialista e a história do peronismo. Vale considerar que entre a segunda edição da revista, de julho de 1951, e a décima, de dezembro desse mesmo ano, Eva descobriu sobre a sua

enfermidade e teve pioras drásticas na saúde, o que pressupõe o seu afastamento em relação aos trabalhos da revista (considerando que ela contribuía na elaboração dos textos publicados).

Consonante ao seu enfraquecimento físico, poemas começaram a compor a revista:

Todas as primaveras da Pátria
floresceram nela. Todas as pessoas
conheceram seu nome ...
Evita! ... pelo sonho
De todos os humildes da minha terra,
pela fé de todos os doentes
por todas as lágrimas, para
a dor de toda tristeza:
estrela, coração, anjo e verso,
o melhor da terra
e o melhor do céu! (MUNDO PERONISTA, n.05, setembro, 1951, p. 20)⁴⁷

Em 4 de junho de 1952, um pouco mais de um mês antes de seu falecimento, milhares de argentinos saíram nas ruas de Buenos Aires exigindo saber do atual estado de saúde de Evita, e ratificando o apoio popular contínuo para que a primeira-dama fosse considerada a vice-presidente do país.

Figura 27: O povo argentino exige informações sobre Eva Perón



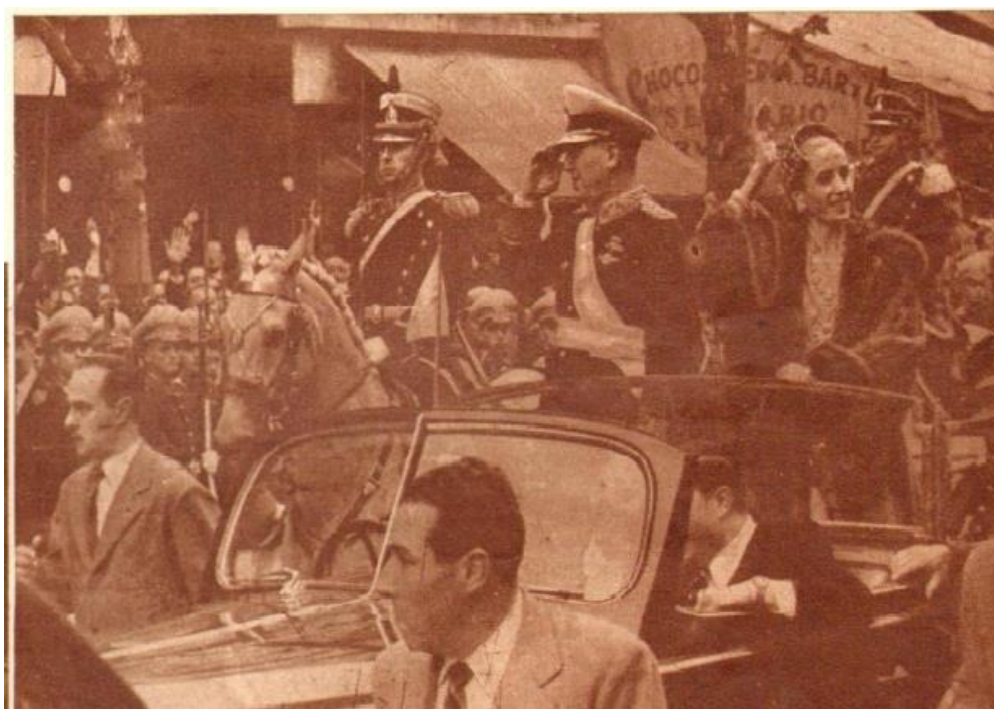
Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 24, agosto, 1952, p. 27)

Tal imagem evidencia o poder conquistado por Eva através do estabelecimento de estratégias de visibilidade como primeira-dama e esposa atuante na política, ações as quais também promoviam o projeto peronista.

⁴⁷ Do original: Todas las primaveras de la Patria/ Florecieron en ella. Todo el Pueblo se dió cita en su nombre.../ Evita!..., para el sueño/ de todos los humildes de mi tierra,/ para la fe de todos los enfermos/ para todas las lagrimas,/ para el dolor de todo desconsuelo:/ estrella, corazón, ángel y verso,/ lo mejor de la tierra/ y lo mejor del cielo!

Mesmo já debilitada, Eva atendeu às exigências da população e saiu às ruas, em cima de um carro presidencial, acenando ao povo. Segundo a MP (1952), houve detalhes que o restante da mídia não registrou, como a constante tentativa dos *descamisados* em chegar até Eva. De acordo com a revista: “Vimos como desde a Praça do Congresso à Praça de Maio, inúmeras pessoas, rompendo fileiras do exército, tentavam entregar suas cartas – pedidos angustiados de ajuda – à ‘companheira Evita’” (MUNDO PERONISTA, n. 24, agosto, 1952, p. 25) (*Tradução livre das autoras*).⁴⁸

Figura 28: Eva Perón desfila pelas ruas de Buenos Aires – 1952



Fonte: (MUNDO PERONISTA, nº 24, agosto, 1952, p. 25)

A ‘companheira Evita’ logo mais se converteria em Santa Evita para os seus devotos e admiradores. Antes mesmo da sua morte já estavam lançadas as bases da mitificação da sua figura, que permaneceria ocorrendo após 1952.

Eva morreu em 26 de julho 1952, mas a sua construção imagética e discursiva já havia permeado o imaginário social, de tal modo que a população argentina - e de outras nacionalidades – ainda a reconhecem por ingredientes icônicos que a transformaram em uma personalidade política, como é o caso da sua gestualidade, dos seus discursos e da moda que atravessou a sua carreira como primeira-dama e contribuiu significativamente para fazer dessa

⁴⁸ Do original: “Nosotros vimos cómo, desde la Plaza del Congreso hasta la Plaza de Mayo, incontables personas, rompiendo las filas del ejército, intentaban entregar sus cartas – angustiados llamados de auxilio – a la ‘compañera Evita’.”

mulher uma figura excepcional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ascender ao cenário político argentino, Eva fora recebida com antipatia pela burguesia do país. Porém, por outro lado, o tratamento direcionado à ela pelos peronistas era realizado com exageros e excessos, o que contribuiu para a apropriação de sua figura como estandarte da propaganda oficial.

Esse culto se pautava, geralmente, em características que não eram consideradas naturais, tipicamente femininas e nem adequadas ao posto social que ela ocupava, mas, muito pelo contrário, se firmava em sua força e obstinação - mesmo que futuramente seu corpo fosse se abater por um câncer. Isso explica, de certa forma, a preferência da revista MP por representá-la - e de Eva, por se deixar representar -, na maioria das vezes, ao microfone, vestindo conjuntos de *tailleurs* e usando seu coque clássico na nuca, signos de autoridade e austeridade.

Por mais que sua imagem se confunda com uma percepção maternal (*Madre de los descamisados*) devido a suas ações voltadas à ajuda social, e que a própria Evita reiterasse com frequência que ser esposa de Perón, o condutor da nação, era uma de suas maiores e mais importantes funções, a revista analisada revelou, por intermédio de leituras que serviram de subsídios para a proposta de abordagens, que a moda, a oratória e a gestualidade do corpo de Eva Perón a transformaram, antes de qualquer coisa, numa figura eminentemente política.

Evita soube utilizar a propaganda oficial para se apresentar, e o fez por meio da solicitude e da afirmação de ideais de feminilidades, de modo que a sua aparência é indissociável desse processo. Ela criou uma trajetória com valores sociais e culturais que transformaram em moda diferentes fundamentos do primeiro-damismo, por meio dos quais, ela colaborou para a inserção das mulheres argentinas no mundo da política.

A indumentária relaciona-se às mudanças sociais e políticas, já que ela é dotada e produtora de valores e sentido. Assim, no corpo de Eva Perón, moda e política se amalgamaram, de modo que a primeira-dama, como propaganda, apresentava as benesses e prosperidades do peronismo por meio de discursos verbais, mas também por intermédio de sua beleza e tudo que a constituía, ou seja, chapéus, vestidos, coques, acessórios, esmaltes cor de sangue, etc.

Exerceu influência nas subjetividades e nos comportamentos, e essas transformações foram acompanhadas pela estética, que renovou o conceito de aparência, apurando gostos e estilos que inspiraram outras mulheres - eleitoras - daquele país.

Tanto da revista MP quanto em sua autobiografia é possível perceber que os seus acessórios e suas indumentárias faustosas eram acompanhadas de um discurso de abnegação ao luxo e de luta à favor dos *descamisados*. Assim, a sua imagem foi influenciadora de tendências

da moda, mas também se transformou numa inspiração aos povos marginalizados da Argentina, que, apesar de toda a opulência carregada por ela, a viam como uma representante dos pobres.

Assim, Eva, por intermédio da visualidade de seu corpo, ressignificou símbolos estilísticos, os tornando modelos a serem seguidos até pelas classes mais pobres, e conseguiu cooptar mais apoiadores – especialmente mulheres - para o projeto do peronismo.

Dessa forma, esse trabalho analisou que as transformações na trajetória de Eva Perón ocorreram alinhadas à mudanças na visualidade de seu corpo, as quais inspiraram tendências e outras alterações, dotaram de fascínio a primeira-dama, que combinava o glamour com o discurso da simplicidade, e, acima de tudo, a converteram em expressão política. Assim, pela sua imagem, Evita foi se constituindo como uma personagem que tinha bom gosto e que buscava na alta costura, referendar seu status de figura pertencente à elite cultural e política, o que só foi possível por intermédio de seu papel de mulher do presidente.

REFERÊNCIAS

FONTES CONSULTADAS

DUARTE DE PERÓN, Maria Eva. **La razón de mi vida**. Traducción de Gabriela Maltempo Perez: Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Asociación Museo Evita, 2016.

MUNDO PERONISTA, **Haynes Publishing**, Buenos Aires, n. 01-25, jul/1951- jul/1952.

ORTIZ, Alicia Dujovne. **Eva Perón: a madona dos descamisados**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ALDONATE, Américo Eduardo. **Las mujeres y el mundo del trabajo en la Argentina de la primera mitad del siglo XX**. Buenos Aires, 2013. 40 f. (Trabajo final integrador) - Universidad Nacional de Quilmes, Bernal, Argentina: Repositorio Institucional Digital de Acceso Abierto. Disponible en: <http://ridaa.demo.unq.edu.ar>.

ANGENOT, Marc. Fascismo, populismo: as utilizações contemporâneas de duas categorias políticas nas mídias. **EID&A**, Ilhéus, n. 16, set. 2018.

AVELINO, Yvone Dias. La madre dos descamisados. Eva Perón: vida e trajetória política. **Cordis**. Mulheres na história, São Paulo, v. 2, n. 13, julho-dezembro, 2014.

BARQUÍN *et al.* Estereotipos de género que fomentan violencia simbólica: desnudez y cabellera. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.26, n. 03, 2018.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 185-212.

BELINI, Claudio. Peronismo, expansión del consumo y crecimiento de la indústria têxtil del rayón durante las décadas de 1940 y 1950. **Revista Digital**, v. 23, n. 02, 2010-2011, p. 107-134.

BOROSKI, Marcia; CARVALHO, Fernanda Cavassana. A presidência tem gênero: o conteúdo relacionado à Dilma Rouseff nas capas de revistas durante o segundo mandato. In: **Anais do Comunicon**, São Paulo, 2016.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. Revistas femininas: ainda somos as mesmas, como nossas mães. **Communicare**, v. 14, n.01, 2014, p. 36-44.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Educs, 2004.

CAPELATO, M. H. R. “A propaganda política no varguismo e no peronismo”: aspectos teóricos- metodológicos de uma análise sobre história política. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 14, n. 26/27, 1997, p. 196-218.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Fapesp/Papirus, 1998.

CARBALLEDA, Alfredo J. M. Política Social, subjetividad y poder: La Acción Social de la Fundación Eva Perón. **Rev. de Trabajo Social y Ciencias Sociales**, n. 7/8, abril 1995.

CARVALHO, H. M. A. de. A espetacularização da felicidade e a inveja: reflexões sobre consumo, sociedade contemporânea e modernidade. **Rev. Ideologizando**, v. 01, n. 1, fev. 2017, p. 129-138.

CARVALHO, Jéssica Mayara de Melo. O Grande Lar Argentino: a cidadania feminina segundo Eva Perón. In: **1º Seminário internacional de Ciência Política: Estado e democracia em mudança no século XXI**, Porto Alegre, 2015.

CARMO, Roberto Luiz do (Org.) *et al.* Questões demográficas atuais: Argentina, Paraguai e Japão. Campinas, SP: **Núcleo de Estudos de População**, Unicamp, 2014.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: ___, Michel de. **A invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 236-248.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**. v.5 n.11, Jan./Abr. 1991.

_____. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**. V. 4, 1995, p. 37-47.

CONDE, Mariana. Reflexiones en torno al régimen visual (femenino), la reproducción técnica y los medios de comunicación de masas de la primera parte del siglo XX. Una presentación. In: **II seminário internacional: políticas de la memoria**, Buenos Aires, 16-18 março 2016.

COUTO, Berenice Rojas. Assistência social: direito social ou benesse. **Ser. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, out./dez. 2015, p. 665-677.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativas: tempo, memória e identidades. **Historia Oral**, v. 6, 2003, p. 9-25.

DÍAZ, Martha Susana. **Mulher e poder: o caso de Eva Perón na política argentina**. Salvador-BA, 2005, 227 f. (Dissertação) – Universidade Federal da Bahia, 2005.

ESCH, Carlos Eduardo. Do microfone ao plenário: o comunicador radiofônico e seu sucesso eleitoral. **Revista Imprensa**, agosto 1993.

FERRERAS, N. A sociedade de massas: os populismos. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. (Org.). **História das Américas: Novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 213-240.

FIGUEIREDO, Joana Bosak de. Revestindo imagens: indumentária e identidade gaúcha no século XIX. **Hist. Revis**, Pelotas, n. 17/18, 2011, p.152-163.

FILHO, J. Q. M. Moda e gênero: o vestuário sexualizado do New Look de Christian Dior (anos 1950). **Mneme- revista de humanidades**, Caicó, v. 16, n. 37, jul/dez. 2015, p. 10-36.

FIORUCCI, Flavia. El campo escolar bajo el peronismo 1946-1955. **Rev. hist.edu.latinoam**, v. 14, N. 18, enero – junio 2012.

GALEANO, Eduardo. El pueblo argentino desnudo de ella. In: GARCIA, F.; LABADOA A.; VASQUEZ, E. (Org.). **Evita**: imagens de uma paixão. São Paulo: Companhia Melhoramentos e DBA artes gráficas, 1997.

GANDIN, Lucas. A Sacralização do Político. In: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul, set. 2010.

GONÇALVES, D. L.; GONÇALVES, K.F. Propaganda do regime peronista: o uso dos meios de comunicação para a divulgação do governo de Juan Domingo Perón (1946-1955). **Rev. de Artes e Humanidades**, n. 05, nov-abr 2010.

GONZALEZ, Débora de Fina. Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. **Cad. Pesqui. Vol.**, v. 44, nº 151, São Paulo, jan/març., 2014.

GORZA, A. E. Los homenajes a Eva Perón como prácticas de memoria em tiempos de la Resistencia peronista (1955-1963). In: **Anuario del Instituto de Historia Argentina**, v.16, n. 1, 2016.

GUEDES, R.C.; TEIXEIRA, E.L. A moda no pós-Guerra no ano de 1947: o exemplo dos ícones Eva Perón e Carmen Miranda. In: **XIV Encontro Regional da Anpuh- Rio**, Rio de Janeiro, julho 2010.

HAHNER, JUNE E. Honra e distinção. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 43-64.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n.3, set./dez. 2009, p. 679-712.

JOHN, M.V.; EBERLE, T.S. “Veja só o Brasil”- a construção social da realidade em duas mil capas da Revista Veja. **Estudos em comunicação**. v.1, n. 7, maio 2010, p.55-80.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LORENZO, M.F.; REY, A. L.; TOSSOUNIAN, C. Images of Virtuous Women: Morality, Gender and Power in Argentina between the World Wars. **Gender & History**, v. 17, n. 3, november 2005, p.567-592.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MAZZIOTTI, Nora. Ador(n)adas de la cabeza a los pies: el vestuário de las estrellas de cine latinoamericanas de los años 1930 a 1950. In: **Designis**: La moda, representaciones e identidade. 2001, p. 225-237.

MENDO, Valme Montero. **Relaciones publicas y diplomacia**: la etiqueta em la visita a España de Eva Perón (1947). Sevilla, 2017, 58 f. (TCC) – Universidad de Sevilla, 2017.

MICELI, Sergio. **Imagens Negociadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORALES, Virginia. Mundo Peronista. Una mirada “desde abajo” a la constitución de la

identidad peronista durante el primer peronismo (1945-1955). **Questión**, La Plata, v. 1, n. 53, , enero- marzo 2017, p. 72-88.

MOTT, Maria Lúcia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945). **Cad. Pagu**, Campinas, v.16, 2001, p. 199-234.

MUZANY, Karen; JORDÃO, Janaína V. De Paula. A publicidade e a cultura de consumo entre vizinhos: uma perspectiva da inveja nas relações sociais. **XXI Congresso de ciências da comunicação na região centro-oeste**, Goiânia-GO, 22-24 de maio, 2019.

NUEVO, Patrícia; EMILIANO, Silvani; CASTELLANO, Mônica. A evolução do cabelo e da maquiagem no século XX -100 anos de história e beleza – um comparativo com os dias atuais. In: **Universidade Tuiuti do Paraná**, Curitiba, 2017.

PALERMO, Silvana A. Quiera el hombre votar, quiera la mujer votar: género y ciudadanía política en Argentina (1912-1947). In: **Programa de Estudios de Historia del Peronismo**- Instituto de Estudios Históricos, agosto, 2007.

PANELLA, Claudio. Mundo Peronista (1951- 1955): "una tribuna de doctrina". In: _.; KORN, G. (Org). **Ideas y debates para la nueva argentina: revistas culturales y políticas del peronismo (1946-1955)**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2010. p. 281- 306.

PASSINI, Janini Marques. A política espetáculo e os ouvintes: artifícios para conquistar a opinião pública. In: **Intercom**, 2004.

PEDRO, Joana Maria, Um diálogo sobre mulheres e história. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 11 (2): 360, jul./dez., 2003

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História cultural e imagens. In: _ **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

PRADO, M. L.; FRANCO, S. S. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 194 – 217.

_____, Maria Ligia. **O Populismo na América Latina: Argentina e México**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

QUEIROZ, C. T. M. de; MACIEL, T. R. Marilyn Monroe: contribuições para o padrão de beleza da mulher na década de 1950. **13º colóquio de moda**, Bauru-SP, 11-15 de outubro, 2017.

RAMOS, Gilmária S. Leitura feminista da história das mulheres no Brasil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 03, sept./dec., 2013.

ROCCHI, Fernando. Consumir es un placer: La industria y la expansión de la demanda en Buenos Aires a la vuelta del siglo passado. **Desarrollo Económico**, v. 37, n. 148, enero- marzo, 1998.

RODRIGUES, Lorena Dantas. **Campy, empoderada e fora de sacada**: Evita aos pedaços de

sua vida. Ilhéus, 2017, 96 f. (Dissertação) – Universidade Estadual de Santa Cruz, 2017.

SARLO, Beatriz. **A paixão e a exceção**: Borges, Eva Perón, Montoneros. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

SCHMIDT, Benito Bisso. Os múltiplos desafios da biografia ao/à historiador/a. **Rev. Diálogos**, Maringá, v. 21, n. 02, 2017, p. 44-49.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 15, nº 02, jul./dez., 1990

SEBRELI, Juan José. **Los Deseos Imaginarios del Peronismo**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

SILVA, Ana Carolina Ferreira. **Santa Evita e suas aparições**. Juiz de Fora, 2004, 144 f. (monografia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

SILVA, Lianzi dos Santos. Mulheres em cena: as novas roupagens do primeiro damismo na Assistência Social. Rio de Janeiro, 2009, 146 f. (Dissertação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, P. H., HASHIGUTI, S.M. Uma espada através do corpo de Dilma Rouseff: mídia, discurso e imagem. **Estudos Linguísticos**, Pará, n. 40, jul./dez. 2013.

SILVA, Paulo Renato da. Memória e História de Eva Perón. **Rev. Hist.**, São Paulo, n. 170, janeiro- junho, p. 143-173, 2014.

SIMILI, Ivana Guilherme; Andrade, Amanda Codolo. Políticas de gênero na guerra: as roupas e a moda feminina. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 02, jul-dez, 2012, p. 121-142.

_____, Ivana Guilherme. As roupas como documentos nas narrativas históricas. **Unesp**, São Paulo, v. 12, n. 1, jan./jun., 2016, p. 237-261.

_____, Ivana Guilherme. A primeira-dama Maria Thereza Goulart e o costureiro Dener: a valorização da moda nacional nos anos 1960. **Rev. História e Cultura**, Franca-SP, v. 03, n. 1, 2014, p. 276-298.

_____, Ivana Guilherme. **Mulher e política**: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930- 1945). São Paulo: Editora Unesp, 2008.

_____, Ivana Guilherme. Pedagogias do vestir e da moda na Segunda Guerra Mundial: as aparências da primeira-dama Darcy Vargas na presidência da Legião Brasileira de Assistência (1942- 1945). **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 14, n. 02, 2010, p. 381-397.

SIMMEL, George. Da psicologia da moda: um estudo sociológico. In: _____. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª reimpressão, 2ª edição, 2014, p.159- 168.

SOIHET, Rachel. Alguns comentários a partir do artigo de Marta Zabaleta: o Partido Peronista feminino: História, características e consequências. (Argentina 1947- 1955). **Diálogos**, DHI/UEM, Maringá, v.4, n. 4, 2000, p. 41-47.

_____, Rachel. Mulheres e biografia. Significados para a História. **Locus: Rev. de Hist.**, Rio de Janeiro, v.9, n. 1, 2003.

SOUZA, R. A. M. **A imagem de Eva**: o governo peronista. São Paulo, 2016, 90 f. (Dissertação) – Pontifícia Universidade Católica, 2016.

STAWSKI, Martín. El populismo paralelo: política social de la Fundación Eva Perón (1948-1955). In: **X Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Universidad Nacional del Litoral, Rosario, set. 2005.

TEIXEIRA, Luciana Medeiros. Essa mulher: as múltiplas representações de Eva Perón. A construção do mito e as disputas políticas em Santa Evita de Tomás Eloy Martínez. **Anais do SILEL**, Uberlândia: EDUFU, vol.3, nº1, 2013.

TORNAY, Lizel. Historia e fotografia: desafios de las fuentes fotográficas. **XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**, San Carlos de Bariloche, 2009.

VARELA, Mirta. Peronismo y medios: control político, indústria nacional y gusto popular. ReHIME, 2011.

VÁZQUEZ, Maria Laura Osta. Uma síntese da história das mulheres na Argentina. **Revista Estudos feministas**, v.13, n. 3, Florianópolis, set./dez., 2009.

VAZ, P. B. F., FRANÇA, R.O. Entre o legítimo e o legitimado: a explosão dos acontecimentos nas capas de Veja. **Anais do XVIII Encontro da Compós**, Belo Horizonte, 2009.

VILELA, Shirley Elias. Construções e reconstruções: uma resignificação do olhar para com as musas. **Rev. Tempos históricos**, v. 15, n. 01, 2011.

WAISSBEIN, Daniel. Descamisado(s), descamisada(s). Palabra y concepto durante el peronismo. **Prohistoria**, n. 30, 2018, p. 129-154.

WEINSTEIN, Bárbara. Elas nem parecem operárias: feminilidade e classe na América Latina no século XX. **Anos 90**, Porto Alegre, v.12, n.31, jul., 2010, p.145-171.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

ZIMMERMANN, Tânia R.; MEDEIROS, Márcia M. de. Biografia e Gênero: repensando o feminino. **Rev. de Hist. Regional**, Ponta Grossa, v.9, n.1, 2004, p. 31-44.

SITES

EL LITORAL. **Cine y teatro para adultos**. 2011. Disponível em: https://www.ellitoral.com/index.php/diarios/2011/01/19/escenariosysociedad/SOCI-04.html?otras_interior.

PITTA, Denise. **Evita Perón e a sua influência na moda do século XX**. 2014. Disponível

em: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-influencia-de-evita-peron-na-moda-do-seculo-xx/#:~:text=Em%201950%20a%20fot%C3%B3grafa%20alem%C3%A3,de%20moda%20do%20s%C3%A9culo%20XX.>

SCHIRMER, Daiane. **Obvius:** Escritos Desafinados. 2015.
[http://obviousmag.org/escritos_desafinados.](http://obviousmag.org/escritos_desafinados) Disponível em:
[http://obviousmag.org/escritos_desafinados/2015/02/greta-garbo-e-o-feminismo-no-seculo-xx.html.](http://obviousmag.org/escritos_desafinados/2015/02/greta-garbo-e-o-feminismo-no-seculo-xx.html)

YOU REMEMBER THIS. **Veronica Lake (dead blondes episode 4).** 2017. Disponível em:
[http://www.youmustrememberthispodcast.com/episodes/2017/2/20/veronica-lake-dead-blondes-episode-4.](http://www.youmustrememberthispodcast.com/episodes/2017/2/20/veronica-lake-dead-blondes-episode-4)

DOCUMENTOS FÍLMICOS

BAUER, Tristán. **Evita após a morte** (Documentário), Argentina, 1997, 50min.

PARKER, Alan. **Evita** (filme), Estados Unidos, 1996, 134 min.